

Rayan Aramís de Brito Feitoza
Emeide Nóbrega Duarte
(AUTORES)



GESTÃO DO CONHECIMENTO

NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL
Institucionalização e posicionamento científico

GESTÃO DO CONHECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Institucionalização e posicionamento científico



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Terezinha Domiciano Dantas Martins

Reitora

Mônica Nóbrega

Vice-Reitora



Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Evandro Leite de Souza

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Síglia Lima Mendes

Organização Técnica de Seleção - PRPG



Editora UFPB

Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

Diretora Geral da Editora UFPB

Rildo Coelho

Coordenador de Editoração

Rayan Aramís de Brito Feitoza
Emeide Nóbrega Duarte
(Autores)

GESTÃO DO CONHECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Institucionalização e posicionamento científico

Editora UFPB
João Pessoa
2025

1ª Edição - 2025

Obra vinculada ao Edital PRPG/UFPB N° 01/2024, financiado pelo Programa de Apoio à Produção Científica (PRÓ-PUBLICAÇÃO DE LIVROS) da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, autorizada pelos autores para publicação em formato e-book.

Direitos autorais 2025 - Editora da UFPB



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitada a Licença Creative Commons indicada.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES.

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À:



Cidade Universitária, Campus I - Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa - PB CEP 58.051-970
Site: www.editora.ufpb.br
Instagram: @editoraufpb
E-mail: atendimento@editora.ufpb.br
Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à



CONSELHO EDITORIAL ESPECIAL - PRPG

(Edital PRPG/UFPB Nº 01/2024 – Portaria Nº 01/2024 – Reitoria)

Adriana Carla Costa Ribeiro Clementino (Ciências da Saúde – UFPB)
Alexandre Luís Gonzaga (Educação e Letras – UFAC)
Carlos Junior Gontijo Rosa (Educação e Letras – UFAC)
Carlos Xavier de Azevedo Netto (Ciências Sociais Aplicadas – UFPB)
Cleide Vilanova Hanisch (Ciências Sociais Aplicadas – UFPB)
Daniel Germano Maciel (Ciências da Saúde – UFPB)
Eduardo Sérgio Soares Sousa (Ciências Médicas – UFPB)
Giciane Carvalho Vieira (Ciências da Saúde – UFPB)
Italo Roger Ferreira Moreno P. da Silva (Energias Alternativas e Renováveis – UFPB)
José Diego Sales do Nascimento (Ciências da Saúde – UFPB)
José Irialdo Alves Oliveira Silva (Ciências Jurídicas – UFPB)
Manoel Coracy Saboia Dias (Filosofia e Ciências Humanas – UFAC)
Marcelo Rodrigo da Silva (Comunicação Turismo e Artes – UFPB)
Michel Ferreira dos Reis (Educação e Letras – UFAC)
Pedro da Silva de Melo (Educação e Letras – UFAC)

Catologação na fonte: **Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

F311g Feitoza, Rayan Aramís de Brito.
Gestão do conhecimento na ciência da informação
no Brasil : institucionalização e posicionamento
científico [recurso eletrônico] / Rayan Aramís de Brito
Feitoza, Emeide Nóbrega Duarte. - Dados eletrônicos -
João Pessoa : Editora UFPB, 2025.

E-book.
Modo de acesso: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press/>
ISBN: 978-65-5942-298-2

1. Ciência da informação. 2. Gestão do conhecimento. 3.
Institucionalização científica. I. Duarte, Emeide Nóbrega. II. Título.

UFPB/BC

CDU 007

Como citar a publicação no todo (ABNT 6023:2018):
FEITOZA, Rayan; DUARTE, Emeide. **Gestão do conhecimento na Ciência da Informação no Brasil**: institucionalização e
posicionamento científico. João Pessoa: Editora UFPB, 2025. E-book (141 p.). ISBN 978-65-5942-298-2. Disponível em: _____.
Acesso em: 00/00/00.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
-----------------------	----------

Dra. Rosilene Agapito da Silva Llarena

APRESENTAÇÃO	11
---------------------------	-----------

*Rayan Aramís de Brito Feitoza
Emeide Nóbrega Duarte*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
-------------------------------------	-----------

CAPÍTULOS

1. A INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA WHITLEYLIANA E AS ESTRUTURAS COGNITIVA E SOCIAL	16
--	-----------

2. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL E A GESTÃO DO CONHECIMENTO	31
--	-----------

3. TRILHA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DE INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA	62
--	-----------

4. INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA E POSICIONAMENTO DA GESTÃO DO CONHECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA	77
---	-----------

NOTAS DE FIM	135
---------------------------	------------

SOBRE O AUTOR E A AUTORA	136
---------------------------------------	------------

NOTA À EDIÇÃO	138
----------------------------	------------

PREFÁCIO

Em tempos de grandes crises, essencialmente a informacional, e de tentativas sem precedentes de desvalorização do conhecimento e da ciência emergem, concomitantemente, esforços teórico-práticos, reflexões e discussões, ações, programas, projetos e políticas, que lutem e digam o contrário: que o conhecimento e sua gestão é fator chave para aprendizagem organizacional; tomadas de decisão; planejamento e sua efetivação eficientes; satisfação de necessidades e interesses informacionais, organizacionais, sociais, educacionais dentre outros; construção de conhecimentos e tecnologias inovativas; melhora de fluxos informacionais; e, dentre muitas outras coisas, formação de competências e habilidades. E mais!!!, a institucionalização e a cientificidade dessa gestão, faz a benquerença do conhecimento insurgir como uma fênix (ou *bennu* – ave originária da mitologia egípcia e transmitida para a grega), capaz de renascer das suas próprias cinzas (como dito pelo poeta Hesíodo em sua obra intitulada ‘Os preceitos de Quíron’ e nas narrativas do historiador e geógrafo Heródoto, o pai da História, em seu livro ‘Histórias 2’ passagem 73) e transformar ambientes, realidades e seres. Em outras palavras, o conhecimento – historicamente locado nas esferas de poder e seus interesses, portanto, elitizado – torna-se, nas sociedades atuais, a ferramenta mais preciosa e valiosa frente aos diversos interesses, essencialmente o organizacional. Ressurge não como conhecimento elitizado ou àquele em que o poder vigente permite adquirir imposto pelas doutrinas e ideologias interessadas e interesseiras, e sim como conhecimento compartilhado, atribuído, somado, dividido, refletido, recriado, reelaborado, com valores voltados às sabedorias refletidas pelos povos ancestrais, históricos, milenares, pelos grandes filósofos e estudiosos do ser humano enquanto ser holístico, mul/plurifacetado.

Há muito esses povos já realizavam e defendiam a gestão do conhecimento, não no sentido próprio do termo, mas na valorização da aquisição do conhecimento organizado para que pudesse ser utilizado

em determinados fins e construção de novos conhecimentos. E, em meio a toda essa complexidade, a gestão do conhecimento se efetiva como ferramenta de organização, controle, compartilhamento, estrutura de novos regimes de informação, construção de comunidades de práticas de conhecimento, construção de habilidades e competências para atuar nas diversas esferas sociais e tecnológicas e, favorecimento de aprendizagens organizacionais que favoreçam inovação. Portanto, a gestão do conhecimento enquanto subárea da Ciência da Informação, caracteriza-se como a nova fênix. Ressurgindo no seu sentido e sendo, cada vez mais, estudada e valorizada no meio científico.

Nesse contexto, a Ciência da Informação, assim como alguns outros domínios do conhecimento, soma-se ao esforço da fênix, para além de suas lágrimas que podiam curar doenças – assim como o conhecimento cura doenças sociais econômicas, educacionais etc. – e do lindo entoo de seu canto que encantava os ouvidos e sucumbiam as almas – do mesmo modo que o conhecimento elege o homem ao profundo de sua sabedoria elevando-o à ética do saber e proporcionando a evolução do ser e do desenvolvimento da humanidade por meio do conhecimento bem gerenciado.

Eis, então, que em meio à Ciência da Informação, dois autores com histórias de vidas, também semelhantes ao mito da fênix – Rayan Aramís de Brito Feitoza e Emeide Nóbrega Duarte – presenteiam aos estudiosos da Gestão do Conhecimento do Brasil e do Mundo o emergir das cinzas por meio da discussão tão necessária e que, até então, não havia sido concretizada da forma como se apresentou na tese que originou este livro: uma oportunidade para alçar voos mais altos por meio da compreensão da institucionalização e posicionamento científico da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil.

Sobre os autores, àqueles a quem chamo de ressuscitadores e potencializadores do tema Gestão do Conhecimento, fazendo analogia ao papel da fênix (isso porque no Brasil, não sei se por causa da citada crise ou as próprias tentativas históricas de desvalorização do conheci-

mento ou a falta de motivação e predisposição para entender a Gestão do Conhecimento para além do termo em que foi cunhada, mas entendê-la nas suas entrelinhas, ações, intenções, objetivos, responsabilidades e contribuições socioinstitucionais ou qualquer outro motivo, existe, dentre alguns poucos estudiosos da Ciência da Informação, a insistência em manter algumas barreiras que, já há muito foram derrubadas sob os âmbitos de distintos arbítrios da gnose) atribuo, por meio deste livro, o propósito de aflorar não apenas a cientificidade e a institucionalização da Gestão do Conhecimento, mas a lírica que a engrandece e a cura que proporciona junto à construção e compartilhamento do conhecimento nas mais distintas organizações, sociedades e propósitos.

São autoridades! Ambos doutores e pesquisadores da área. O primeiro (Rayan), discípulo! Foi acompanhado pela segunda desde o início de sua vida acadêmica. A Emeide, mestre! Pós-Doutora, é referência nacional e internacional em Gestão do Conhecimento. Para além da relação entre mestre e discípulo é essa dupla quem trouxe a evidência que faltava para um renascimento contínuo da área: atributos de sua institucionalização e cientificidade.

Sobre esses escritos, se não fossem tão magnificamente científicos, até se poderia utilizar a máxima: “Contra fatos não há argumentos!”. Essa máxima ‘positivista-descritivista-objetivista’ parte da premissa de que a argumentação é inútil, portanto, dispensável diante de determinados fatos impedindo, como uma pretensa ‘autoridade ôntica’, qualquer forma de objeção, esvaziando, retoricamente, o contraditório.

Ao contrário, este trabalho está aberto ao debate e não termina por ele próprio. Prova disso é que suas considerações finais se apresentam de maneira interrogativa e seus capítulos abrem precedentes para reflexões aprofundadas necessárias aos posicionamentos das distintas áreas científicas que discutem a Gestão do conhecimento. Além disso, reflete as estruturas cognitivas e social estruturadas em componentes que fazem emergir o conhecimento levando à necessidade de sua gestão. Reflete, também: os estudos sobre a Gestão do Conhecimento

no âmbito da Ciência da Informação; os indicadores e componentes estruturais que se transformam em categorias analíticas pungentes frente ao processo de institucionalização científica da Gestão do Conhecimento; a institucionalização das estruturas cognitivas e social e, o mais importante: o posicionamento científico da própria Gestão do Conhecimento no âmbito da Ciência da Informação no Brasil.

É o renascimento, o emergir das cinzas! A oportunidade para certificar que, quanto melhor gerenciado, melhor se concretizará o conhecimento organizacional, social, educacional, dentre outros tipos de conhecimento, transformando vidas, espaços, pensamentos e ações. É a oportunidade para fazer ciência compartilhada e ressuscitadora.

Então, por que não se juntar aos autores dessa obra e contribuir com novas ideias científicas acerca da institucionalização científica da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação brasileira e mundial e das outras áreas do conhecimento que estudam o tema? Este, portanto, é um trabalho que, como a fênix, instiga novos voos, novas reflexões, novos argumentos e renascimentos, características fortes essas que também são dos autores. Por ela ressurgi das cinzas!!! Ressurja você também, leitor!!!

Dra. Rosilene Agapito da Silva Llerena

Professora Doutora e Pós-doutora em Ciência da Informação e pesquisadora da Gestão do Conhecimento.

Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

APRESENTAÇÃO

Este livro é fruto de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), com Área de Concentração em 'Informação, Conhecimento e Sociedade', na Linha de Pesquisa III 'Ética, Gestão e Políticas de Informação', da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, João Pessoa, Paraíba.

A realização desta pesquisa foi essencial para apresentarmos as atuais configurações teóricas e epistemológicas da Gestão do Conhecimento (GC) a partir da produção científica do maior evento da Ciência da Informação, o Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) que é reconhecido nacionalmente e internacionalmente, além dos atores e instituições formais e informais que constituem essa especialidade da Ciência da Informação no Brasil.

A idealização e a operacionalização da pesquisa de doutoramento, que agora se desdobra nesta obra, parte de uma trajetória constituída pela intensidade, curiosidade-paixão e colaboração entre os autores. A partir das vivências acadêmicas, a GC no contexto da Ciência da Informação e da Arquivologia e Biblioteconomia foi, aos poucos, entrando em nossas vidas acadêmicas, moldando os horizontes pessoais, e construindo marcos que ficarão registrados em nossas jornadas.

Assim, as justificativas que motivaram a construção desta pesquisa levam em consideração as questões de ordem pessoal e acadêmica, as condicionantes na perspectiva acadêmico – científica, do contexto inovador, das contribuições para o âmbito institucional, além da perspectiva e de seu impacto social.

Esses itens coadunam para argumentar e sustentar a originalidade e a relevância da constatação da GC enquanto especialidade da Ciência da Informação brasileira em constante processo de institucionalização científica.

Esses fatores de impacto do estudo aqui apresentados foram avaliados, a partir de indicadores da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por uma comissão interna do PPGCI

da UFPB que selecionou esta pesquisa para concorrer ao Prêmio CAPES de Teses - Edição 2023. Consagrando, assim, a “melhor” tese defendida e aprovada no âmbito do Programa, em 2022.

Esta obra está organizada em 4 (quatro) capítulos, além da introdução e considerações finais. O capítulo 1(um) trata da institucionalização científica whitleyiana e das estruturas cognitiva e social, apresentando as contribuições teórico-metodológicas de Richard Whitley sobre as estruturas de institucionalização cognitiva e social de uma área científica e das especialidades e áreas de pesquisa. Além disso, apresenta os componentes de análise das referidas estruturas. Em seguida, no capítulo 2 (dois), é abordado o contexto da Ciência da Informação no Brasil e a Gestão do Conhecimento, evidenciando os elementos que fortalecem o estabelecimento deste campo informacional e a GC enquanto tema de interesse.

O capítulo 3 (três) apresenta a trilha metodológica para análise de institucionalização científica ancorada na teoria whitleyiana. São elencadas a sistematização de categorias analíticas, indicadores e componentes, além da operacionalização da identificação e descrição dos componentes das estruturas cognitiva e social da GC na Ciência da Informação.

No capítulo 4 (quatro) são revelados os dados do atual grau ou estágio da institucionalização científica cognitiva e social e o posicionamento da GC na Ciência da Informação brasileira. Por fim, apresentam-se as considerações finais, seguidas das referências e informações sobre os autores.

Convidamos acadêmicos, professores e estudantes de graduação e pós-graduação, pesquisadores e profissionais para lerem esta obra e refletirem sobre a importância da ampliação e estabelecimento da Gestão do Conhecimento nesta área científica da informação.

Rayan Aramís de Brito Feitoza
Emeide Nóbrega Duarte

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Levando em consideração a pluralidade de problemas informacionais em diversos setores da sociedade, a Ciência da Informação tornou-se um dos campos responsáveis pelas resoluções dessas questões no contexto organizacional, considerando seus fluxos, a partir do (re) conhecimento desse fenômeno como teoria na Ciência da Administração.

Nesse limiar, Pinheiro (2006) esclarece que em meados da década de 1990, surgiram disciplinas inovadoras na Ciência da Informação relacionadas aos aspectos de informação estratégica, contribuindo para a aproximação dessa área com a Ciência da Administração, por meio de aspectos de pesquisas teóricas e práticas.

Entre os estudos que podem ratificar tais relações, temos o contributo de Alves e Duarte (2015) que apresentam os pontos de convergências entre a Ciência da Informação a Ciência da Administração; a pesquisa de Feitoza (2019) que aborda as aproximações entre três áreas emergentes no contexto da Gestão do Conhecimento (GC), sendo a Ciência da Informação, a Arquivologia e a Administração; e o estudo de Padilha Neto (2020) que investiga a composição curricular do curso de Biblioteconomia voltada para a área da gestão respaldada nas relações interdisciplinares entre a Ciência da Informação e a Ciência da Administração.

Embora a GC esteja como uma das teorias estudadas no campo da Ciência da Informação, com contribuições teórico-metodológicas e de práticas realizadas nos ambientes organizacionais contemporâneos e em múltiplos contextos, essa disciplina é relativamente nova no escopo dos estudos informacionais (Cianconi, 2003; Duarte, 2003; Barbosa, 2008; Valentim, 2008; 2021; Souza; Dias; Nassif, 2011).

Nesse sentido, a GC está presente tanto no discurso prático de profissionais de diversificados segmentos ou campos de atuação, entre eles os dos profissionais da informação (Arquivistas, Bibliotecários, Museólogos e Gestores da Informação), quanto no discurso científico,

apresentando características multidisciplinares ou interdisciplinares, por meio de suas relações de interesses heterogêneos, de suas perspectivas, e de seus problemas de pesquisa com outras disciplinas (Alvares *et al.*, 2020).

Na Ciência da Informação, por vezes, a GC suscita questionamentos quanto ao seu desenvolvimento epistemológico, conceitual, metodológico e científico, devido à sua complexidade, como aponta Wilson (2002).

Sendo assim, os problemas que contornaram esta investigação são fatores ligados à dimensão intrínseca (estrutura cognitiva) da GC que se debruçam em suas bases conceituais, questões de ordem terminológica, histórica, epistemológica e metodológica, e aos seus fatores relacionados à dimensão extrínseca (estrutura social) que estão conexos ao seu (re) conhecimento enquanto especialidade ou área de pesquisa no campo da Ciência da Informação no Brasil no que tange à sua identidade social, à estrutura na comunicação científica, aos atores/agentes e às instituições. Tais fatores apontam indagações correspondentes ao estabelecimento e ocupação da GC nesse campo informacional.

As inquietações e as discussões no percurso da vivência dos autores apontaram para a questão central da pesquisa, a seguir como se configura o processo de institucionalização científica da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, a partir de suas estruturas cognitiva e social?

A busca por respostas a tal inquietação levou à formulação de alguns objetivos, sendo o principal deles analisar o processo de institucionalização científica da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, a partir de suas estruturas cognitiva e social, tomando como norte o Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) e atores institucionais da área.

Buscamos, ainda, sistematizar os critérios para avaliação dos níveis ou estágio(s) de institucionalização social e cognitiva da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação, fundamentados na teoria whitleyana; identificar os componentes que formam as estruturas cognitiva e social da GC na Ciência da Informação no Brasil; inferir sobre

o atual estágio do processo de institucionalização científica da GC neste campo informacional; e, por fim, evidenciar o posicionamento da GC na Ciência da Informação no Brasil a partir de seu estágio de institucionalização científica.

CAPÍTULO 1

A INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA WHITLEYLIANA E AS ESTRUTURAS COGNITIVA E SOCIAL

O título deste capítulo faz alusão a perspectiva de Richard Whitley, a partir de sua obra *“Social processes of scientific development”*, publicada em 1974, sobre o seu entendimento de desenvolvimento científico enquanto um processo de institucionalização. Esse trabalho foi desenvolvido no âmbito da Sociologia da Ciência, e tem como consequência um modelo teórico-metodológico para análise do processo de institucionalização científica.

É ancorada nesta teoria que esta obra se fundamenta tanto no ponto de vista teórico, como metodológico, no contexto da Ciência da Informação. Trevisol Neto (2015) afirma que neste campo informacional a teoria whitleyana é bem aceita entre os pesquisadores e que, inclusive, já subsidiou a análise de diversos estudos da própria Ciência da Informação e de suas subáreas.

Richard Whitley fundamenta sua teoria de institucionalização científica por meio de fatos exemplificados no contexto da Física, mas argumenta ser possível aplicar as estruturas ou categorias que fundamentam seu pensamento a todas as áreas científicas ou a todos os campos científicos. Do ponto de vista estrutural e organizativo, a ciência, para Whitley (1974, p. 70, tradução nossa), “consiste de uma variedade de estruturas cognitivas com diferentes níveis de fechamento, e a coerência, a articulação e o modo de variação dessas estruturas tem consequências no seu desenvolvimento.”

Para Bazi e Silveira (2007, p. 134) a institucionalização na visão de Richard Whitley é entendida como “a constituição de um campo científico e como ele se formaliza e se incorpora ao conjunto das ciências, tendo em

vista suas práticas, seus processos, seus instrumentos e seus arcabouços teóricos e metodológicos.” Nesse contexto, esse processo é demarcado por estruturas que sustentam a constituição do campo ou área do ponto de vista do saber, quanto do ponto de vista instrumental e institucional.

O conceito de institucionalização remete à padronização de ações e de significados, o grau de coerência e organização das ações e percepções, bem como o grau de articulação e aderência das ideias que constituem o grau de institucionalização (Whitley, 1974). Segundo Trevisol Neto (2015, p. 64) “Quando os membros integrantes de uma mesma comunidade científica compartilham objetivos, métodos, problemas, ideias, resoluções e ações práticas e teóricas, isso reflete um alto grau de institucionalização.”

Além disso, existem diferentes níveis na estrutura cognitiva da ciência. Dessa forma, diferentes graus de institucionalização, em diferentes níveis, podem ser vistos como graus de permeabilidade à novidade, de resistência às representações alternativas e interpretação dos resultados ou modos alternativos de compreensão (Loureiro-Alves, 2010, p. 49).

Nesse contexto, compreendemos que a teoria whitleyana abarca o grau de institucionalização como um marco ou fator importante para análise do desenvolvimento científico, pois é a partir dessa mensuração que podemos compreender como a ciência ou a área reflete a articulação e a coerência das ideias. Quanto maior o grau de institucionalização de uma área, maior será sua autonomia.

Segundo Whitley (1974) uma área possui um grau de institucionalização elevado quando os agentes científicos (cientistas) têm como ponto de partida uma posição em comum sobre os seus próprios objetivos, métodos, explicações e ideais. É como uma característica distinta da área, sendo o oposto da desestruturação das expectativas de outras áreas. A teoria whitleyana prega o processo de institucionalização científica

a partir de estruturas que, mesmo não impedindo que apresentem diferentes níveis de desenvolvimento, estão entrelaçadas: a estrutura cognitiva e a estrutura social da ciência (Whitley, 1974).

Primeiramente, é importante entender que essas duas estruturas são dependentes, estabelecidas pelas trocas e complementos que uma dá a outra. A estrutura cognitiva exerce e sofre influências sobre a estrutura social de uma área, bem como a estrutura social também pode emergir e sofrer influências sobre a estrutura cognitiva de um campo científico. Mesmo caracterizadas e apresentadas com iguais ou diferentes níveis, elas se complementam.

Tendo em vista essa concepção, Arboit (2014, p. 101) entende essas estruturas como um processo sociocognitivo para “representar melhor as instituições cognitivas e sociais, tendo em vista que ambas as dimensões em nenhum momento se separam e não estão somente justapostas, mas são também indissociáveis e mutuamente penetráveis.”

Importante compreender que para uma análise da correlação entre as estruturas cognitiva e social de uma área ou campo científico, devemos levar em consideração o seu contexto histórico, e as manifestações causadas pelas instituições e pelos agentes que o compõe (Whitley, 1974).

Whitley (1974) entende que essas estruturas, ao serem dependentes, estabelecem trocas sensíveis, de percepções fáceis e complexas, mas que definem as atitudes ou práticas no âmbito de uma disciplina científica. A sistematização proposta pelo teórico caracteriza e delimita os espaços de atuação das estruturas cognitiva e social da institucionalização científica. Enquanto a cognitiva está orientada para a clareza dos elementos de sistema conceitual de uma determinada ciência, a social centraliza na organização do campo a partir das estruturas formais e informais que orientam e validam as atividades científicas (Bazi; Silveira, 2007).

A institucionalização cognitiva está ligada aos próprios conhecimentos da área, às bases teóricas e aos conceitos consensuais entre os pares, às questões de problemas ou problemáticas abordadas nas pesquisas e nos eventos/encontros científicos, à aceitabilidade das

soluções apresentadas, à metódica ou à métodos, instrumentos e técnica de coleta e à organização e análise de dados e dos fenômenos estudados, aponta Whitley (1974).

As reflexões de Bazi e Silveira (2007) sobre essa teoria apontam que as questões terminológicas, teóricas, epistemológicas, metodológica, e relações interdisciplinares constituem o domínio da institucionalização cognitiva. De acordo com esses autores é nesta estrutura que se encontra a discussão sobre os atores da ciência que entendem e desenvolvem o arcabouço teórico-metodológico que essa ciência se insere, além do consenso que se estabelece entre eles sobre esses componentes que constituem o conhecimento tácito da área. Além disso, pensando nas linguagens de especialidades, os termos e os conceitos são importantíssimos e são sustentados por esses atores que formam a área ou campo científico. Ao contrário disso

[...] uma clara evidência da desarticulação relativa à institucionalização cognitiva se alicerça na ausência de definições comuns e uso de termos técnicos, sendo atribuídas expressões de linguagens que não estão enquadradas em jargões especializados e relativamente autônomos (Martins, 2014, p. 46).

A estrutura cognitiva de uma área ou ciência está orientada para o grau de consenso atribuído em seus aspectos epistemológicos, teóricos e metodológicos, para a identificação, legitimação e aceitação da pertinência dos problemas e das problemáticas formuladas, para a aceitabilidade das soluções encontradas e para o reconhecimento que seus métodos, técnicas e instrumentos utilizam para tratar dados e fenômenos em torno do seu objeto de estudo (Palermi; Polity, 2002).

Em síntese, a teoria whitleyana, ao demarcar os componentes que configuram a estrutura cognitiva da ciência, cita dois grandes aspectos que caracterizam essa premissa: “[...] primeiro, se refere ao nível de consenso e clareza de formulação, critérios de relevância problemática, definição e

aceitabilidade de soluções assim como as técnicas apropriadas utilizadas e instrumentação. Segundo, define a atividade de um cientista em termos de consenso.” (Whitley, 1974, p. 72, tradução nossa). Em especial ao segundo aspecto, Martins (2014) lembra que a base da institucionalização cognitiva se relaciona com o capital científico puro apresentado por Bourdieu (2004), entendendo que parte de um prestígio social do pesquisador, repousando quase que exclusivamente sobre o reconhecimento institucionalizado entre os pares.

Whitley (1974) esclarece que um campo científico ou uma área científica será considerado com alto grau de institucionalização cognitiva, desde que seus pesquisadores compartilhem posturas comuns no que se referem aos objetivos, métodos e ideias. Essas áreas com alto nível de institucionalização cognitiva permitem prever o que o cientista irá ou poderá pesquisar, os modelos e as técnicas que podem adotar, e suas explicações serão bem aceitas pela comunidade/sociedade científica. Nesse contexto, o alto nível cognitivo da ciência denotará um entendimento coerente sobre as regras estabelecidas para resolução de problemas a partir de técnicas confiáveis e bem aceitas, e não haverá preocupação quanto à explicação formal do objetivo almejado e dos caminhos teóricos e metodológicos escolhidos.

Ainda nesse limiar, a formalização se desenvolve por meio das atividades e da produção científica dos cientistas que são registradas em diferentes canais de comunicação. O que abona o alto nível de institucionalização é o conhecimento tácito. Assim, “um mínimo de consenso sobre este nível básico de conhecimento é condição prévia para existência de uma ciência empírica.” (Whitley, 1974, p. 73).

Quando uma área ou ciência apresenta um baixo grau de institucionalização científica apresentará ausências de definições em comum, linguagens e termos técnicos, sendo substituídos por expressões que não estão enquadradas em contextos especializados e de caráter autônoma. Como aponta Loureiro-Alves (2010, p. 52), ao refletir sobre os escritos de Whitley, “na medida em que qualquer sobreposição linguística

ou simbólica ocorrer, será através da linguagem comum e não através de uma terminologia especializada” que essas áreas irão se refugiar.

As áreas científicas, com um baixo grau de institucionalização cognitiva serão interpretadas como agentes que apresentam baixo nível de ordem intelectual na comunidade devido à falta de consenso ou compromissos comuns. Assim, os cientistas de um campo vão dispor de valores básicos comuns e outras crenças constantes sobre a natureza de um empreendimento científico, mas os seus trabalhos em conjunto serão desconexos e desarticulados, e sempre deverão justificar os significados de suas atividades de forma mais explícita. Quanto mais institucionalizado o campo em que o cientista atua, mais definidas são sua identidade cognitiva e sua área de atuação (Whitley, 1974).

Outro ponto que evidencia a institucionalização cognitiva de uma área é a previsibilidade de trabalho, dada à definição de seu campo de interesse. Também, por intermédio desse aspecto identifica-se o reconhecimento da identidade cognitiva que, quanto mais clara, melhor identificará determinada área de outras e o conhecimento latente por trás de sua situação problemática das demais áreas, por seus pesquisadores. É a partir deste aspecto que se espera que a identificação social seja parte constitutiva, uma vez que as implicações da identidade cognitiva têm reflexos na ordem social interna e reconhecimento externo da área, alocando recursos que garantam seu desenvolvimento (Martins, 2014, p. 46).

Entendemos que as estruturas cognitiva e social da institucionalização científica são complementares e uma interfere na outra. Enquanto os componentes cognitivos estão alocados nas questões intrínsecas de uma área, sobre sua possibilidade teórico-metodológica autônoma, os componentes ligados à institucionalização social estão orientados por manter e organizar o estatuto científico a partir de

estruturas formais do campo, promovendo a ascensão, autonomia e identidade social na comunidade.

A institucionalização social diz respeito “à criação e manutenção de estruturas formais que demarcam os membros da estrutura cognitiva.” (Whitley, 1974, p. 75, tradução nossa). Essas estruturas formalizadas são fundamentais para que uma área ou ciência se torne visível entre as comunidades a partir de seus estudos e resultados.

Whitley (1974) explica que os níveis de avaliação da institucionalização social estão focados na interação entre os profissionais de outras áreas relacionadas, na legitimação de periódicos especializados e nos códigos de conduta de ética, para que assim possa se estabelecer a identidade social de uma área científica. Aqui, são representados o conjunto de características da área a partir de uma visão total de seus agentes que compõem o campo.

Nesse âmbito, estão as sociedades profissionais que os cientistas fazem parte, as redes de contato e de interação que eles estabelecem, os eventos científicos que participam com regularidade, os cursos que atuam, e os canais de comunicação como periódicos onde avaliam e publicam suas pesquisas. A partir desses elementos, o sistema científico é capaz de definir o seu círculo profissional e social (Whitley, 1974).

Assim como na institucionalização científica cognitiva, para analisar os níveis de institucionalização social de uma área também devemos levar em consideração duas importantes dimensões: sendo a primeira “o nível de organização interna e definição de limites” e a segunda, “o nível de integração dentro das estruturas sociais prevalentes de legitimação e alocação de recursos. Para a ciência, esta segunda dimensão geralmente se refere ao nível de integração em departamentos universitários e currículo de ensino.” (Whitley, 1974, p. 72, tradução nossa).

A organização interna do campo está ligada diretamente com a constituição e configuração de cursos de graduação e de pós-graduação, periódicos científicos, grupos de pesquisa, eventos científicos, eventos profissionais, associações e comunidades/sociedades científicas. Já a

integração social dos campos com outras comunidades científicas e a predominância da área em estruturas legitimadas se refere a organização social. Nesse sentido, a institucionalização social, em um senso social, ocorre após um senso cognitivo, que deverá formalizar a organização social somente com base em um nível substancial de institucionalização cognitiva e institucionalização social interna (Martins, 2014).

Essa segunda dimensão de Whitley (1974), dando ênfase a integração da área científica dentro da estrutura universitária e nos currículos de cursos, reflete o modelo dominante atual na organização social da institucionalização científica, a Universidade. Compõem o processo da organização social no contexto universitário “a formação de profissionais em nível de pós-graduação, a criação de vagas nos departamentos com exigência cada vez maiores, de níveis de especialidades da área, corpo docentes compostos por estudiosos com destaque e criação acentuada de disciplinas destaques.” (Martins, 2014, p. 47).

Quando uma área está socialmente institucionalizada passa a servir de base para a sua identidade social, possibilitando a clareza para quais sociedades profissionais os pesquisadores/cientistas pode se juntar, quais os tipos de evento eles poderão participar e discutir sobre as situações-problemas e resultados de seus estudos, além de conseguir visualizar os periódicos científicos que podem avaliar, publicar e disseminar suas pesquisas. Porém, quando o nível de institucionalização social for baixo, as áreas não possuirão estruturas claras de canais formais de comunicação, de eventos que possibilitem a reunião de pesquisadores, e a sua demarcação e organização social será consideravelmente mais difícil e limitada (Whitley, 1974).

O autor enfatiza que em um cenário onde uma área ou campo científico possua baixo nível de institucionalização científica,

os cientistas podem formar grupos sociais relativamente pequenos, bastante coesos em torno de um problema

ou o modo de entendimento comum como um meio de lidar com a falta de estrutura externa. Contatos pessoais serão mais importantes como um meio de obtenção de informações e de legitimação do próprio trabalho e de outras de pesquisas (Whitley, 1974, p. 75, tradução nossa).

A institucionalização social é demarcada por uma base cognitiva compartilhada entre os membros da comunidade científica, sendo suficientemente aberta para que as suas ações de pesquisa, discussões e reflexões sejam compartilhadas, refletindo, assim, a organização interna da área científica ou do campo científico. Trevisol Neto (2015, p. 66) explica que “em áreas institucionalizadas os avaliadores/revisores dos periódicos científicos são capazes de aplicar padrões consistentes e coerentes na avaliação dos produtos científicos, isso decorre da clareza e coerência cognitiva adjacente.”

Contudo, compreendemos que as estruturas cognitiva e social estabelecem relações entre seus elementos, e que essas estruturas não são excluídas ou manipuladas. No entanto, ambas são dependentes uma da outra, enquanto uma avança dentro de um campo, a outra também cresce, e se alguma delas estagnar, a outra também pode acompanhá-la (Bazi; Silveira, 2007). Whitley (1974), portanto, estende a sua teoria de institucionalização científica para os conceitos de especialidade e áreas de pesquisa no âmbito da ciência, não se tratando da mesma coisa.

ESPECIALIDADES E ÁREAS DE PESQUISA: o posicionamento em uma área científica

A teoria whitleyana, sobre institucionalização científica, estabelece que a especialidade é entendida como “uma aglomeração de áreas de pesquisa ou um conjunto de “conjuntos de situações-problema.” (Whitley, 1974, p. 77, tradução nossa). Já as áreas de pesquisa formam e se caracterizam por um conjunto de situações-problemas, no qual são

inseridos os seus agentes e os seus processos científicos. “Essas distinções têm o objetivo de serem ortogonais. Poderá ter diferentes níveis de institucionalização social e cognitiva tanto nas áreas de pesquisa como nas especialidades.” (Whitley, 1974, p. 72, tradução nossa).

A especialidade corresponde ao agrupamento de áreas de pesquisa em um conjunto de situações dignas de problematizações de pesquisa tendo um objeto central em comum, enquanto que as áreas de pesquisa caracterizam objetos e problemas de pesquisa mais específicos de acordo com os agentes e seus procedimentos científicos de interesse (Silva, 2019, p. 58).

As especialidades são demarcadas pelo mesmo modelo de conhecimento dominantes, como situações-problemas diversas que levam a ramificações consideradas como áreas de pesquisa. “Especialidades, então, são distinguidas por conter um modelo, ou um limitado conjunto de modelos, que buscam explicar os ‘fatos’ existentes e direcionar investigações mais aprofundadas.” (Whitley, 1974, p. 80, tradução nossa).

As áreas de pesquisa, a partir de seu conjunto de situações-problema, apresentarão semelhanças cognitivas tendo em vista que possuirão um mesmo fenômeno de investigação. No entanto, não irão dispor de definições idênticas e cada uma das situações utilizarão métodos e técnicas para avaliação dos fenômenos envolvidos. Martins (2014, p. 48) explica, como sabe nos escritos de Whitley (1974), que “para expor modelos dominantes de conhecimento, as áreas de pesquisas deverão desenvolver peculiaridades de estudo baseadas em mecanismos exploratórios e descritivos bem articulados”.

“As especialidades e áreas de pesquisa interagem de acordo com pontos de convergência, que se direcionam para os fenômenos estudados, os materiais analisados e as técnicas utilizadas.” (Trevisol Neto, 2015, p. 67). Considerando os conceitos e os argumentos de Whitley (1974), podemos evidenciar que, após a formação das especialidades e

das áreas de pesquisa, será difícil a não apresentação de nenhum nível, baixo ou alto, de institucionalização científica social ou cognitiva. Dessa forma, as especialidades e as áreas de pesquisa também possuem suas institucionalizações científicas cognitivas e sociais.

Uma especialidade é identificada como altamente institucionalizada cognitivamente quando é bem delineada, com modelos sistemáticos particulares que emerge como abordagem dominante da especialidade. Com alto nível de institucionalização, o campo das especialidades possui consenso sobre os modelos apropriados, coerência e aplicação desses modelos. A partir das considerações de Whitley (1974), Martins (2014) aponta que

A organização cognitiva de uma especialidade é garantida pelo acordo sobre o objeto de preocupação geral e a institucionalização cognitiva lida com o nível de articulação de possíveis modelos para explorar esse objeto. Dado o nível de consenso na definição da realidade e na forma apropriada de entendimento, é possível identificar a relação que o cientista identifica sobre 'sua' especialidade (Martins, 2014, p. 50).

Quanto à institucionalização social das especialidades, Whitley (1974, p. 86, tradução nossa) explica que esse contexto “refere-se à organização formal de comunicação, associação e demarcação de uma especialidade a outra.” Também é levado em consideração um consenso mínimo de trocas de informações por meio de diferentes pesquisadores, reunião de sociedades ou comunidades profissionais e a legitimação de periódicos na área da especialidade. Como cada área define o grau de importância dos seus eventos e mecanismos, é importante entender que não há como estabelecer quais desses componentes possuirão um nível mais alto de institucionalização social.

Já em “[...] situação onde a especialidade não é altamente institucionalizada cognitiva e socialmente, áreas de pesquisa podem

se tornar mais importantes como fontes de identidade cognitiva e social para os cientistas.” (Whitley, 1974, p. 88, tradução nossa), o autor destaca que uma especialidade com baixo nível de institucionalização pode ocasionar em um baixo número de modelos vagamente definidos objeto de diferentes interpretações. Mesmo com modelos claros, existe a possibilidade de ter especialidades pouco definidas quando não houver consenso sobre o modelo a ser utilizado e as suas fronteiras não estiverem claramente definidas em seu contexto de aplicação e relevância.

O que mede a institucionalização cognitiva de uma área de pesquisa são as conexões estabelecidas entre as fronteiras de investigação e as situações-problema, ou seja, quanto maior o consenso na definição do fenômeno ou do objeto, nas técnicas aplicadas, e nos resultados aceitos, maior será o nível de institucionalização cognitiva da área de pesquisa (Whitley, 1974; Martins, 2014).

Ainda de acordo com essas reflexões, a teoria whitleyana indica que a institucionalização cognitiva nas áreas de pesquisa também leva em consideração o princípio organizador de que um cientista pode se dedicar a uma determinada investigação para atividades finitas e restritas para o desenvolvimento da pesquisa, com limitações de materiais e técnicas meramente adequadas com aplicações específicas.

Martins (2014), analisando a institucionalização social interna das áreas de pesquisa na teoria de Richard Whitley, verifica que essa se alinha aos das especialidades, se estabelecendo a partir do reconhecimento dos trabalhos dos cientistas de forma comum e a relação entre essas pesquisas científicas. Essa organização social interna é válida a partir dos fatores de colaboração e divisão de tarefas a partir de um consenso cognitivo ou sistema conceitual; domínio geral com aceitabilidade e consenso sobre os problemas denominados relevantes e interessantes, com sistema de avaliação diferenciada; e quando ocorrer um baixo consenso cognitivo, abordagens para um acordo no problema, sob a perspectiva de diferenças e de soluções que serão aceitáveis.

Haverá um nível muito baixo da institucionalização social interna, no caso das áreas de pesquisa, quando os cientistas trabalham em conjuntos de problemas triviais e não reconhecem uns aos outros como companheiros de discussões, estudos e pesquisas. Contraste a isso, a institucionalização científica social com elevado nível, garante também um estágio elevado de consenso e institucionalização cognitiva, mesmo que não haja consequência direta para as duas estruturas (Whitley,1974).

Tomando como base os conceitos de especialidades e áreas de pesquisa, podemos considerar o campo da Ciência da Informação como uma ciência que se constitui, do ponto de vista isolado, de especialidades que, apesar de possuírem um modelo dominante de conhecimento ou objeto de estudo – a informação – existem interesses e aglomerações de áreas de pesquisa com diversificadas situações-problema e movimentos interdisciplinares.

Martins (2014) toma como exemplo na Ciência da Informação brasileira os GT da ANCIB e ENANCIB, responsáveis por manter discussões, publicações e movimentos científicos de temas específicos e emergentes na área, além de terem cientistas responsáveis pela condução dos interesses em comum. Além disso, podemos tomar como exemplo as subáreas e/ou tendências teóricas da Ciência da Informação no Brasil apontadas por Araújo (2014a, 2017, 2018).

Em síntese, são apresentados, a seguir, os componentes facilitadores para análise das estruturas cognitiva e social da ciência ou área científica. Isso serviu como norte para sistematizar o método desta pesquisa, por meio de categorias analíticas e indicadores, a partir dos critérios de avaliação dos níveis de institucionalização científica da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil.

COMPONENTES DE ANÁLISE DAS ESTRUTURAS COGNITIVA E SOCIAL

Com base no que foi demonstrado e discutido até o momento, apresentamos os componentes necessários para análise e/ou avaliação da institucionalização científica cognitiva e social da ciência, tomando por base a teoria whitleyana, teórico que fundamenta suas contribuições a partir da Sociologia da Ciência. Além disso, o Quadro 1 também aponta alguns elementos refletidos e contribuídos com estudos sobre institucionalização social e cognitiva de Whitley (1974) por meio de pesquisadores da Ciência da Informação, como Bazi e Silveira (2007) e Martins (2014).

Quadro 1 – Componentes de análise da institucionalização científica a partir das estruturas cognitiva e social

INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA – WHITLEY (1974)		
ESTRUTURA COGNITIVA	Consenso e clareza nos aspectos teóricos e metodológicos	Linearidade e concordância da linguagem especializada a partir do emprego de termos técnicos e conceitos ou definições;
		Consenso e compromisso dos modelos de investigação: técnicas e/ou teorias comuns e articulados entre os cientistas.
	Definição de atividade de um cientista	Coerência e integração entre os objetos de análise;
		Previsibilidade da natureza do trabalho de um cientista a partir de sua identidade cognitiva;
		Consenso nas atividades de identificação, descrição e avaliação das pesquisas científicas.

ESTRUTURA SOCIAL	Organização Interna e definição de limites	Comunidades científicas, elementos que promovem a identidade social da área e as estruturas sociais que regulam o estatuto científico (grupos de pesquisa, unidade organizacional, associações/entidades científicas, profissionais);
		Compromissos, colaborações e acordos entre pesquisadores (colégios invisíveis e frentes de pesquisa);
		Veículos de comunicação científica (eventos científicos e periódicos científicos);
		Especialistas com formação na área.
	Integração das estruturas sociais	Oferta de disciplinas com temas que contemplem a especialidade;
		Vagas em universidades reservadas a especialistas da área;

Fonte: Elaborado por Feitoza (2022) com base em Whitley (1974), Bazi e Silveira (2007), e Martins (2014).

A institucionalização científica desenvolvida por Whitley (1974) funciona como um mecanismo teórico-metodológico para avaliação de disciplina científica, área científica, além de especialidade ou áreas de pesquisa. A partir de critérios estabelecidos, com adoção da realidade de uma ciência, é possível compreender o estado real do campo a partir dessa teoria. Como relata Trevisol Neto (2015, p. 67) “[...] Dependendo da realidade que se encontra, são apresentados modelos conceituais e estruturas profissionais: claras ou confusas, definidas ou indefinidas.”

Para abrangermos o processo de institucionalização da GC no campo da Ciência da Informação brasileira é necessário compreender como se configura esse campo informacional, mais especificamente os seus aspectos teóricos e institucionais que coadunam para o seu estabelecimento.

CAPÍTULO 2

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL E A GESTÃO DO CONHECIMENTO

O processo de desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil tem reflexo do contexto internacional, como os Estados Unidos, que consolidou a área a partir de diversos elementos disciplinadores teóricos e institucionais. Assim como no exterior, a Biblioteconomia e Documentação demarcou fortemente e historicamente a constituição e institucionalização da Ciência da Informação em seu percurso inicial no país.

Souza (2012) explica que a Ciência da Informação no Brasil foi sendo implantada paulatinamente a partir das condições técnicas e científicas da tradicional Biblioteconomia e a moderna Documentação, tendo como marco teórico e metodológico as práticas biblioteconômicas e documentárias por questões necessárias e pela emergência da Informação Científica & Tecnológica (IC&T). Um marco institucional na Ciência da Informação brasileira, na década de 1950, foi a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) no ano de 1954 por meio do decreto nº 35.124, de 27 de fevereiro daquele ano e posteriormente transformado no atual Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT) por meio da Resolução nº 20/76, de 25 de março de 1976 (Cunha, 2005; Pinheiro, 2007).

A própria associatividade entre as áreas da Biblioteconomia, Documentação e Informação promoveu um espaço para discussões e indícios de interdisciplinaridade e diálogo entre esses. Nessa perspectiva, o campo se estabeleceu em 1970 no Brasil se constituindo como um espaço de relações de forças que, por vezes, tenso, e outras de solidariedade fundamental (Souza, 2012). Essa implantação no país se deu pela necessidade de qualificar e capacitar profissionais que centravam suas

atividades na bibliografia e documentação científica a partir de cursos voltados para pesquisas científicas de diversas áreas como a Medicina e Ciências Agrícolas, transformando em Curso de Documentação Científica.

Esse curso foi de fundamental importância não só para a qualificação de profissionais, mas por ser um indício de transformações no grau de escolarização. Com o tempo o curso foi tornando-se obsoleto e a necessidade de conteúdos inovadores foi se tornando emergente. Nesse contexto, o IBBD passou a idealizar e implementar em 1972 o primeiro Curso de Mestrado em Ciência da Informação na tentativa de suprir os *gaps* ocasionados pela própria evolução da documentação e informação, onde seu corpo docente é predominantemente por norte-americanos e ingleses (Zaher, 1995).

Apesar do primeiro Curso de Mestrado, *stricto sensu*, em Ciência da Informação já recebia tal nomenclatura, os Cursos que foram criados ao longo da década de 1970 tinham, inicialmente, a denominação de Cursos de Mestrado em “Biblioteconomia e Documentação”, perdurando até a década de 1990 em algumas instituições de ensino, mais precisamente em Universidades como a UFMG, Universidade de Brasília (UnB), Universidade de São Paulo (USP) e Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP) (Pinheiro, 2007).

[...] Essas transformações representaram a extinção dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Biblioteconomia e a implantação de outros na área de Ciência da Informação. Contudo, não se pode dizer que essa descontinuidade se reflita nas pesquisas e, conseqüentemente, na produção científica do campo, na medida em que a dinâmica de inter-relação entre esses campos de conhecimento possibilita o desenvolvimento de pesquisas dedicadas a questões da Biblioteconomia e de outras áreas do conhecimento. (Souza, 2012, p. 55).

Contudo, no Brasil, faculdades, escolas ou departamentos de Biblioteconomia foram mudando sua designação para Ciência da Informação nas últimas décadas do século XX. Os cursos de graduação em Biblioteconomia mantiveram, na maioria dos casos, sua denominação, diferentemente dos cursos de pós-graduação que tiveram o nome alterado para Ciência da Informação (Araújo, 2014b).

Marteleto (2009) aponta que, em termos históricos, a história da Ciência da Informação brasileira é caracterizada por fases distintas que retratam a própria história da pós-graduação. A implantação ocorreu na década de 1970, seguida por um arrefecimento nos anos de 1980, com sua retomada, que corresponde ao início da expansão do campo.

Com relação a formalização institucional que demarcam o campo da Ciência da Informação do Brasil, inicialmente, podem ser entendidas pelas diretrizes, instruções, regras, normas para o desenvolvimento e aperfeiçoamento desse campo informacional no país. Esses elementos constituem os marcos regulatórios da área que são representados por meio de Documentos da Área da CAPES e os Grupos de Trabalhos que constituem a ANCIB (Eliel, 2008).

Ao realizarmos uma busca no Portal da CAPES, em 2022, na área de Comunicação e Informação – Ciência da Informação, foram identificados 27 PPG que correspondem a esse campo informacional brasileiro. Sendo 13 Cursos de Doutorado, 18 Cursos de Mestrado, e nove Cursos de Mestrado Profissional, conforme apresenta o Quadro 2.

Quadro 2 – Instituições de Ensino Superior e Programa de Pós-Graduação que ofertam cursos na área de Ciência da Informação¹

IES - SIGLAS	Nome da Instituição	Denominação do Programa	Tipo/Nível do Curso
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFF	Universidade Federal Fluminense	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFPB	Universidade Federal da Paraíba	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
USP	Universidade de São Paulo	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
		Gestão da Informação	Mestrado Profissional
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
		Gestão & Organização do Conhecimento	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina	Gestão de Unidades de Informação	Mestrado Profissional
FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa	Memória e Acervos	Mestrado Profissional
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos	Ciência da Informação	Mestrado
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFBA	Universidade Federal da Bahia	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado

UEL	Universidade Estadual de Londrina	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Gestão da Informação e do Conhecimento	Mestrado Profissional
UnB	Universidade de Brasília	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
UFC	Universidade Federal do Ceará	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico
UFCA	Universidade Federal do Cariri	Biblioteconomia	Mestrado Profissional
UFS	Universidade Federal de Sergipe	Gestão da Informação e do Conhecimento	Mestrado Profissional
UFPA	Universidade Federal do Pará	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico
UFAL	Universidade Federal de Alagoas	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico e Doutorado
FUMEC	Fundação Mineira de Educação e Cultura	Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento	Mestrado Profissional e Doutorado
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Biblioteconomia	Mestrado Profissional
		Gestão de Documentos e Arquivos	Mestrado Profissional

Fonte: Portal da CAPES (2022).

Os Cursos de Doutorado, de Mestrado Acadêmico e Mestrado Profissional perpetuados nas 24 Instituições de Ensino Superior (IES) e que refletem o campo informacional possuem nomenclatura cunhada em “Ciência da Informação”, além de termos mais específicos da Biblioteconomia, Arquivologia, Sistemas e Gestão da Informação, Gestão de Unidades de Informação, Memória e Acervos, no cenário dos Cursos de Mestrado Profissional.

O Programa de Gestão & Organização do Conhecimento da UFMG e Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento da FUMEC são os que ofertam Cursos de Doutorado e Mestrado Acadêmicos com denominação diferente dos demais. Apesar desses Programas não possuírem o termo da área, “estão inseridos de alguma forma na Ciência da Informação em uma análise mais pormenorizada, seja na denominação, nas linhas de pesquisa, aspecto ou aplicação da Ciência da Informação, ou na titulação de parte do seu corpo docente.” (Souza; Stumpf, 2009, p. 55).

No Brasil, percebemos que todas as Regiões (Centro-Oeste, Norte, Nordeste, Sudeste e Sul) são contempladas com IES que ofertam PPG no contexto da Ciência da Informação, o que fortalece o campo e emerge na construção epistemológica, teórica, metodológica e prática a partir de seus pesquisadores e suas pesquisas.

Essa evolução da ocupação desses espaços foi ganhando ainda mais força na área, tanto do ponto de vista da Pós-Graduação, como das graduações que têm relações com a Ciência da Informação (Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Gestão da Informação). A partir de então, também surgem associações que buscam promover ações de fortalecimento do campo, como a ABECIN² e a ANCIB.

A ABECIN pode ser entendida, conforme o seu portal, como uma entidade que objetiva ampliar e assegurar o debate sobre a formação e qualificação de pessoas comprometidas em manter e ampliar de um corpo de profissionais voltados à formação de recursos humanos em nível da Universidade.

Outra importante associação é a ANCIB que tem por finalidade acompanhar as atividades que são realizadas no contexto da pesquisa e do ensino no âmbito dos cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. Se configura como a representação científica e política importante para discussões pertinentes à área da informação no país e fora dele.

Barreto (2009) descreve que desde o início dos anos 1980 os PPG na área de Ciência da Informação realizam encontros para discutir e/ou debater sobre indagações, pesquisas, tendências e novidades dessa área nova. A ANCIB foi criada em 1989 se configurando como uma sociedade científica sem fins lucrativos atuantes em pós-graduação da área. Como forma de organização das principais subáreas (Araújo, 2014a, 2014b, 2017, 2018), tendências ou correntes temáticas que contemplam a Ciência da Informação brasileira, a ANCIB possui 12 GT para melhor organização dos temas de interesse dos pesquisadores, profissionais, alunos e instituições, são eles: GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação; GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento; GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação; GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento; GT 5 – Política e Economia da Informação; GT 6 – Informação, Educação e Trabalho; GT 7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação; GT 8 – Informação e Tecnologia; GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação; GT 10 – Informação e Memória; GT 11 – Informação & Saúde; GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades.

Os GT da ANCIB foram constituídos ao longo dos anos e representam os grupos de pesquisadores que estudam, discutem, questionam e produzem conhecimento científico que coadunam com as características de áreas de pesquisa ou especialidades apontadas pela teoria de Whitley (1974), dependendo do contexto em que são analisados. No cerne desta pesquisa, o GT 4 se destaca como o grupo que desenvolve estudos e pesquisas sobre a informação e o conhecimento na perspectiva da gestão, em ambientes organizacionais, unidades de

informações, ou em múltiplos contextos. Segundo Lara e Smit (2010, p. 18), “desde a sua instalação, em 2005, os Grupos de Trabalho têm sofrido ajustes na designação de sua temática e ementa, visando adequá-las à realidade da pesquisa.”

A ANCIB, que completou 33 anos de lutas e existência em 2022, tem sido um espaço em que pesquisadores e estudantes discutem acerca da pesquisa em Ciência da Informação em vista de mudanças que apontam para períodos de transição entre diferentes regimes de informação, implicando em aceitação, questionamento ou resistência às mudanças em curso (Marteleto, 2009).

Vale destacar que esses GT são representados anualmente no maior evento da Ciência da Informação no Brasil, promovido pela ANCIB e sediado por diferentes PPG que estão espalhados pelo país, o ENANCIB. Em 2021, ocorreu a sua 21ª Edição e teve como tema “50 anos de Ciência da Informação no Brasil: saberes, diversidade e transformação social”, momento para celebrar o seu jubileu de ouro, sediado no IBICT/UF RJ.

O XXI ENANCIB foi mais um evento histórico, sendo a primeira edição a acontecer de forma totalmente remota, devido à questão do distanciamento físico e social imposta pela pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2), responsável pela doença COVID-19. Nesse mesmo íterim, destaca-se a sugestão e aprovação para a criação do GT 12 “Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades” que passara a contemplar estudos, pesquisas e discussões por pesquisadores a partir do XXII ENANCIB, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFRGS.

Além dos espaços institucionais como as IES, PPG, associações e eventos que demarcam o campo da Ciência da Informação no Brasil, também podemos apresentar os periódicos científicos desse campo informacional como canais de comunicação científica (Meadows, 1999). Os primeiros periódicos, “Arquivo & Administração” e “Revista Ciência da Informação”, correspondentes a Ciência da Informação no Brasil foram criadas em 1972, há 50 anos.

Durante os primeiros 50 anos da constituição da Ciência da Informação foram criados 52 periódicos científicos vinculados às IES, aos Departamentos, aos PPG e às Associações ou às Instituições acadêmicas e/ou profissionais que visam a disseminação ou comunicação do conhecimento científico especializado.

Desde os anos 1972 existem periódicos com escopo orientando para a Ciência da Informação como também aquelas que se referem à temas relacionados a uma área específica como a Arquivologia e a Biblioteconomia, que são compreendidas como disciplinas dialógicas com esse campo informacional.

De acordo com a Classificação da Produção Intelectual no Portal Eletrônico da CAPES³ (2022), o Qualis Periódicos é um sistema utilizado para classificar a produção científica dos PPG referente aos artigos publicados em periódicos científicos. Esta classificação é realizada pelos comitês de consultores de cada área de avaliação da CAPES.

Desde o ano de 2019 se discutia uma nova configuração de metodologia para a definição do Qualis Periódicos para os próximos quadriênios, iniciando pelo 2017-2020. Esse novo método visa, inclusive, a sua universalização (uma única classificação), independente da área em que o periódico esteja vinculado. Essa nova metodologia estabeleceu novos estratos e suprimiu alguns existentes, se configurando em: A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3 e B4. Os estratos que deixaram de compor o processo avaliativo foram B5 e C.

Esses elementos apresentados até aqui são estruturas ou indicadores da institucionalização do campo da Ciência da Informação brasileira e, além desses, “no contexto da pós-graduação e da pesquisa, outros elementos caracterizam o processo de institucionalização da Ciência da Informação, como, por exemplo, o financiamento das pesquisas e o corpo docente-pesquisador dos programas de pós-graduação.” (Souza, 2012, p. 57).

O corpo docente-pesquisador, a partir de financiamento de pesquisas, são atores responsáveis para o movimento do campo no que

tange a manutenção e aprimoramento das instituições que promovem a formação, a pesquisa, a associatividade acadêmica-profissional, os eventos, entre outros, além de realizarem investigações teórica-metodológicas que contribuam com os fundamentos da área, em uma perspectiva cognitiva (Whitley, 1974). A título de exemplo desses pesquisadores no campo informacional brasileiro são os professores doutores que orientam pesquisas em PPG e os que são reconhecidos como Bolsistas de Produtividade do CNPq.

Araújo (2014a), com base nos GT da ANCIB e as produções científicas apresentadas nesses grupos durante as edições do ENANCIB e na produção científica em periódicos da Ciência da Informação, constata a presença de subáreas da área que promovem avanços teóricos e conceituais, definidas como: os Estudos dos Fluxos de Informação Científica; Representação e Recuperação da Informação; os Estudos de Usuários da Informação; a Gestão da Informação e do Conhecimento; a Economia Política da Informação; e os Estudos Métricos da Informação.

Em 2017, Carlos Alberto Ávila de Araújo realiza nova pesquisa e constata que, além dessas subáreas, o campo da Ciência da Informação vem sendo contemplado com teorias e tendências contemporâneas, a saber: Análise do Domínio; Altimetria; Cultura Organizacional; Curadoria Digital; Folksonomias e Indexação Social; Ética Intercultural da Informação; Neodocumentação; Humanidades Digitais; Arqueologia da Sociedade da Informação; Práticas Informacionais; Regimes de Informação; Memória; e Aproximações com Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Essas subáreas e teorias contemporâneas representam a evolução em que o campo da Ciência da Informação no Brasil vem passando ao longo de sua trajetória nessas últimas cinco décadas. Em conformidade com os estudos de Araújo (2014a, 2017), Pinheiro (2018) apresenta as subáreas e áreas interdisciplinares na Ciência da Informação que, entre elas, destacamos as subáreas Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento.

Epistemologicamente, a Ciência da Informação possui relações interdisciplinares com diversas áreas de conhecimento, desde as disciplinas voltadas para a dimensão pragmática até o estabelecimento de disciplinas com raízes na sociologia.

Nesse contexto, esta obra está ancorada nas relações existentes entre este campo informacional e as Ciências Administrativas e Econômicas, compreendendo as fronteiras e os limites existentes entre essas áreas, e estabelecendo pontos de fusão entre Informação, Conhecimento e Gestão que estabelecem a Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento como repertório de pesquisa no campo da Ciência da Informação no Brasil.

Falando especificamente da GC, ressaltamos que a colocação de McLnerney (2006) sobre os termos que formam a GC reforça a necessidade de compreendermos as palavras que compõem “gestão do conhecimento” para além da linguagem. Isso porque o gerenciamento não pode ser relacionado à ideia de controle sobre o conhecimento das pessoas, mas sim poder propiciar políticas, modelos e práticas que viabilizem a troca de ideias, compartilhamento de experiências e aprendizados que possam corroborar com a criação de novos conhecimentos. Por isso, para entendermos a GC é necessário que se compreenda os significados das palavras gestão e conhecimento empregados como terminologia de conceitos, seus fundamentos, entre outros (Duarte; Lira; Lira, 2014).

A gestão está voltada para execução das atribuições e das competências a partir da utilização dos meios e dos conhecimentos pertinentes aos indivíduos para alcançar determinados objetivos e finalidades (Duarte; Lira; Lira, 2014). Nesse contexto, a Gestão na perspectiva da GC seria “lançar mão” de estratégias que possibilitem os sujeitos informacionais interagirem e compartilharem o que sabem (conhecimentos e ideias) para o alcance da inovação em diversos ambientes, como os organizacionais. Mas, ao falarmos de GC, que tipo de conhecimento falamos?

Ao abordar os tipos de conhecimentos a partir das realidades significativas, Köche (2011) expõe as seguintes classificações: ordinário, mítico, artístico, filosófico, religioso e científico. O autor ainda apresenta o senso comum como conhecimento, sendo este a forma mais usual para interpretar as ações do homem, do mundo e o universo como um todo. Esses tipos de conhecimentos são denominados para cada dimensão existencial da sociedade, partindo desde o mais simples até o mais complexo.

Tomando como base as reflexões de Santos, Llarena e Lira (2014) e Llarena (2015), há diversas definições do que seria “conhecimento” no âmbito de diversificados campos científicos. Os estudos sobre a epistemologia do conhecimento passam por três momentos.

O primeiro refere-se a teóricos como Santo Agostinho baseado no racionalismo, São Tomás de Aquino no empirismo e, Hegel, Fichte, Schopenhauer, Wittgenstein, Descartes e Locke que tratam o conhecimento como uma operação de identificação e semelhança.

O segundo seria as interpretações filosóficas que passam pela ideia de construção de conhecimento por meio da relação do pensamento do eu com o mundo através das contribuições de Kant, Husserl e Dewey. E por fim, contemporaneamente, a visão de Hessen com sua obra de Teoria do Conhecimento, como sendo a interpretação e explicação filosófica do conhecimento humano e que o conhecer significa apreender espiritualmente um objeto.

O conhecimento pelo qual perpassa a GC é aquele de difícil estruturação, que reside na mente dos sujeitos, que são imbricados aos indivíduos, de difícil acesso, mas que pode ser compartilhado à medida em que se é verbalizado e formalizado. Falamos de conhecimento humano, no qual o estão as questões cognitivas e experiências criadas e construídas ao longo da vida. Nesse contexto, Zins (2006) entende que o conhecimento é um pensamento na mente do indivíduo que se caracteriza por uma crença justificada de que aquele pensamento é verdadeiro. O conhecimento pode ser empírico ou não empírico como,

por exemplo, o caso do conhecimento lógico ou matemático (exemplo: todo quadrado tem quatro lados).

Barbosa (2020) apresenta que a noção de conhecimento como recurso econômico foi sistematizada por Machlup (1962) ao apontar cinco tipos de conhecimentos: a) conhecimento prático que está associado ao conhecimento sobre os negócios, conhecimento dos colaboradores aplicados aos serviços e produtos; b) conhecimento intelectual que foca exclusivamente nas ideias, *insights*, e atitudes; c) conhecimento informal, por meio de redes e conversas que surgem no decorrer das interações de colaboradores; d) conhecimento espiritual que está ligada às crenças e as questões internas dos sujeitos; e e) conhecimento indesejável ou sem interesse que são os que não são “úteis” para o contexto desejado. Nessa perspectiva, a GC busca aproveitar todo o conhecimento individual e coletivo por entender que são insumos ou recursos indispensáveis para obtenção de lucro e vantagem competitiva.

Nas organizações, a conduta de gerenciar o conhecimento das pessoas por meio de estratégias entre grupos ou equipes foi crescendo no campo empresarial e/ou nas organizações públicas e logo foram aparecendo as consequências e os objetivos alcançados. Isso acentuou ainda mais a busca pela vantagem competitiva entre as organizações na sociedade, com o fim de melhorar seus serviços para obter sucesso e inteligência organizacional.

Nessa perspectiva, na cultura do compartilhamento de conhecimentos e de informações em ambientes organizacionais, por meio de práticas ou de estratégias com o auxílio ou não de tecnologias, a Gestão do Conhecimento tornou-se um tema relevante de estudos e pesquisas tanto para as organizações quanto para os centros universitários da atual sociedade.

Historicamente, a partir das contribuições dos autores Otlet e Bush já podíamos visualizar a GC quando evidenciaram a possibilidade de organizar, armazenar, acessar e usar a informação e o conhecimento integradamente, ou seja, possibilitar o gerenciamento desses elementos.

A partir de então surge a GC como estratégia de melhorar as políticas públicas, por meio do trabalho de autoria de Henry em 1974 intitulado de *“Knowledge management: a new concern for public administration”*, que refletiu a relevância do conhecimento como recurso fundamental para as empresas e o trabalho, além das contribuições de Berry e Cook em 1976 (Barbosa, 2008; Duarte; Lira; Lira, 2014).

Quanto à popularização da GC pelo mundo, os autores Sveiby e Martins (2005) afirmam que a GC, no seu início, foi um movimento com origem nos EUA, utilizando o termo ‘gerenciamento do conhecimento’ aplicado aos estudos de *Artificial Intelligence (AI)* (Inteligência Artificial), onde a preocupação era como a tecnologia poderia contribuir com a melhoria de aprendizado. Porém, como a tecnologia ficava atrasada durante meses, começou a estudar o conhecimento, como forma de entender os processos por meio da criação, aprendizado e compartilhamento do conhecimento na organização.

No Japão, os estudos de Nonaka e colaboradores contribuíram com o desenvolvimento da GC por meio da inovação em empresas de grande porte. Entre os estudos que mais contribuíram está o de Nonaka e Takeuchi, em 1997, com ênfase no conceito de criação do conhecimento (Sveiby; Martins, 2005). Na Suécia, foi marcada pela contribuição de Sveiby ao se preocupar com uma estratégia baseada na produção de conhecimento e na criatividade de sua equipe no âmbito de uma administração, sendo seu marco maior o livro *Know How Company*, publicado em 1987 (Sveiby; Martins, 2005).

Bettencourt e Cianconi (2012) evidenciam que a gestão do conhecimento tem origem nos estudos realizados no âmbito da Ciência da Computação, mais especificamente voltados a Inteligência Artificial. As autoras destacam o livro *‘Knowledge management foundations: Thinking about thinking - How people and organizations represent, create and use knowledge’*, de Karl Wiig (1993) e constataam que “Um dos principais focos da gestão do conhecimento hoje é a colaboração, prevalecendo o estudo

de práticas que estimulem o compartilhamento e a colaboração para a aprendizagem e produção de conhecimentos” (2012, p. 17).

Duarte, Lira e Lira (2014) explicam que na década de 1990 muitas pesquisas científicas contribuíram com o desenvolvimento da disciplina GC, a partir de obras de autores como Nonaka e Takeuchi, Senger, Stewart, Drucker, Edvisson e Davenport e Prusak, Angeloni, ganhando espaço no âmbito da literatura acadêmica, por meio de trabalhos internacionais e nacionais.

Quanto à produtividade e pesquisa, Liberatore e Herrero-Solana (2013) verificaram que entre as 53 temáticas relacionadas com a Ciência da Informação com frequências mais altas, destacam-se entre as onze mais incidentes, a gestão do conhecimento, em terceira posição está a gestão da informação e, a inteligência competitiva, em décima primeira.

Corrêa, Ziviani e França (2016) apresentam a produção científica por pesquisadores nos anos 2000 e início dos anos 2010 e constataam o aumento de publicações em níveis de mestrado e doutorado com foco em GC no Brasil, por autores vinculados a pesquisas da área de Comunicação e Informação e por pesquisadores de grupos de pesquisas da Ciência da Informação.

No campo da Ciência da Informação no Brasil, a partir dos números significativos da produção científica e espaços de aprendizagem e pesquisas em instituições de ensino, a GC é um domínio estudado juntamente com a gestão da informação, que passaram a ser tendências de pesquisa desde os anos de 1990, com estudos voltados para a inteligência competitiva e a gestão estratégica da informação. Mais à frente, foi reconhecida como uma subárea (Pinheiro, 1997; Araújo, 2018).

Pesquisas nessa subárea foram crescendo exponencialmente por meio de trabalhos científicos comunicados nos principais periódicos de Ciência da Informação e na demanda de apresentações orais em um dos GT da ANCIB e no ENANCIB antes denominado de Gestão de Unidades de Informação, consolidando-se, posteriormente, como Gestão da Informação e do Conhecimento (GT 4).

A GI e a GC ou a GIC são processos fundamentais no contexto organizacional e têm crescido exponencialmente o interesse por parte de pesquisadores nos centros universitários, academias científicas e universidades. No campo da Ciência da Informação no Brasil a crescente produção científica e o ensino em cursos de mestrado e doutorado, além de cursos de graduação, a gestão da informação e do conhecimento têm se destacado nas últimas décadas (Pinheiro, 1997; Araújo, 2014a, 2017; Araújo; Valentim, 2019; Feitoza; Monteiro; Duarte, 2019).

Epistemologicamente, a disciplina GC vem crescendo de maneira a se considerar que, além de ser tema de pesquisa da Ciência da Informação, é uma tendência em outras áreas, como as Engenharias, a Administração, a Computação, a Psicologia e as Tecnologias, além de ser discutido por empresários e empreendedores.

Jashapara (2005) argumenta que a Ciência da Informação exercia, nos primeiros anos do século XXI, um papel limitado na análise do discurso interdisciplinar da Gestão do Conhecimento. O autor acrescenta que tal discussão abre uma oportunidade para Ciência da Informação contribuir para as disciplinas vizinhas, tais como Administração e Ciência da Computação.

Na seara da Ciência da Informação, Batista (2008) explica que por este campo, inicialmente, ter se mantido fiel às suas origens relacionadas à coleta, ao processamento, e ao acesso à informação (Mundo 3 de Popper), deixou de explorar a interação entre os Mundos 2 e 3 de Popper, isto é, a relação entre conhecimento tácito (ou subjetivo) e conhecimento explícito (ou objetivo) e como a informação se transforma em conhecimento individual.

Como consequência, o campo de atuação que Brookes propôs para a Ciência da Informação (as interações entre o Mundo 2 e 3 de Popper) passou a ser ocupado, a partir de meados da década de 1990, pela GC quando surgiram as primeiras obras e se iniciou a implementação de projetos de GC (Batista, 2008) por pesquisadores e profissionais da informação.

Alvares *et al.* (2020) aprofundam, em pesquisa, a questão interdisciplinar da gestão do conhecimento por meio das influências da Administração, das Ciências Cognitivas, da Economia, da Estatística da Segurança da Informação por meio dos quatro paradigmas de Sagsan (2009), a saber: humanista, sociotécnico, organizacional e tecnológico.

O paradigma humanista é baseado em uma visão subjetiva que se interessa pela dimensão tácita do conhecimento, encontrado na questão de aprendizagem individual, na personalidade, na capacidade cognitiva; o paradigma sociotécnico se dá pela junção entre o que é social e o que técnico e “constituído pelas relações entre pessoas que desempenham as tarefas e o técnico, por materiais, ferramentas, energia, equipamentos, instalações e tecnologia” (Alvares *et al.*, 2020, p. 139).

O paradigma organizacional tem como foco o conhecimento explicitado, criado pelas relações sociais entre colaboradores e pessoas de um mesmo ambiente e que difundem de forma colaborativa, devendo “ser processado por meio de atividades de criação, estruturação, compartilhamento, uso e auditoria do conhecimento” (Alvares *et al.*, 2020, p. 139). Já o paradigma tecnológico centra a GC nos avanços tecnológicos, como a transformação digital e a *big data*, determinando os processos de recuperação, compartilhamento, e disseminação de informações (conhecimento explícito) estruturadas.

Na perspectiva da corrente científica da GC enquanto passível de ser realizada, a organização deve construir estratégias ou práticas que possibilitem a conversão de dois tipos de conhecimento apresentados por Nonaka e Takeuchi (1997), sendo o conhecimento tácito e o conhecimento explícito. A conversão do conhecimento tácito em explícito ocorre de modo que seja criado, compartilhado e utilizado, a partir da criação de um contexto capacitante na organização, em meio físico ou virtual, onde sejam efetivadas as interações baseadas na solicitude e na confiança entre as pessoas ou colaboradores (Feitoza; Monteiro; Duarte, 2019).

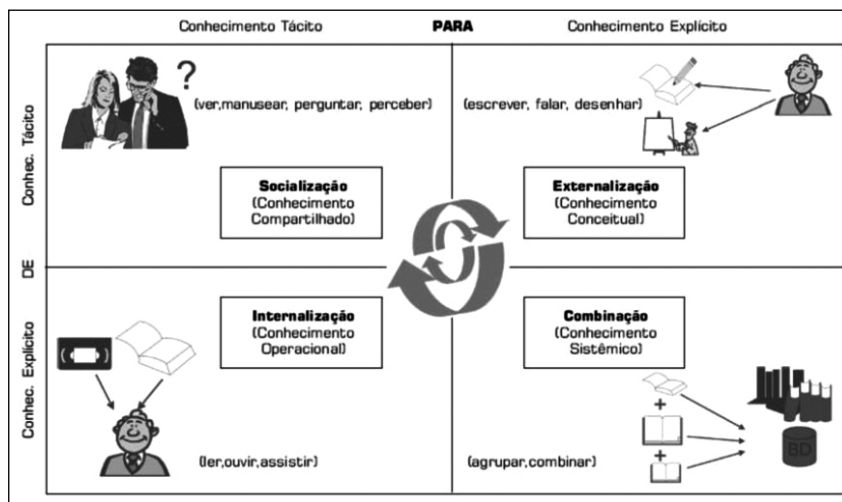
De acordo com Kajimoto e Valentim (2017, p. 366) a noção do termo ‘conhecimento tácito’ já aparecia na obra de Polanyi, “*Tacit dimension*”,

publicada em 1966. O “autor destaca que a mente humana se constitui no instrumento máximo para a construção de conhecimento, tanto no âmbito teórico quanto no prático, uma vez que as vivências de um indivíduo ocorrem em distintos contextos e momentos histórico-sociais”.

Já o conhecimento explícito é formal sistemático, de fácil transmissão aos indivíduos e aos grupos, pois tem, em sua forma, a facilidade de codificação, disseminação, transferência, uso e reuso.

A dinâmica das transformações do conhecimento tácito em explícito e vice-versa se dá por meio de quatro processos que, segundo Nonaka e Takeuchi (1997), são eles: socialização, externalização, combinação e internalização, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Espiral do conhecimento



Fonte: Sousa, Davila e Varvakis (2009, p. 7) com base em Nonaka e Takeuchi (1997).

A socialização que converte o conhecimento tácito em conhecimento tácito pela externalização, que converte conhecimento tácito em conhecimento explícito; por meio da combinação, convertendo o conhecimento explícito em conhecimento explícito; e pela internalização,

que converte conhecimento explícito em conhecimento tácito. Essa Teoria facilita o entendimento e sustenta a efetividade da gestão do conhecimento nas organizações.

A dinâmica da criação do conhecimento nas organizações é definida por Takeuchi e Nonaka (2008, p. 57) como a que “[...] amplifica, organizacionalmente, o conhecimento criado pelos indivíduos e os cristaliza como parte de rede de conhecimento das organizações.” Para que essa criação ocorra, a organização deve criar e utilizar o conhecimento transformando-o de tácito para explícito. Essa transformação, segundo os autores, acontece por meio da socialização, da externalização, da combinação e da internalização.

Há cinco condições adequadas, denominadas por Nonaka e Takeuchi (1997), que são capacitadoras da criação do conhecimento organizacional para que a espiral do conhecimento seja concretizada e promovida nos ambientes organizacionais, gerando novos *insights* e inovação, a saber: intenção, autonomia, flutuação e caos criativo, redundância e variedade de requisitos.

A intenção é a aspiração da organização às suas metas e é carregada de valor, além de direcionar a espiral; a autonomia leva em consideração a necessidade de que cada sujeito seja autônomo em suas ações e motivado para criar novos conhecimentos; a flutuação e o caos criativo permitem o aperfeiçoamento motivado por questões e pela crise; a redundância aborda o conceito de informação excessiva para a organização, para motivar o compartilhamento entre os indivíduos e gerar conhecimento; e, por fim, a variedade de requisitos centra-se na quantidade de informações de qualidade disponíveis e acessíveis para muitos colaboradores, tendo a melhor forma e mais rápida (Nonaka; Takeuchi, 1997; Leite, 2006).

Assim, Nonaka e Takeuchi (1997) tem o modelo denominado em cinco fases do processo de conhecimento organizacional a partir de caso real e prático, a saber: o compartilhamento do conhecimento tácito, a

criação de conceitos, a justificação de conceitos, a construção de um arquétipo e, por fim, a difusão interativa do conhecimento.

Conceitualmente, a Gestão do Conhecimento se dá pela criação de novos conhecimentos, disseminando-os em amplitude por meio da organização e agrupando-os velozmente em novos produtos, serviços, tecnologias e sistemas inovadores que perpetuam a transformação dentro da organização (Nonaka; Takeuchi, 1997). Entendemos que esse tipo de gestão é formado por um conjunto de estratégias que visam, essencialmente, aos fluxos informais (conhecimento gerado por meio de conversas, relações interpessoais) de uma organização, a fim de criar ideias e de solucionar problemas em suas rotinas (Valentim, 2002).

Para Duarte (2003) a GC tem sua eficácia desde a criação ao uso pleno do conhecimento, viabilizados pela cultura de aprendizado e compartilhamento dentro das organizações. Para Valentim (2004), gestão do conhecimento é um conjunto de estratégias para criar, adquirir, compartilhar e utilizar ativos de conhecimento, bem como estabelecer fluxos que garantam a informação necessária no tempo e formato adequados, a fim de auxiliar na geração de ideias, solução de problemas e tomada de decisão.

Takeuchi e Nonaka (2008, p. 1) definem a GC “como o processo de criar continuamente novos conhecimentos, disseminando-os amplamente através da organização e incorporando-os velozmente em novos produtos/serviços, tecnologias e sistemas que perpetua a mudança no interior da organização.” Na visão de Angeloni (2008, p. 2), a GC é “um conjunto de processos que governa a aquisição, a criação, o compartilhamento, o armazenamento e a utilização de conhecimento no âmago das organizações.”

A noção de Gestão da Informação e do Conhecimento ou GIC, conjuntamente, pode ser explicada por Barbosa (2008) ao apontar que ambas as condutas de gestão no âmbito organizacional podem ocorrer de forma integral. Isso pode ser compreendido também, o processo de GI intrínseco ao processo de GC, corroborando com a evolução desses

estudos em nível mundial e em diversas áreas de conhecimento (Barbosa, 2020).

Choo (2003) também compreende a ideia integrada de gestão da informação e do conhecimento ao propor modelo de administração da informação e de gestão do conhecimento em busca do alcance de criação de significados, construção de conhecimento e tomada de decisão por parte dos colaboradores de uma organização.

Na literatura acerca de GC, Leite (2004) e, posteriormente, Alvares, Baptista e Araújo Júnior (2010) mostram, conceitualmente, que gerenciar o conhecimento pode ser entendido de diferentes perspectivas, como: gestão de capital intelectual; criação do conhecimento organizacional; gestão de ativos intangíveis; intelecto profissional; gestão ecológica de aprendizado; gestão de árvores do conhecimento; práticas organizacionais; ativos de informação; e processo.

A GC trata de alguns princípios essenciais, como capacitar as pessoas a funcionarem em conjunto; preservar sua cultura e valores; garantir aprendizado; criar, descobrir e coletar conhecimentos internos e externos a organização; compartilhar e compreender modelos e as melhores práticas, para que possam ser utilizadas (Hoffmann, 2016).

Percebemos na teoria do conhecimento organizacional proposto por Nonaka e Takeuchi (1997) e nos demais conceitos que são adotados sobre o tema, que a gerência se dá nos ambientes de favorecimento de compartilhamento, estimulando estratégias e/ou práticas que viabilizem o gerenciamento do conhecimento nas organizações de diversos setores sociais.

Feitoza (2019) explica que os conceitos e as perspectivas de GC são aplicáveis e orientados para as organizações e para múltiplos ambientes por meio de práticas contempladas desde a identificação/produção ao uso e reuso do conhecimento nos diversos modelos de GC, inclusive a reutilização do conhecimento que só é possível quando se aplica meios e técnicas para o armazenamento e disseminação do conhecimento.

As práticas organizacionais no contexto da GC que visam criar, reter, disseminar, compartilhar e aplicar o conhecimento dentro das organizações, bem como na relação dessas com o mundo externo podem ser conhecidas como: *benchmarking*, melhores práticas, *coaching*, lições aprendidas, mapeamento de conhecimento, comunicação institucional, comunidades de prática, *storytelling* ou narrativas, portais corporativos e educação empreendedora.

As práticas de GC não proporcionam a efetivação da realização dos processos de socialização, externalização, combinação e internalização do conhecimento, como também potencializa a ideia de que esse tipo de gestão não é metafórico e nem acontece do nada, é preciso estabelecer conversas informais a partir de políticas formais e institucionalizadas.

Do ponto de vista científico, a GC se apresenta como uma disciplina que carrega as polêmicas enquanto sua existência que a partir de uma práxis (teoria e prática) esse fenômeno passa a ser reconhecidamente alcançável. Para isso, existem na literatura científica diversos modelos teóricos e metodológicos que facilitam a aplicação da GC em determinadas pesquisas e múltiplos contextos.

Oliveira (2014) entende que os modelos de GC podem ser compreendidos como representações ou constructos essencialmente descritivos no contexto da ciência, expressam características elementares para o entendimento comum de certos processos, como a adoção de algum modelo enquanto metodologia a ser aplicada em pesquisa ou avaliação das ações de GC em diferentes ambientes organizacionais. Nesse contexto, passamos a apresentar alguns modelos de GC que são adotados na Ciência da Informação ou criados no âmbito deste campo informacional por pesquisadores interessados pelo tema.

Wiig (1993) apresenta o seu modelo cíclico, ciclo de gestão do conhecimento, e se dá em torno de quatro passos: desenvolvimento, retenção, compartilhamento e uso do conhecimento. O primeiro passo refere-se à obtenção do conhecimento fomentado por inovações individuais, por colaboradores criativos, por atualização do conhecimento,

por codificação e modelagem e organização do conhecimento explicitado. O segundo passo diz respeito a retenção do conhecimento por meio de práticas que viabilizem a memória organizacional. O terceiro, o compartilhamento do conhecimento, engloba a identificação de fontes de conhecimento como reuniões e repositórios. O quarto, o uso do conhecimento, acontece por diversas formas de utilização e aplicação desses conhecimentos, principalmente para tomada de decisão.

O modelo genérico de criação de conhecimento de Nonaka e Takeuchi (1997), conforme já abordado anteriormente, é fruto das interações entre gerentes japoneses investigadas durante anos de crise no Japão. Esse modelo possui duas dimensões: a epistemológica que trata da dualidade entre os conhecimentos tácitos e explícitos e das interações entre esses tipos de conhecimento com os indivíduos e as organizações; e a ontológica que aborda quatro níveis para criação do conhecimento, a saber: individual, em grupo, em organização, e na interorganização, acontecendo por meio do processo de conversão do tácito em explícito.

Oliveira (2014) infere que o modelo de GC construído por Nonaka e Takeuchi (1997) é centrado na criação do conhecimento, possibilitando que as organizações aprendam a lidar com as rápidas obsolescências desse ativo intangível, e se mantendo fortes, competitivas e amparadas por insights renovados e inovadores.

Davenport e Prusak (1998) desenvolveram um constructo de GC a partir de pesquisas aplicadas e discutidas com gerentes de grandes corporações, entendendo que o conhecimento é uma mistura de elementos variados, considerado como um processo ou um ativo que se dá pelas informações que se derivam dos dados. O modelo construído pelos autores perpassa três etapas específicas: geração, codificação, e transferência do conhecimento.

A geração do conhecimento representa as ações que se movem para empreender ou aumentar os estoques de conhecimento no âmbito das organizações. A codificação do conhecimento visa apresentar o conhecimento de forma mais acessível para as pessoas que precisam dele,

de forma apresentável e compreensível. A transferência do conhecimento se dá pelo repasse desse ativo de forma espontânea e não estruturada.

Em síntese, o modelo de Davenport e Prusak (1998) é argumentado pela importância do conhecimento para a manutenção das organizações, sendo necessário promover esse ativo dinâmico no mercado do conhecimento, onde, perpassando pelas práticas de geração, codificação e transferência do conhecimento, ganha movimento, ação e se transforma em valor organizacional (Oliveira, 2014).

Terra (2000) apresenta um modelo sistêmico da gestão do conhecimento composto por sete dimensões relacionados à prática gerencial, a saber: o papel da alta administração em termos de estratégia e visão organizacional responsável pela definição de aplicações de conhecimento; a cultura organizacional que é responsabilidade da alta administração e engloba a predisposição da organização para inovar, experimentar, e aprender continuamente; a estrutura organizacional onde deve-se haver mudanças nas composições e práticas organizacionais em consonância com o aprendizado, a inovação e a criação de novos conhecimentos; as políticas de recursos humanos, sempre pensando nos processos de recrutamento, seleção, e treinamento para sempre atualizar o conhecimento; os sistemas de informação que se apresentam como novas formas de geração, difusão e armazenamento do conhecimento (explícito) ancorado no aprendizado e interações constantes entre os indivíduos; a mensuração dos resultados que se caracteriza como função avaliativa das ações de GC; e, por fim, aprendizado com o ambiente para estabelecer novas perspectivas para organização em programas de qualificação ou aprendizado com os clientes.

Stollenwerk (2001) ao comparar os modelos de GC da literatura científica, observou e compreendeu que cada elemento que compõe os modelos estudados é comum a outro, ou seja, “existem ideias básicas que permeiam todos eles, apesar das especificidades e das contribuições individuais de cada modelo” (Stollenwerk, 2001, p. 147-148). Sendo assim, propôs um modelo genérico de GC a partir de fatores facilitadores (a

liderança, a cultura organizacional, a mediação e a recompensa), e os processos de criação, identificação, captura, seleção e validação, organização e armazenagem, compartilhamento e aplicação do conhecimento.

Teixeira Filho (2001) apresenta um modelo de GC como um processo alicerçado em três pilares: conhecimento (interação de tácito e explícito), organização (cultura e estratégia), e tecnologia (suporte e integração). Além disso, a partir das vivências profissionais em ambientes organizacionais e em projetos, elenca uma metodologia de GC em cinco etapas: preparação, explicitação, socialização, divulgação e avaliação.

Stankosky e Baldanza (2001) propõem um modelo de GC com foco em quatro pilares: Liderança/administração; organização; aprendizagem e tecnologia. Trata-se do modelo adotado na Universidade George Washington - EUA, onde foi criado o primeiro programa de doutorado em Gestão do Conhecimento, para servir de base para pesquisa com o intuito de consolidar a gestão do conhecimento como disciplina acadêmica (Batista, 2008). O pilar liderança/administração se refere aos fatores do ambiente externo, ao processamento estratégico e ao processo global de organização; o pilar organização refere-se às funções, aos processos, estruturas formais e informais, entre outros; o pilar aprendizagem está alinhado ao comportamento com foco na aprendizagem dos indivíduos; e o pilar tecnologia diz respeito aos meios tecnológicos que contribuem e viabilizam as estratégias de compartilhamento e práticas de GC.

Bukowitz e Williams (2002) apresentam um modelo de GC baseado em dois planos: nível tático que é centrado em processos de obtenção, uso, aprendizado e contribuição do conhecimento, e o nível estratégico que é formado por avaliação, construção e sustentação, e descarte. Entre esses níveis, para os autores, encontramos o conhecimento orientado para depósitos de conhecimento; relacionamentos; tecnologia de informação e infraestrutura de comunicações; conjuntos de habilidades funcionais; processo de *know-how*; resposta ambiental; inteligência organizacional; fracasso e fontes externas.

Probst, Raub e Romhardt (2002) apresentam um modelo de processos essenciais de GC a partir de uma pesquisa-ação realizada por meio de entrevistas com gerentes de variados ramos da indústria. Os processos são definidos em: Identificação, Aquisição, desenvolvimento, partilha/distribuição, utilização e retenção do conhecimento. Além disso, são complementados por mais dois elementos construtivos: as metas de conhecimento que se refere ao direcionamento da gestão do processo, estabelecendo as habilidades que devem ser desenvolvidas em cada nível; e a avaliação do conhecimento, que objetiva medir o conhecimento normativo, estratégico e operacional.

Malone (2002) aponta o modelo *knowledge management special interest group* (KM-SIG), se apoiando nos domínios de conhecimento que existem nas organizações. Os elementos que formam o modelo são: domínio de conhecimento: todo conhecimento já existente no trabalho e que envolve dados, informação e conhecimento articulado; redes de conhecimento: onde o conhecimento é percorrido ou transferido pelas organizações; alinhamento estratégico: identificação, captura e transferência do conhecimento que devem estar alinhados aos objetivos da administração estratégica; equipes de projeto: que são criados para realização de atividades em grupos e com estratégias; comunidades de conhecimento: grupos com membros que possuem interesse comum mas sem objetivos estabelecidos; e comunidades de prática: tem a mesma função das comunidades de conhecimento, mas se dá de forma espontânea.

Bergeron (2003) trata de um modelo essencial de GC e que é composto por oito etapas consideradas como o ciclo de vida da gestão do conhecimento, são elas: Criação/Aquisição: quando o conhecimento é criado e obtido por meio das fontes externas da organização; Modificação: o conhecimento passa por modificações em atendimento às necessidades da organização; Uso: utiliza o conhecimento explicitado para um propósito "útil"; Arquivamento: o conhecimento explícito é de armazenado sob uma forma e um formato para ser preservado a

longo prazo; Transferência: compartilhamento do conhecimento tácito e disseminação do conhecimento explícito dentro de um contexto organizacional; Tradução/Reaproveitamento: tradução do conhecimento explícito adquirido por fontes externas; Acesso: o conhecimento explícito é fornecido aos sujeitos para atender uma necessidade; e Eliminação: fase de atualização do conhecimento explícito, descartando aqueles não úteis à organização.

Choo (2003) propõe o modelo de criação do conhecimento reconhecendo que as chamadas organizações do conhecimento utilizam a informação de forma estratégica a partir de três etapas: construção de sentido (*sensemaking*); criação do conhecimento; e a tomada de decisão. A GC transcende com a segunda etapa do uso da informação, a criação do conhecimento, onde é o momento de criação, organização e processamento da informação para construção de novos conhecimentos, por meio da aprendizagem organizacional. Aprendizagem essa defendida e apontada por Senge (1998) como importante momento de viabilidade de qualificação e geração de conhecimentos.

Um modelo que abarca a visão e possíveis elementos da GC foi proposto por Cianconi (2003) e é denominado de oito facetas da gestão do conhecimento: gestão da cultura organizacional; gestão de talentos e dos relacionamentos internos; gestão de competências e aprendizagem organizacional; gestão dos relacionamentos externos; gestão de processos das melhores práticas; gestão dos acervos e conteúdos informacionais; gestão da tecnologia e sistemas de informação e mensuração de ativos intangíveis.

Rossatto (2003) aborda um modelo estratégico de GC com quatro elementos fundamentais para o processo: ativos intangíveis, conversão, ações e estruturas. Esse modelo estratégico “[...] é a via de realização da gestão do conhecimento nas organizações, consubstanciada nas ações de compartilhamento, conceituação, sistematização e operacionalização do conhecimento.” (Oliveira, 2014, p. 69).

Em sua tese, a partir da análise da produção científica sobre gestão do conhecimento, Duarte (2004) elenca as estratégias organizacionais da gestão do conhecimento a partir de modelo representativo da práxis da gestão estratégica do conhecimento nas organizações. A autora explica que as organizações recomendam eixos e estratégias para facilitar o uso pleno do conhecimento nesses ambientes.

Os eixos, seguido das estratégias nesse modelo, são: humano: busca promover a aprendizagem por meio de trabalhos em equipe, proporcionando o compartilhamento do conhecimento; estrutural: busca estruturas inovadoras e que promovam fluxos de conhecimento e adotar estilo de liderança com foco nas pessoas; tecnologia e sistema de informação: procura adotar tecnologias acessíveis aos colaboradores e que facilitem a troca e compartilhamento do conhecimento e informação; cultura organizacional: é necessária a reflexão sobre os modos de trabalho na busca de alinhamento entre os valores e modos com o planejamento estratégico da organização; e relacionamento no ambiente externo: busca realizar negócios com agentes negociadores, e desenvolver postura ética na intenção de conquistar confiança entre as pessoas e a organização.

Entendendo a GC como fluxo informal, com objeto focado para o conhecimento tácito, Valentim (2004) apresenta um modelo processual cíclico da gestão do conhecimento com atividades base para o seu desenvolvimento e aplicação, a saber: identificação das demandas e necessidades do conhecimento; mapeamento e reconhecimento dos fluxos; desenvolvimento da cultura organizacional positiva em relação ao compartilhamento/socialização do conhecimento; promoção da comunicação informacional de forma eficiente, utilizando tecnologias de informação e comunicação; criação de espaços criativos nas organizações; desenvolvimento de competências e habilidades voltadas ao negócio da organização; criação de mecanismos de captação de conhecimento gerado por diferentes pessoas no âmbito organizacional; desenvolvimento de sistemas corporativos de diferentes naturezas, com vistas ao uso e

compartilhamento do conhecimento; fixação de normas e padrões de sistematização de conhecimento; e retroalimentação do ciclo.

Dalkir (2005) apresenta um modelo relacionado ao ciclo de gestão do conhecimento que passa pelos estágios de captação/criação que se refere à identificação e registro do conhecimento, interno e externo, seguido por uma prática de inovação, o compartilhamento e disseminação, e internalização e utilização do conhecimento.

Alvarenga Neto (2008) propõe um modelo de mapeamento conceitual integrativo da GC após realização de pesquisa em três grandes organizações atuantes no Brasil, com base nos pressupostos científicos. O modelo representa a integração de três importantes elementos: metáfora do guarda-chuva conceitual da GC; contexto capacitante; e uso estratégico da informação e do conhecimento.

Batista (2008) construiu um modelo pragmático de Gestão do Conhecimento com Foco na Qualidade e validou com organizações ganhadoras do Prêmio Qualidade e foi construído a partir dos fundamentos teóricos da GC alinhados às aproximações teóricas da Ciência da Informação. O modelo possui sete dimensões de práticas de GC, são elas: liderança, estratégias e planos, clientes, sociedade, informações e conhecimento, pessoas e processos, além de apresentar uma outra dimensão que se constitui pelos resultados da aplicação da GC.

Corrêa (2018) apresenta em sua tese a conformação de um modelo teórico-pragmático com foco na GC holística. Conforme o autor, as dimensões do modelo de GC holística tendem a beneficiar novas propostas de modelos de Gestão do Conhecimento, concernentes ao paradigma holístico, para que as contemplem de modo a prover uma gestão efetiva do conhecimento organizacional. São dimensões desse modelo: estratégia, liderança e suporte da alta administração, equipe de gestão do conhecimento, recursos (financeiro, humano, material e tempo), processos e atividades, gestão de recursos humanos, treinamento e educação, motivação, trabalho em equipe, cultura, tecnologia da

informação, mensuração e projeto piloto da Gestão do Conhecimento holística.

Damian e Moro Cabero (2020) propõem um modelo de GC como foco na memória organizacional e desenhado com base na estrutura apresentada na teoria cunhada por Nonaka e Takeuchi (1997). Para as autoras, a escolha por apresentarem as etapas do modelo com base na espiral do conhecimento se deu devido a renovação constante dos processos da GC e do conhecimento em si, e consideram que as organizações estão inseridas em um contexto dinâmico, onde as mudanças são frequentes e constantes e informações e conhecimentos são gerados em velocidade não observada anteriormente.

O modelo apresenta as etapas de identificar, criar/obter, armazenar, disseminar, utilizar e avaliar o conhecimento nas organizações. O processo identificar visa identificar quais conhecimentos são necessários para o desempenho dos afazeres organizacionais; o processo criar/obter visa definir maneiras pelas quais tal conhecimento possa ser criado e/ou obtido; o processo armazenar é responsável por armazenar o conhecimento criado para que não seja perdido e possa ser reutilizado sempre que seja preciso; o processo disseminar/compartilhar objetiva a disseminação e o compartilhamento entre todos que compõem a organização e que podem fazer uso dele; o processo utilizar tem a finalidade de fazer com que conhecimento seja usado nas atividades rotineiras da organização para o aumento de vantagens competitivas sustentáveis; e o processo avaliar parte do princípio que o conhecimento é extingüível, ou seja, um conhecimento que hoje é válido e relevante pode não ser útil no futuro (Damian; Moro Cabero, 2020).

Além desses modelos, podemos citar outros que foram desenvolvidos em pesquisas de doutoramento no âmbito do PPGCI da UFPB, como o de Llarena (2015) que foi criado para o contexto da GC no campo educacional, o de Seager (2018) criado para viabilizar o processo de GC em orçamento participativo municipal, o de Lira (2019) criado para viabilizar comunidades de prática no setor contábil de universidades

brasileiras, o de Brito (2021) que viabiliza a GC no contexto das bibliotecas virtuais, entre outros desenvolvidos no campo da Ciência da Informação brasileira.

Os modelos teóricos e pragmáticos apresentados servem como base para o entendimento interdisciplinar da GC não só enquanto tema de interesse da Administração, da Psicologia, da Computação, entre outros, mas da própria Ciência da Informação enquanto campo que viabiliza as condicionantes necessárias para efetivação da gestão do conhecimento nas pesquisas e nas aplicações organizacionais por profissionais da informação. Sendo assim, torna-se evidente a necessidade de compreendermos como se configura o processo de institucionalização científica da GC na Ciência da Informação e o seu posicionamento enquanto disciplina emergente.

CAPÍTULO 3

TRILHA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DE INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA

A pesquisa registrada nesta obra se caracteriza como exploratória, por buscar compreender o processo de institucionalização científica de um dos temas emergentes no campo da Ciência da Informação (Barbosa, 2008; Valentim, 2008; Araújo, 2014a), mas que ainda apresenta algumas nuances e indagações quanto à sua estrutura cognitiva, além de sua estrutura social concentrada no fator político-institucional da organização interna deste campo informacional.

É descritiva, ao compreender os fenômenos envolvidos no processo de institucionalização científica da GC, no intuito de descrever o(s) seu(s) nível(is) ou estágio(s) atuais de institucionalização a partir das características dos elementos ou componentes que serão analisados nas estruturas cognitiva e social, no âmbito da Ciência da Informação brasileira. As pesquisas descritivas têm por objetivo descrever as características de uma determinada população ou fenômeno (Gil, 2012).

Quanto à abordagem do problema que deu origem à pesquisa, predominam a quantitativa e qualitativa, ou seja, mista. Além disso, emergem a partir dos materiais obtidos para construção das categorias analíticas e indicadores da institucionalização científica whitleyana, bem como as fontes de informação para identificação e coleta dos dados.

O enfoque ou a abordagem quantitativa nesta pesquisa serviu para delimitar dados quantificáveis no que se refere à produção científica (indicadores bibliométricos, com a análise de citações) sobre GC e os números relacionados às publicações e agentes institucionais que regulam o seu estatuto científico e demarcam sua identidade social para que, assim, contribuíssem com a identificação e mensuração do estágio de institucionalização científica cognitiva e social do fenômeno analisado.

Para Marconi e Lakatos (2017) o método qualitativo fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências, comportamentos, entre outros. A abordagem qualitativa nos deu possibilidades de interpretações dos fenômenos que ocorrem nas entrelinhas de indicadores teóricos e analíticos dos componentes de institucionalização científica (Whitley, 1974), além de permitir o entendimento das características e fatores que coadunam com o estabelecimento de teorias, métodos, relações entre cientistas ou pesquisadores, demarcações sociais e suas influências no fazer científico da GC no campo da Ciência da Informação brasileira.

Essas abordagens, quantitativa e qualitativa da pesquisa, possibilitaram a mensuração de percepções teóricas e metodológicas, identificação do atual estágio de institucionalização por meio de indicadores estatísticos ou quantificáveis, a partir das características dos fenômenos que coadunam com o processo histórico-epistemológicos, metodologias, e a configuração de estruturas organizacionais e políticas em torno da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil.

Esta pesquisa também é caracterizada como pesquisa do tipo bibliográfica e documental. Quanto à pesquisa bibliográfica, podemos considerar que é de suma importância para o desenvolvimento de todas as investigações do ponto de vista da ciência. Nesta pesquisa, foi adotada na perspectiva da compreensão dos aspectos direcionados ao contexto e ao desenvolvimento científico, da teoria de institucionalização científica proposta por Richard Whitley que serviu como aporte teórico-metodológico da investigação, além do contexto científico deste campo informacional, e dos principais referenciais da gestão no contexto da informação e do conhecimento.

Para esse alcance, o estudo bibliográfico foi primordial por possibilitar o contato com vasto material, como livros, artigos, dissertações, teses, entre outras fontes que coadunam para imersão teórica da pesquisa. De acordo com Gil (2002, p. 48) a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida

a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

No que se refere à pesquisa documental, Severino (2007, p. 123) entende que é neste tipo de pesquisa que “os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda a matéria prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.” Ela se configura a partir de materiais informacionais como documentos legais, gravações, jornais, fotos, independentemente de seu suporte ser analógico ou digital.

Esse tipo de pesquisa possibilitou o uso de registros de dados (documentos) retirados em anais de evento, portais, bases de dados, sites, periódicos, entre outros, que ainda não tenham recebido tratamento analíticos do ponto de vista da institucionalização científica da GC na Ciência da Informação no país.

O *corpus* da pesquisa, do ponto de vista da coleta de dados, foi constituído de registros ou documentos retirados em diferentes fontes de informação, a saber: Plataformas desenvolvidas pelo governo federal brasileiro (Plataforma Sucupira, Portal de Coleta CAPES e Qualis Periódicos, Currículo Lattes e DGP da Plataforma Lattes); Portais: periódicos científicos eletrônicos, eventos, associação, PPG, e de anais de evento(s).

O universo da pesquisa foi formado pela produção científica no contexto da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil, com recorte direcionado para os anais de 21 edições do ENANCIB; pelo conjunto de IES; por outros tipos de Instituições; de pesquisadores; de cursos de mestrado e doutorado dos PPG vinculados à área de Ciência da Informação e de suas Linhas de pesquisa; de grupos de pesquisa registrados no DGP/CNPq e nos portais dos Programas; de rede de cooperação; de associação/sociedade científica, a ANCIB; de periódicos da Ciência da Informação; de portais de eventos científicos.

Consideramos que esta pesquisa não partiu de uma amostra definida, tendo em vista que buscamos, a partir da técnica de levantamento, identificar os componentes das estruturas cognitiva e social da

GC na Ciência da Informação a partir da seleção de fontes específicas e, a partir disso, obtivemos os dados.

SISTEMATIZAÇÃO DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS, DOS INDICADORES E DOS COMPONENTES ESTRUTURAIS

A técnica de Análise de Conteúdo (AC) (Bardin, 2011) corroborou para realização da pré-análise, seleção e exploração de materiais para constituição dos escritos sobre o processo de institucionalização científica (Whitley, 1974).

Foi possível adotar a técnica de AC para sistematizarmos, como método, as categorias analíticas, os indicadores e os componentes conforme as mensagens, os conteúdos, e/ou a teoria whitleyana do processo de institucionalização científica, contribuindo para a organização e interpretação dos resultados.

Na realização na fase de pré-análise, no que tange à pesquisa bibliográfica para construção da fundamentação teórica, foram escolhidas fontes de informação como artigos de periódicos científicos por meio do portal de periódicos da CAPES, a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), as dissertações e as teses da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e livros, para levantamento prévio da literatura necessária sobre as teorias que circundam o desenvolvimento e a institucionalização científica, identificando os componentes que formam as estruturas social e cognitiva (Whitley, 1974), buscando formar as categorias e os indicadores.

Na exploração do material, tomando como base as estruturas cognitiva e social identificadas na teoria whitleyana e de seus componentes constantes no Quadro 1, estabelecemos as categorias analíticas, além dos indicadores e seus componentes de avaliação do processo de institucionalização científica da GC no campo da Ciência da Informação

no Brasil, conforme apresentamos o Quadro 3 para fins de demonstração, a seguir.

Quadro 3 – Categorias, Indicadores e Componentes para a análise do processo de institucionalização científica da GC na Ciência da Informação no Brasil

		INDICADORES	COMPONENTES
CATEGORIAS ANALÍTICAS	ESTRUTURA COGNITIVA DA GC	Linearidade e concordância na linguagem especializada e ordem intelectual	Palavras-chave e/ou termos adotados nas pesquisas de GC
		Natureza previsível das pesquisas a partir da identidade cognitiva	Conceitos articulados sobre GC, a partir do quadro terminológico, entre os pesquisadores
		Consenso e compromisso dos fundamentos teóricos, dos objetivos de análise e dos modelos de investigação	Fundamentos teóricos e metodológicos que fundamentam os estudos de GC e a previsibilidade teórica
		Consenso nas atividades de identificação descrição e avaliação das pesquisas científicas	Predominância de corrente(s) científica(s), a partir das obras de autores citados, convergente(s) da GC entre os pesquisadores
	ESTRUTURA SOCIAL DA GC	Instituições que subsidiam espaços, vagas, ocupações para formação de especialistas (pesquisadores, docentes, entre outros) em GC	IES com PPG na área de Ciência da Informação e em GC, e Linhas de Pesquisa em GC
		Formação de sociedades e comunidades científicas e Identidade Social Interna	Grupos de pesquisa, Redes de Cooperação em GC
		Formação de sociedades e comunidades científicas e Identidade Social Externa	Espaços para Comunicação Científica: Periódicos científicos e Eventos Especializados em GC
		Formação de Especialistas na Área e Alocação desses em Instituições	Perfil formativo (graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado) e Afiliações de pesquisadores em GC

Fonte: Elaboração própria, com base em Whitley (1974).

As categorias analíticas, os indicadores e os componentes de avaliação/constatação foram construídos, como dito anteriormente, com

base nos escritos de Whitley (1974) com o apoio de materiais bibliográficos de autores com pesquisas no campo da Ciência da Informação. Para o estudo, levamos em considerações o contexto que se insere a GC neste campo informacional, realizando opções viáveis e necessários para o alcance dos objetivos.

Além disso, os indicadores delimitados para esta pesquisa estão ancorados nas questões que foram apresentadas na problematização, levando em conformidade as categorias e subcategorias nas estruturas e componentes sociais e cognitivos, a partir da teoria whitleyana.

É importante destacar que a AC contribuiu com a primeira parte do momento desta pesquisa, no que tange a análise dos materiais sobre o contexto científico e institucionalização científica, e a exploração dos materiais que circundam a teoria whitleyana. Para tanto, a terceira e última fase dessa técnica foi abarcada após o processo de coleta de dados concernentes às categorias analíticas, aos indicadores e aos componentes de avaliação que, além da AC, foram subsidiados por outros procedimentos técnicos de análise.

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS COMPONENTES ESTRUTURAIS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA

A primeira fase da coleta de dados da estrutura cognitiva ocorreu entre os meses de maio e junho de 2022, sendo possível realizar o levantamento dos trabalhos sobre GC disponíveis no Portal de Eventos da ANCIB⁴ que mantém os anais das 15 primeiras edições (1994 a 2014) e nos portais de eventos das instituições que registraram os das edições ocorridas entre 2015 e 2021, ou seja, nos anais de 21 edições do ENANCIB.

Destacamos que o ENANCIB que ocorreria no ano de 2020, a 21ª edição, foi suspensa devido a pandemia da COVID-19, passando a acontecer remotamente no ano de 2021 por meio de plataformas digitais. Isso não implicou nos resultados e no desenvolvimento deste

estudo porque não delimitamos um recorte temporal e nem quantitativo de edições, pois consideramos todos os encontros ocorridos até o momento da coleta de dados.

Para realização da consulta e identificação dos artigos de interesse, acatamos os trabalhos que possuísem os termos “gestão do conhecimento” ou “*knowledge Management*” e “gestão da informação e do conhecimento” ou “*information and knowledge management*” no título, ou no resumo, ou nas palavras-chave dos 5.209 trabalhos publicados em todos os GT das 21 edições do evento analisadas. A busca e seleção dos trabalhos se deram por leitura minuciosa e exaustivas dos itens registrados nos metadados e na primeira página de cada texto científico.

Na segunda fase da coleta, após o levantamento das publicações em todos os GT, partimos para a consulta do ano do evento, título, autor(es), resumos e palavras-chave adotadas. Com isso, descrevemos, a seguir, como foram organizados os componentes que subsidiaram a análise da categoria estrutura cognitiva da GC.

Na terceira fase, em detrimento dos indicadores linearidade e concordância na linguagem especializada e ordem intelectual e natureza previsível das pesquisas a partir da identidade cognitiva, organizamos os dados relacionados às palavras-chave que, em primeiro momento, foram extraídas das 194 publicações sobre GC. Aplicamos todos os termos, oriundos das palavras-chave, no mecanismo de geração de nuvens de *tags*, o WordArt⁵, a partir do *ranking* de ocorrências dos termos.

Selecionamos os termos mais recorrentes e as suas possíveis relações com a GC e se isso implica nas suas abordagens enquanto situações problemas e na sua posição na Ciência da Informação.

Como quarta fase, recorreremos aos autores mais produtivos em pesquisas de GC no âmbito do ENANCIB, e foram identificados 254 pesquisadores com autoria no tema. A opção por listar os autores produtivos, se deu pela necessidade de selecionar os responsáveis pela trajetória, estruturação e avanço da GC, em que chamamos de

Representantes do Núcleo da GC na Ciência da Informação no Brasil, desconsiderando os que não se encaixam como transientes.

Entre todos os pesquisadores, 16 autores se encaixaram entre os mais produtivos, considerando a quantidade mínima de cinco trabalhos publicados. Para seleção dos pesquisadores representativos do núcleo dentre os 16 mais produtivos, foi necessária a aplicação de alguns critérios, a saber: título de doutor; credenciado(a) ou ter atuado como pesquisador permanente em Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*; possuir orientações acadêmicas em andamento ou concluídas de dissertações e/ou teses; e líder ou Membro Pesquisador de Grupo de Pesquisa cadastrado no DGP do CNPq.

Após o estabelecimento desses critérios, nove autores formaram a representação do núcleo da GC neste campo informacional, considerando a produtividade ao longo das edições do ENANCIB. Tais pesquisadores serviram de base para o prosseguimento dos próximos componentes para constatação dos indicadores da estrutura cognitiva.

A escolha dos pesquisadores também foi embasada pela identificação de regularidade dos autores representativos do núcleo da GC durante as edições do ENANCIB, desde o primeiro ano em que surgiu o primeiro trabalho cunhado em GC até a edição do evento que ocorreu em 2021.

Na última e quinta fase da categoria estrutura cognitiva, consenso e compromisso dos fundamentos teóricos, dos objetivos de análise e dos modelos de investigação e o consenso nas atividades de identificação descrição e avaliação das pesquisas científicas, recorreremos aos autores e suas respectivas obras (referências citadas) que embasam os trabalhos publicados em GC nos ENANCIB.

Nesta etapa, tínhamos por finalidade alcançar os componentes de fundamentos teóricos e metodológicos que fundamentam os estudos de GC e predominância de corrente(s) científica(s) convergente(s) entre pesquisadores, para que pudéssemos inferir sobre tais indicadores. Nesse contexto, os trabalhos selecionados para esse momento da análise foram

os que formam a produção científica dos nove autores representativos do núcleo da GC.

Sendo assim, a partir da análise de citação, acostada pelo procedimento de análise bibliométrica, passamos a selecionar todas as referências de 90 trabalhos publicados pelos pesquisadores do núcleo da GC nos ENANCIB. As referências foram extraídas de todos os trabalhos e organizadas em planilha correspondente a cada autor que produziu o texto, contabilizando no total de 2.133 referências.

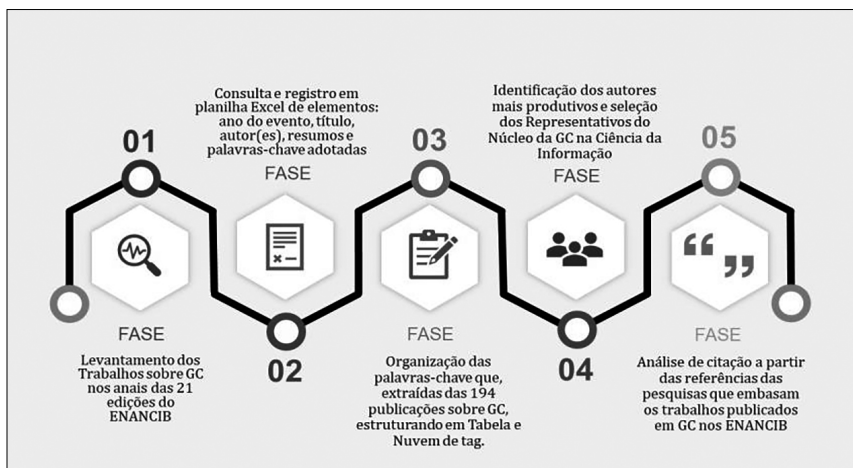
Vale ressaltar que consideramos as autocitações por entendermos que os trabalhos são de múltiplas autorias, onde a citação parte não só do autor(a) citado mais de todos os que estão em colaboração. Após a extração das referências, mesclamos na ordem alfabética e contabilizamos as repetições no caso de um mesmo autor e obra citada para obtermos as incidências.

Elencamos nos resultados deste estudo os autores que possuíram ao menos 5 citações. Entre os dados, aparecem em maior parte autor/obra citados e com ênfase na GC, como também alguns citados referentes a outras teorias e metodologias que embasam as pesquisas dos autores produtivos.

Para, finalmente, alcançarmos a base teórico-metodológica da GC na Ciência da Informação no Brasil e identificar a predominância da corrente científica nos estudos desse tema, foram considerados as referências de GC mais citadas em níveis nacional e internacional, a partir de obras de 15 autores evidenciados.

A Figura 2 ilustra a operacionalização do processo de identificação dos componentes da estrutura cognitiva da GC.

Figura 2 - Fases da operacionalização de identificação dos componentes da estrutura cognitiva da GC



Fonte: Elaboração própria.

A primeira fase da coleta dos dados da estrutura social foi identificar as IES com PPG na área de Ciência da Informação e em GC, enquanto a segunda fase foi focalizada na identificação das Linhas de Pesquisa dos PPG, para seleção das que possuem foco em GC. Esses componentes contribuíram para constatação das Instituições que subsidiam espaços, vagas, ocupações para formação de especialistas (pesquisadores, docentes, entre outros) em GC.

Desse modo, recorreremos à Plataforma Sucupira - Portal de Coleta CAPES, com o intuito de identificar, por meio da técnica de levantamento, às IES, os PPG e as suas respectivas Linhas de Pesquisa. Foram consideradas as universidades com possuem cursos de mestrados acadêmicos e profissionais e cursos de doutorado vinculados à Ciência da Informação no âmbito da CAPES.

Para identificação das Linhas de Pesquisa, além do Portal de Coleta CAPES, também recorreremos aos portais dos PPG que registram tais informações. Além disso, foram considerados a denominação, ou as

ementas, ou os eixos temáticos para identificação da relação da Linha com a GC. Esses dados foram organizados e expostos em Tabelas e Quadros no capítulo de análise e discussão dos resultados.

Na terceira fase, realizamos o levantamento dos Grupos de Pesquisa e da(s) Rede(s) de Cooperação com escopo em GC. Nesse sentido, recorreremos inicialmente aos portais de todos os PPG apresentados anteriormente a fim de selecionar os Grupos que possuem linhas de pesquisa ou escopo em GC. No caso da não identificação desses nos portais, selecionamos os docentes credenciados em cada PPG e realizamos busca pelo nome do pesquisador no DGP do CNPq, como também buscamos pela denominação de alguns Grupos.

Quanto à Rede de Cooperação, realizamos uma busca nos portais dos PPG e em diferentes canais de informação como site de eventos, entre outros, no intuito de identificar ações ou estabelecimentos de redes existentes no contexto da GC neste campo. Sendo assim, a rede selecionada e caracterizada consta registrada no website da UFSC, mais precisamente ligado ao Departamento de Ciência da Informação da instituição.

Na quarta fase da coleta de componentes da estrutura social da GC, procedemos ao levantamento dos espaços de comunicação científica a partir de canais formais e informais. Quanto aos canais formais, optamos pela identificação dos periódicos científicos e, para os canais informais, os eventos científicos. Isso possibilitou a constatação da formação de sociedades e comunidades científicas e Identidade Social Interna e Externa da GC neste campo informacional.

Realizamos o levantamento dos periódicos científicos que possuem foco em GC na parte de seu foco ou seu escopo, além de considerarmos o contexto dos eixos temáticos que o canal adota. Sendo assim, procedemos a análise dos 52 títulos de periódicos da Ciência da Informação brasileira com a finalidade de selecionar os especializados em GC e/ou possuem foco/escopo para o tema.

Além disso, a partir da técnica bibliométrica de análise de citação, retomamos aos trabalhos publicados pelos representantes do núcleo da GC para identificação dos periódicos mais citados nas referências sobre o tema em análise.

Listamos os periódicos que se destacaram entre os 52 títulos existentes e excluimos os que não são brasileiros e/ou os que, mesmo sendo da Ciência da Informação, a referência em si não se tratava da GC. Nesse sentido, foram elencados os principais periódicos que reforçam e embasam os fundamentos teóricos da GC a partir de próprios periódicos deste campo informacional.

Quanto aos eventos científicos, realizamos o levantamento dos principais eventos da Ciência da Informação e selecionamos os que mais são de relevância para este campo e que contemplassem significativamente a GC. Além disso, identificamos evento que mesmo não sendo promovido por este campo informacional, recebe influências de agentes pesquisadores e institucionais.

Nessa fase de pesquisa, buscamos caracterizar os eventos especializados em GC de modo a apresentar as principais influências que condicionam a GC enquanto tema de interesse e de relevância para esse tipo de canal de comunicação científica. Sendo assim, foram elencados o contexto histórico, mesmo que breve, o número de publicações e de edições, entre outras variáveis.

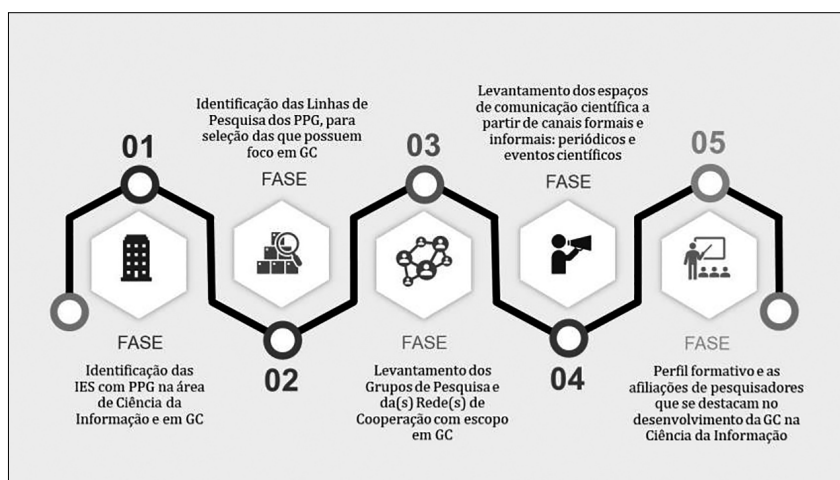
Na quinta e última fase de coleta de dados da estrutura social, buscamos apresentar o perfil formativo e as afiliações de pesquisadores que se destacam no desenvolvimento da GC na Ciência da Informação. Sendo assim, retomamos aos nove representantes do núcleo para findar tal procedimento e constatar a formação de especialistas na área e alocação desses em Instituições.

Para isso, recorreremos a busca pela identificação da formação de graduação, de mestrado, de doutorado, e pós-doutorado desses pesquisadores a partir do Currículo Lattes na Plataforma Lattes. Para

verificação de suas afiliações, foram identificados alguns dados também no Currículo Lattes e no DGP do CNPQ no campo de busca parametrizada.

A Figura 3 ilustra a operacionalização do processo de identificação dos componentes da estrutura social da GC, a seguir:

Figura 3 – Fases da operacionalização de identificação dos componentes da estrutura social da GC



Fonte: Elaboração própria.

Após a descrição desses *modus operandi* acerca da investigação, apresentamos o procedimento de análise que foi crucial para organização dos dados e nas inferências e discussões dos resultados. Sendo assim, esta pesquisa se apoiou nos estudos métricos da informação, tomando por base a bibliometria.

Os estudos bibliométricos se caracterizam a partir das métricas da produção do conhecimento, tendo a possibilidade de conhecer as conexões entre os documentos, entre os pesquisadores e os assuntos tratados, assim como perceber qual a abrangência geográfica destes elementos para que possam ser relacionados (Hjørland, 2002; Freitas; Albuquerque, 2017). Nessa perspectiva, a bibliometria consiste na

“aplicação de técnicas estatísticas para descrever aspectos da literatura e dos meios de comunicação (análise quantitativa da informação).” (Araújo, 2006, p. 11).

A técnica bibliométrica abarcou a pesquisa no que tange a organização, ao tratamento e a análise dos dados referentes aos componentes de estruturas cognitiva e social da institucionalização científica. Para alcançar os objetivos desta proposta, foram extraídos alguns componentes voltados às instituições, aos autores, e aos documentos, para contemplar os indicadores de avaliação do processo de institucionalização científica.

De acordo com Martins (2014), baseada na proposta de Hjørland (2002), a Bibliometria permite a verificação detalhada e a conexão entre documentos individuais, proporcionando análises que indiquem o reconhecimento de autores e suas relações entre pesquisadores, campos científicos e regiões geográficas. Isso é essencial para o contexto desta investigação, tendo em vista as categorias analíticas relacionadas aos objetivos desejáveis.

Para aplicação da bibliometria existem algumas leis que corroboram com o objetivo a ser alcançado durante uma pesquisa. De acordo com Bufrem e Prates (2005, p. 12) “as leis bibliométricas que são comumente utilizadas e relacionadas à produtividade científica (Lei de Lotka) e à dispersão da produção científica (Lei de Bradford) e à ocorrência de palavras no texto (Lei de Zipf).” Em nossa investigação, foram adotadas a Lei de Lotka para identificação da produtividade científica dos autores sobre GC e a Lei de Zipf ao analisarmos a ocorrência de termos (palavras-chave) no texto.

Tomamos como método uma das áreas mais importantes do estudo bibliométrico, a análise de citação, no intuito de verificar, a partir dos documentos citados, os referenciais teóricos e metodológicos de investigação. Foresti (1990) explica que a análise de citações investiga os documentos citantes e os documentos citados, além de permitir a legitimidade das teorias e conceitos adotados na área, promovendo o

reconhecimento de cientistas e estabelecendo os direitos de propriedade intelectual.

Utilizamos a análise de citação em dois momentos da nossa pesquisa, a saber: na análise dos referenciais teóricos e metodológicos citados pelos representantes do núcleo da GC, definidos pela produção científica no âmbito do ENANCIB, e na análise dos títulos de periódicos brasileiros que foram mais citados no embasamento dos trabalhos publicados por esse mesmo grupo de pesquisadores.

Por fim, realizamos as inferências sobre o atual estágio de institucionalização científica da GC, bem como sobre o seu posicionamento no campo da Ciência da Informação a partir dos principais resultados promovidos pelos componentes das estruturas cognitiva e social.

CAPÍTULO 4

INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA E POSICIONAMENTO DA GESTÃO DO CONHECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA

Em todas as edições do maior evento da área de Ciência da Informação no Brasil, até o ano de 2021, houve um total de 5.209 pesquisas apresentadas e publicadas em seus anais. No período de sua estruturação (1994/2005) o evento contabilizou 727 comunicações. A partir de 2005/2006, quando se tornou um evento regular com periodicidade anual, o ENANCIB foi se consolidando aos poucos, tanto do ponto de vista da formação e criação dos GT, como mencionado anteriormente, como na evolução de submissões e aprovações de trabalhos em andamento e/ou concluídos.

De 2006 até a última edição (2021) o evento contou com 4.482 trabalhos nas modalidades de pôster/resumo expandido ou comunicação oral/trabalho completo, apesar de o Encontro considerar dividir os trabalhos em suas formas de apresentação a partir do ano de 2007 (VIII edição).

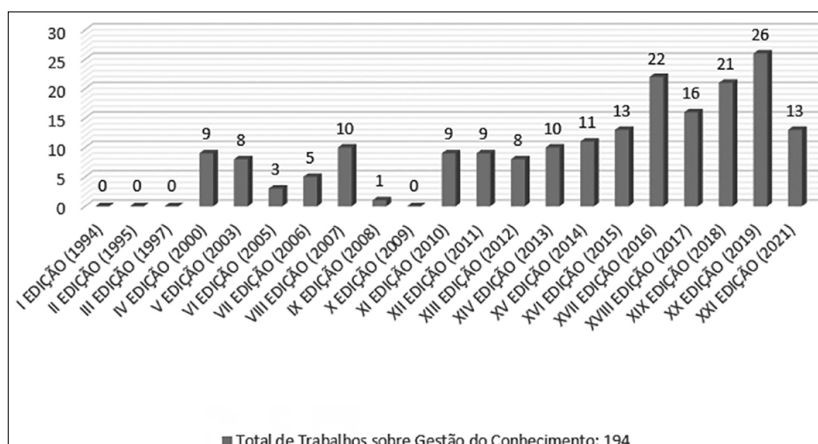
Considerando a totalidade das publicações de 1994 (I edição) a 2021 (XXI edição) é perceptível o aumento expressivo na quantidade dos trabalhos, apesar das variações para menos existentes em algumas edições, mais precisamente entre os anos 2003 e 2009. A partir de 2010, podemos considerar uma evolução quase que linear do número de trabalhos por edição, com pico de 492 apresentações e publicações nos anais do XX ENANCIB, dispostos em seus 11 GT.

Observamos também que o número total de trabalhos da edição ocorrida em 2021, na modalidade remota, reflete um número inferior se comparado com as edições de 2016, 2017, 2018 e 2019.

Para possibilitar a abertura mais específica da análise cognitiva centrada na produção científica sobre GC no âmbito dos anais de 21 edições do maior Encontro de Pesquisa da Ciência da Informação no Brasil, o ENANCIB, foi necessário realizar a identificação das pesquisas em todos os GT, além de levar em consideração todos os tipos de modalidades dos trabalhos.

O Gráfico 1 apresenta os trabalhos identificados, ressaltando a presença da temática em todos os GT, bem como de 21 edições do ENANCIB, a seguir.

Gráfico 1 – Produção científica sobre GC nos anais do ENANCIB (1994 – 2021)



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Podemos observar que os três primeiros anos que marcaram a história do ENANCIB, em sua fase de estruturação, não houve trabalhos que tratassem sobre a GC de forma direta ou timidamente em seus textos. No entanto, há um texto no II ENANCIB (1995) que, apesar de não mencionar o termo Gestão do Conhecimento, versa sobre o perfil do profissional da informação com foco no conhecimento, chamando-o de trabalhador do conhecimento, como caracteriza Drucker (1997).

O título do resumo apresentado e publicado nos anais do evento é “A sociedade de informação e o mercado de trabalho: análise das ofertas de trabalho na Grande São Paulo (1992/1994)” do GT “Formação profissional e Mercado de trabalho”.

Concretamente, os primeiros trabalhos a abordar o termo “Gestão do Conhecimento” ou Gestão da Informação e do Conhecimento” em seus elementos textuais aqui considerados aparecem a partir do ano 2000, IV edição do evento, com a presença de nove pesquisas apresentadas.

Ao analisarmos o Gráfico 2 é preciso considerar que das 21 realizações analisadas, quatro não contemplaram a GC em seus trabalhos, duas edições possuíram menos de 5 trabalhos e três edições houve um número inferior a oito apresentações. Isso demonstra um grau mediano e evolutivo para os estudos de GC se considerarmos os demais Encontros que discutem temas sobre diversas perspectivas informacionais.

Entre o período de 2003 (V ENANCIB) e 2007 (VIII ENANCIB) houve presença de pesquisas sobre o tema em questão mesmo com a oscilação em números totais de publicações. Destacamos a oitava edição, em 2007, como a que mais apresenta o maior número de trabalhos em GC na primeira década do século XXI, sendo a primeira vez a alcançar a marca de pelo menos 10 apresentações, enquanto em 2009 o Encontro de Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil não registrou pesquisas nesse contexto.

A partir da XI edição, em 2010, os trabalhos sobre a GC passaram a ser regulares no ENANCIB e, de certo modo, quase que de forma linear e com aumento considerável em relação a década anterior que pode ser reconhecida como a inserção e início das discussões sobre a temática na área. Sendo assim, o número de pesquisas registradas nos anais das edições XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX e XXI variaram de nove a 26 trabalhos.

Isso corrobora para o entendimento de que a totalidade desses trabalhos sobre GC representam, de forma gradativa e unidimensional, uma emergência ou tendência para a Ciência da Informação (Araújo,

2014a, 2017) tendo em vista a diversidade de especialidades e áreas de pesquisa que existem neste campo informacional no Brasil.

INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ESTRUTURA COGNITIVA DA GC

A partir do levantamento das pesquisas sobre GC nos anais de 21 edições do ENANCIB, ranqueamos os termos que estiveram presentes no campo de palavras-chave dos trabalhos publicados. Entre os 194 trabalhos nas modalidades pôster/resumo expandido e comunicação oral/trabalho completo, 15 trabalhos não registraram palavras-chave.

As palavras-chave foram extraídas de 179 trabalhos publicados, nos quais foram identificadas 355 palavras distintas, 97 palavras que se repetem por pelo menos uma vez, e 749 palavras-chave, com um total de 371 repetições.

No caso da nossa investigação compreendemos que os termos refletidos no campo das palavras-chave nos trabalhos sobre GC, do maior evento da Ciência da Informação brasileira, sinalizam a Gestão do Conhecimento como principal eixo temático, sendo agregada por temas imbricados no desenvolvimento de suas pesquisas.

A Figura 4 exibe de forma lúdica os principais termos recorrentes nas pesquisas sobre GC nos trabalhos recuperados nos anais das edições do ENANCIB (1994 – 2021).

Quanto à natureza previsível das pesquisas a partir da identidade cognitiva, o resultado aponta para uma inferência de que existe um grau de consenso das articulações conceituais entre os pesquisadores que publicaram sobre GC nas últimas edições do ENANCIB e, compreendendo que em sua maioria são trabalhos desenvolvidos no âmbito da Pós-Graduação e/ou Grupos de Pesquisa, tal disciplina vem sendo solidificada em seu processo de institucionalização cognitiva (Whitley, 1974), além de ter, certamente, uma forte presença nas estruturas sociais da Ciência da Informação no Brasil.

No entanto, por ser uma disciplina nova e ter visões ou correntes do ponto de vista epistemológico e pragmático, há situações em que é preciso explicar e apresentar o conceito de forma mais clara, o que pode ser um indicador de que GC vem ocupando seu espaço institucionalizado de forma evolutiva, com nível mediano/alto e exponencial.

Como complemento à análise das palavras-chave, o próximo passo foi conhecer mais um indicador da estrutura cognitiva da GC neste campo informacional a partir do levantamento dos autores das pesquisas sobre GC nos anais do ENANCIB.

Com base no parâmetro quantitativo, esta pesquisa considerou os autores mais produtivos em pesquisas de GC, no âmbito do ENANCIB, os que tiveram no mínimo 5 (cinco) publicações entre os 68 autores com mais de duas publicações. Nesse sentido, os 186 pesquisadores são considerados como fortes transientes na GC por ter regularidade de apenas uma edição, das 17 edições que contemplaram esses trabalhos, de acordo com a Tabela 1.

Tabela 1 – Autores produtivos em GC nos anais do ENANCIB (1994 – 2021)

Autor(a)	QTD/ Trabalhos	Autor(a)	QTD/ Trabalhos
Emeide Nóbrega Duarte	21	Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti	4
Marta Lígia Pomim Valentim	14	Narjara Bárbara Xavier Silva	4
Ricardo Rodrigues Barbosa	11	Rayan Aramis de Brito Feitoza	4
Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	10	Daniel de Araújo Martins	3
Suzana de Lucena Lira	10	Ediene Souza de Lima	3
Fábio Corrêa	9	Elisângela Cristina Aganette	3
Marta Araújo Tavares Ferreira	9	Eric de Paula Ferreira	3
Rosilene Agapito da Silva Llarena	9	Jorge Tadeu de Ramos Neves	3
Cláudio Paixão Anastácio de Paula	7	Lillian M. Araújo de Rezende Alvares	3
Fabrizio Ziviani	7	Luiz Claudio Gomes Maia	3
Renata de Souza França	7	Márcia Maria de M. T. Saeger	3
Ieda Pelógia Martins Damian	6	Maria C. Reis Lobo de Vasconcelos	3
Jurema S. de Araújo Nery Ribeiro	6	Regina de Barros Cianconi	3
Alzira Karla Araújo da Silva	5	Renata Maria Abrantes Baracho	3
Armando Sérgio de Aguiar Filho	5	Valério Brusamolín	3
Rivadavia C. D. de Alvarenga Neto	5	Wagner Junqueira de Araújo	3
Elaine da Silva	4	33 autores	2
Elaine Drumond Pires e Silva	4	186 autores	1
Letícia Gorri Molina	4	Total de 254 autores	

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Existem 16 autores com produções que variam entre cinco e 21 comunicações publicadas nos anais do evento. Com 21 trabalhos, a autora Emeide Nóbrega Duarte (Duarte, E. N) se apresenta como a mais produtiva

sobre GC. Em seguida, Marta Lígia Pomim Valentim (Valentim, M. L. P.) é a segunda autora que mais produziu trabalhos sobre o tema, com 14 publicações. Se destacando com 11 pesquisas apresentadas, o autor Ricardo Rodrigues Barbosa (Barbosa, R. R.) é o terceiro mais produtivo entre os 68 autores que produziram mais de um trabalho ao longo das edições do ENANCIB.

Os três autores mais produtivos Duarte, E. N.; Valentim, M. L. P.; e Barbosa, R. R. se diferenciam dos demais autores por representarem unicamente um determinado quantitativo de produções, sendo 21, 14 e 11 respectivamente. Conforme disponibilizado no Portal da ANCIB (2022), sobre a trajetória dos coordenadores de GT da associação, percebemos que os três pesquisadores possuem fortes relações com a temática, inclusive por terem sido coordenadores do GT 4 que é responsável por diversas temáticas sobre gestão, como a GC, e é denominado atualmente de “Gestão da Informação e do Conhecimento”.

Com 10 comunicações registradas nos anais do evento, Júlio Afonso Sá de Pinho Neto (Pinho Neto, J. A. S.) e Suzana de Lucena Lira (Lira, S. L.) são os autores que ocupam a quarta colocação no ranking dos autores que mais produziram sobre o tema. Fábio Corrêa (Corrêa, F.), Marta Araújo Tavares Ferreira (Ferreira, M. A. T.) e Rosilene Agapito da Silva Llarena (Llarena, R. A. S.) publicaram nove comunicações durante as edições do ENANCIB e ocupam o quinto lugar entre os mais produtivos.

Cláudio Paixão Anastácio de Paula (Paula, C. P. A.), Fabrício Ziviani (Ziviani, F.) e Renata de Souza França (França, R. S.) ocupam a sexta posição no ranking dos produtivos com sete produções sobre a temática, cada um. Já na sétima posição ocupam aqueles que publicaram seis vezes em todas as edições do evento, que é o caso das autoras Ieda Pelógia Martins Damian (Damian, I. P. M.) e Jurema Suely de Araújo Nery Ribeiro (Ribeiro, J. S. A. N.).

Os autores Alzira Karla Araújo da Silva (Silva, A. K. A.), Armando Sérgio de Aguiar Filho (Aguiar Filho, A. S.) e Rivadávia Correa Drummond de Alvarenga Neto (Alvarenga Neto, R. C. D.) são os que possuem cinco

trabalhos e ocupam a oitava posição dos autores que publicaram sobre Gestão do Conhecimento nos anais das edições do principal encontro de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil.

Esses autores podem ser considerados como os mais produtivos em GC no contexto da Ciência da Informação no Brasil, a partir das contribuições e representatividade no ENANCIB. Além disso, podem ser considerados como aqueles que têm credibilidade e influência na comunidade científica e nas camadas estruturais que sociabilizam a ciência a partir de sua comunicação.

A partir de critérios definidos, foram selecionados nove autores entre os 16 autores mais produtivos, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Autores representativos do núcleo da GC

Autor(a)	QTD/Trabalhos
Duarte, E. N.	21
Valentim, M. L. P.	14
Barbosa, R. R.	11
Pinho Neto, J. A. S.	10
Corrêa, F.	9
Paula, C. P. A.	7
Zíviani, F.	
Damian, I. P. M.	6
Silva, A. K. A.	5

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Esses autores podem ser considerados, em nossa investigação, como os Representativos do Núcleo da GC na Ciência da Informação no Brasil, tendo em vista a ocupação e as funções que desempenham no contexto da área no país, conforme apresentamos na segunda categoria desta análise, mais especificamente a estrutura social.

Em uma distribuição bibliométrica, Santos e Kobashi (2009, p. 165) explicam que “O núcleo representa o grupo de dados que aparecem com as maiores frequências, relativamente ao conjunto dos itens analisados. [...] o núcleo simboliza os autores mais férteis numa área de especialidade.” Nessa perspectiva, a escolha pelo termo “núcleo” se dá pelo entendimento que esses autores selecionados dentre os mais produtivos possuem certa frequência, ou seja, têm publicações recorrentes e demonstram, quantitativamente, um grau de maturidade na temática.

Definidos os pesquisadores que representam o núcleo da GC na Ciência da Informação no Brasil, buscou-se, a partir das referências citadas por esses autores em suas pesquisas, o consenso e compromisso dos fundamentos teóricos, dos objetivos de análise e dos modelos de investigação que fundamentam os estudos de GC e a sua previsibilidade teórica e predominância de corrente científica convergente. Sendo assim, foram analisados 89 textos com autorias dos pesquisadores desse núcleo, chegando aos dados dispostos na Tabela 3.

Tabela 3 – Base teórico-metodológica da GC na Ciência da Informação no Brasil

Autor(a) INTERNACIONAL Citado(a)	Quant. de Citações	Autor(a) NACIONAL Citado(a)	Quant. de Citações
NONAKA, H.; TAKEUCHI, I.	53	VALENTIM, M. L. P.	49
DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L.	37	BARBOSA, R. R.	29
CHOO, C. W.	26	TERRA, J. C.	21
BUKOWITZ, W. R. e WILLIAMS, R. L.	9	ALVAREGA NETO, R. C. D.	13
BERGERON, B. P.	8	DUARTE, E. N.	11
STEWART, T. A.	8	ANGELONI, M. T.	9
VON KROGH, G. V., ICHIJO, K. e NONAKA, I.	8	TARAPANOFF, K.	9
POLANYI, M.	7	SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W.; NASSIF, M.	7
DAVENPORT, E.; CRONIN, B.	5	BETTENCOURT, M. P. L.; CIANCONI, R. B.	6
SVEIBY, K. E.	5		
WIIG, K. M.	5		

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Os citados de nível internacional (primeira coluna – em escala de cinza) e os de nível nacional (segunda coluna) que podem representar os fundamentos teóricos e metodológicos da GC na Ciência da Informação são aqueles que representam um número de no mínimo cinco citações empregadas pela sua própria comunidade científica.

A inferência sobre o consenso e compromisso dos fundamentos teóricos, dos objetivos de análise e dos modelos de investigação são convergentes na orientação de sua aplicabilidade, com base nos critérios de Whitley (1974), da Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação foi evidenciada a partir desses teóricos que fundamentam os trabalhos construídos nos autores representativos do tema, no contexto do ENANCIB, e são previsíveis enquanto teóricos.

Outro indicador importante a ser considerado a partir desses dados é a inferência sobre a predominância de corrente(s) científicas(s) convergentes ou divergentes, conforme o consenso nas atividades de identificação descrição e avaliação das pesquisas científicas. No caso da GC, apontamos na problematização desta pesquisa as divergências sobre o pensamento de alguns autores ao refletirem os conceitos e as possibilidades de gerenciar o conhecimento em múltiplos contextos.

Tomando como base os dados de nossa pesquisa, principalmente a coerência entre os autores mais produtivos e representativos do núcleo na escolha de obras e autores para fundamentar suas pesquisas sobre GC, reconhecemos que NONAKA, H. e TAKEUCHI; DAVENPORT, T. H. e PRUSAK, L.; e CHOO, C. W.; VALENTIM, M. L. P.; BARBOSA, R. R.; e TERRA, J. C. estão orientados e convergem para uma perspectiva teórica e epistemológica da GC enquanto um tipo de gestão que é possível de ser realizada a partir da influência mútua dos sujeitos que compartilham seus conhecimentos em um contexto capacitante (Ba) (Nonaka; Konno, 1998).

Nesse sentido, as obras desses seis autores, e dos demais alocados na Tabela 3, são previsíveis quanto aos conceitos, teorias e fundamentos que sustentam as pesquisas de GC. Muitas dessas contribuições se centralizam na perspectiva de que a GC acontece por meio de pessoas

ou sujeitos, de estratégias ou práticas organizacionais, com ferramentas tecnológicas e com diretrizes ou políticas eficazes. Além disso, há entre esses mais citados, aqueles que consideram um ambiente, uma unidade, ou uma organização/instituição como pilar do conhecimento quando se centra na GC para realização de seus serviços em colaboração, por meio de indivíduos detentores de conhecimentos.

INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ESTRUTURA SOCIAL DA GC

Whitley (1974) entende que as universidades, sobretudo na década de 1970, eram o modelo dominante de organização social, ou seja, das estruturas que viabilizam a ascensão científica na sociedade. Em concordância com o autor, Martins (2014) explica que na Ciência da Informação esse modelo ainda é predominante pelo próprio desenvolvimento da área estar ancorado nos Programas de Pós-Graduação, e a partir disso, foram criados os movimentos de pesquisas, comunidades científicas, formação de pessoal especializado, entre outros.

Entendendo que foi no âmbito das universidades que ocorreu e ocorrem o desenvolvimento da pós-graduação, os projetos de pesquisa, dos grupos de estudos e pesquisa, a comunicação científica a partir das disponibilidades de canais formais e viabilidade de canais informais, e a qualificação de profissionais e pesquisadores, apresentamos alguns dos componentes da estrutura social do processo de institucionalização da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil.

Até a coleta dos dados existiam 24 IES que ofertam 27 PPG na área da Ciência da Informação no Brasil com cursos de mestrados acadêmicos e profissionais e de doutorado, alocadas em 17 estados, contemplando as cinco Regiões geográficas (centro-oeste, nordeste, norte, sudeste e sul). Entre os Programas identificados, quatro possuem denominações em GC, ou de maneira integrada com a GI, conforme a Tabela 4.

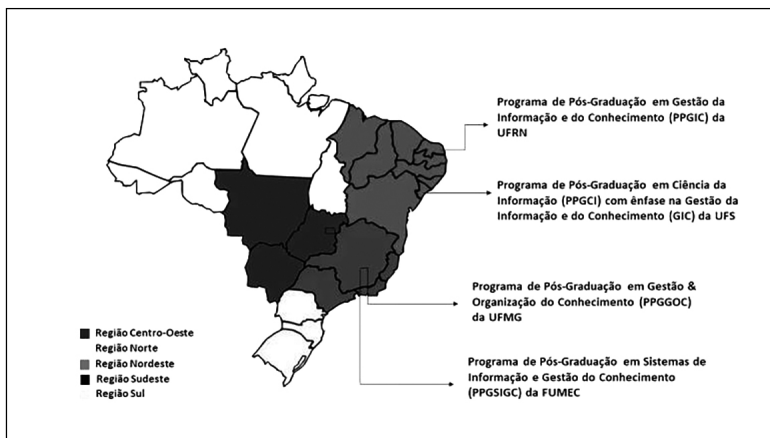
Tabela 4 – Denominação do Programa na área de Ciência da Informação no Brasil
Ciência da Informação no Brasil

Nome do Programa	Frequência	%
Ciência da Informação	15	55,6
Ciências da Informação	2	7,4
Gestão da Informação	2	7,4
Biblioteconomia	2	7,4
Gestão da Informação e do Conhecimento	2	7,4
Memória e Acervos	1	3,7
Gestão & Organização do Conhecimento	1	3,7
Gestão de Documentos e Arquivos	1	3,7
Sistema de Informação e Gestão do Conhecimento	1	3,7
Total	27	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Considerando a abrangência de especialidades e áreas de pesquisa que existem no campo da Ciência da Informação no Brasil, como apontam as denominações dos GT da ANCIB e as subáreas e tendências defendidas por Araújo (2014a, 2017), consideramos que a presença da GC na denominação de PPG na Ciência da Informação no Brasil é um avanço.

A Figura 5 representa a localização e os respectivos nomes dos PPG que possuem a GC como denominação, voltada para cursos de mestrado (acadêmicos e /ou profissionais) e doutorado acadêmico no âmbito da Ciência da Informação.

Figura 5 – PPG na área de Ciência da Informação com denominações em GC

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa (2022).

Existem dois Programas com foco em GC na Região Nordeste, denominados de “Gestão da Informação e do Conhecimento” das IES UFRN, no Rio Grande do Norte, e UFS, em Sergipe. Esses PPG ofertam o curso de mestrado profissional, numa perspectiva integrada da informação e do conhecimento no contexto da gestão, a GIC.

No Sudeste brasileiro, mais precisamente no estado de Minas Gerais, a Ciência da Informação possui mais dois PPG que contemplam a GC de forma autônoma e genérica, sendo um na UFMG que é denominado de “Gestão & Organização do Conhecimento”, e outro na FUMEC que é intitulado de “Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento”.

Considerando a abrangência de especialidades e áreas de pesquisa que existem no campo da Ciência da Informação no Brasil, como apontam as denominações dos GT da ANCIB e as subáreas e tendências defendidas por Araújo (2014, 2017), consideramos que a presença da GC enquanto denominação de PPG é um avanço para essa disciplina, enquanto sua ocupação neste campo informacional.

Nessa perspectiva, Souza, Dias e Nassif (2011) afirmam que a GI e a GC são temas que vêm sendo bastante discutidos em diversos ambientes, especialmente nas IES. Os autores afirmam que o desenvolvimento da

GC representa um novo modelo aberto e dinâmico de produzir e ofertar serviços baseados na descoberta e qualidade dos recursos intangíveis intelectuais e dos processos deles decorrentes encontrados nos ambientes organizacionais.

Demonstramos que existem universidades, aqui denominadas de IES, que subsidiam espaços, vagas, ocupações para formação de especialistas (pesquisadores, docentes, entre outros) em GC. Porém, o fato de a disciplina Gestão do Conhecimento aparecer com maior evidência (nas denominações) dos PPG da área de Ciência da Informação, não significa que outros Programas não têm foco ou interesse pelo tema.

Nesse sentido, de acordo com os indicadores e componentes da estrutura social de uma área traçados por Whitley (1974), apresentamos, a seguir, as linhas de pesquisa dos PPG da Ciência da Informação, bem como os grupos e rede de pesquisa criados e atuados pelos pesquisadores que compõem esses PPG e que têm foco na GC.

As Linhas de Pesquisa são construídas no âmbito dos PPG a fim de elucidar um melhor direcionamento nos eixos temáticos a serem estudados e pesquisados por docentes e discentes com vínculo(s) em Programa(s). O desenvolvimento de uma área, como a GC, perpassa pelo interesse ou tendências a serem investigadas, condicionando tais Linhas como um norte primário para novas questões de pesquisa.

Whitley (1974) entende que o processo de institucionalização científica também perpassa pela formação de pessoal no âmbito das unidades organizacionais e científicas. As Linhas de Pesquisa orientam a formação desses futuros profissionais e pesquisadores que se dedicam a algum objeto ou fenômeno científico.

No caso da GC, no âmbito dos PPG na área da Ciência da Informação, foi preciso recorrer a portais *online* como a Plataforma Sucupira (Coleta CAPES) e sites pesquisados e disponíveis na *web* dos 27 Programas para fins de identificação de suas Linhas.

A princípio, ao visualizarmos as denominações das Linhas de Pesquisa de cada PPG dispostas na Plataforma Sucupira e nos Sites, notamos que seis Programas abordam o termo “Gestão do Conhecimento”

ou “Gestão da Informação e do Conhecimento” na nomenclatura. Sendo assim, partindo do pressuposto de que as ementas ou eixos temáticos possuem caráter explicativo da Linha de Pesquisa, realizamos a leitura das ementas ou eixos temáticos de todas que compõem os PPG na busca de outras que tivessem a GC como foco.

Considerando o exposto, foi realizada a busca pelas ementas e pelos eixos temáticos nos próprios sites ou endereços web dos respectivos Programas. Entre os 27 PPG da área de Ciência da Informação, 15 ofertam Linhas de Pesquisa em GC, ou seja, a maioria dos cursos de mestrado (acadêmicos e profissionais) e dos cursos de doutorado (acadêmicos) contemplam Linhas orientadas para pesquisas que evidenciam a GC ou as suas abordagens.

Os 15 Programas que possuem Linhas de Pesquisa na perspectiva do tema de nossa investigação são: PPGCI-GIC/UFS; PPGCINF/UNB; PPGCI/USP; PPGCI/UEL; PPGCI/UNESP; PPGCI/UFPB; PPGCI/UFAL; PPGCI/UFMG; PPGGOC/UFMG; PGCin/UFSC; PPGCI/UFSCar; PPGCI/UFC; PPGCI/IBICT/UFRJ; PPGIC/UFRN; e PPGSIGC/FUMEC, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 – Linhas de Pesquisa em GC nos PPG da área de Ciência da Informação

PPGCI-GIC/UFS - Linha 2: Produção, Organização e Comunicação da Informação
PPGCINF/UnB - Linha 1: Organização da Informação
PPGCI/USP - Linha 2: Gestão de dispositivos de informação
PPGCI/UEL - Linha 1: Compartilhamento da informação e do conhecimento
PPGCI/UNESP - Linha 3: Gestão, Mediação e Uso da Informação
PPGCI/UFPB - Linha 3: Ética, Gestão e Políticas de Informação
PPPGCI/UFAL - Linha 1: Produção, Mediação e Gestão da Informação
UFMG/PPGCI - Linha 3: Usuários, Gestão do Conhecimento, e Práticas Informacionais
PPGGOC/UFMG - Linha 2: Gestão & Tecnologia da Informação e Comunicação
PGCin/UFSC - Linha 4: Gestão da Informação e do Conhecimento
PPGCI/UFSCar - Linha 1: Conhecimento e Informação para Inovação
PPGCI/UFC - Linha 2: Mediação e Gestão da Informação e do Conhecimento
IBICT/PPGCI/UFRJ - Linha 1: Comunicação, Organização e Gestão da Informação e do Conhecimento
PPGIC/UFRN - Linha 1: Gestão da Informação e do Conhecimento
PPGSIGC/FUMEC - Linha 1: Gestão da Informação e do conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Não foi possível identificar a ementa ou eixos temáticos das Linhas de Pesquisa do PPGIC/UFRN e do PPGSIGC/FUMEC, mas foram consideradas porque além de terem denominações do Programa em GC, também possuem Linhas nomeadas no tema em questão. Dos 15 PPG, é possível visualizar a GC a partir dos eixos temáticos das Linhas de Pesquisa de três e, das demais, a partir das abordagens de suas ementas.

Observamos que todas as Regiões do Brasil possuem PPG que contemplam Linhas de Pesquisa em GC no âmbito dos Programas da área de Ciência da Informação, com exceção da Região Norte, representada pelo PPGCI/UFGA que não tem a GC como foco de suas pesquisas.

Compreendemos que os Programas são responsáveis pelo desenvolvimento da formação de pesquisadores e especialistas em determinadas áreas e, no caso da GC na Ciência da Informação, isso vem acontecendo de forma acentuada e expressiva, considerando que há predominância em mais de 50% dos PPG com interesse pelas investigações a partir dessa disciplina.

Existe, portanto, uma demonstração de tendência positiva e elevada para a institucionalização social da área da GC no âmbito dos Programas de Pós-Graduação pertencentes à Ciência da Informação brasileira. Isso promove a ascensão da área não só do ponto de vista de sua organização enquanto disciplina, mas também eleva e predomina o avanço dos componentes cognitivos a partir de pesquisas e pesquisadores.

A presença significativa da GC como foco das Linhas de Pesquisas é também um indicador para o fortalecimento da área no que se refere a produção científica e tecnológica, por meio de teses e dissertações. Deixando aqui o pressuposto de que existe um nível elevado cognitivo da GC na Ciência da Informação a partir das investigações realizadas nos cursos de mestrado e doutorado, confirmando o que apontam os resultados de pesquisas realizadas por Santos e Kobashi (2007) e Silva (2017).

O próximo componente elenca os Grupos de Pesquisa enquanto estrutura que também demarca a organização social de uma área. No caso

da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil, procuramos listar tais Grupos na expectativa de reconhecê-los como parte das estruturas responsáveis pela comunidade científica e identidade social da disciplina enquanto tema emergente neste campo informacional investigado.

Sabendo que os Grupos de Pesquisa no campo da Ciência da Informação são predominantemente criados pelos pesquisadores vinculados aos PPG, partimos para identificação dos que possuem foco em GC nos sites ou endereço *web* disponibilizados por alguns PPG deste campo informacional. Além disso, por entendermos que tais Grupos são criados pelos pesquisadores da área, também recorremos a busca pelos nomes dos credenciados nos 27 Programas.

Alguns PPG não disponibilizam os Grupos de Pesquisa vinculados em seus endereços, o que motivou nossa busca pelo nome de cada pesquisador(a) no DGP do CNPQ⁶, na aba de consulta parametrizada⁷. Houve, também, em alguns casos, a busca pela denominação do próprio grupo.

Foram levados em consideração os Grupos de Pesquisa denominados de Gestão do Conhecimento e áreas afins, como também aqueles que, mesmo não tendo a GC em suas nomenclaturas, a consideram como Linha de Pesquisa do Grupo. Sendo assim, disponibilizamos no Quadro 5 as IES e os PPG em que esses Grupos de Pesquisa estão vinculados, as suas denominações, os seus líderes e os respectivos anos de criação e registro no DGP/CNPq.

Quadro 5 – Grupos de Pesquisa com foco em GC de pesquisadores credenciados em PPG da Ciência da Informação

IES/PPG	Nome do Grupo de Pesquisa	Líder(es)	Ano de Criação
UFS/ PPGCI-GIC	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sistemas de Informação (NEPSI)	Jairo Simião Dornelas e Denis Silva da Silveira	1995
	Grupo de Pesquisa em Engenharia da Produção (GPEP)	Andres Estombelo Montescos e Cleiton Rodrigues de Vasconcelos	2012
	Núcleo de Estudos em Mediação, Apropriação e Gestão da Informação e do Conhecimento (NEMAGI)	Martha Suzana Cabral Nunes	2016
UnB/ PPGCINF	Inteligência Organizacional e Competitiva	Kira Maria Antonia Tarapanoff e Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares	2000
UEL/PPGCI	Gestão do Conhecimento, Informação e Memória	Letícia Gorri Molina	2014
UNESP/ PPGCI	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional (ICIO)	Marta Lígia Pomim Valentim e Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano	2004
UFBA/PPGCI	Grupo de Estudos de Políticas de Informação, Comunicações e Conhecimento (GEPICC)	Gleise da Silva Brandão e Francisco José Aragão Pedroza Cunha	2003
UFPB/PPGCI	Informação, Aprendizagem e Conhecimento (GIACO)	Emeide Nóbrega Duarte e Alzira Karla de Araújo Silva	2004
	Grupo de Estudos e Pesquisas Gestão da Informação, Conhecimento e Tecnologias (GICTEC)	Júlio Afonso Sá de Pinho Neto e Suely Henrique de Aquino Gomes	2007
UFAL/PPGCI	Inovação e Competitividade	Luciana Peixoto Santa Rita e Anderson de Barros Dantas	2004
UFMG/PPGCI	Estudos Cognitivos em Ciência da Informação	Monica Erichsen Nassif	2002
	EPIC - Estudos em Práticas Informacionais e Cultura	Carlos Alberto Ávila de Araújo	2013
UFMG/ PPGGOC	Information, Knowledge & Innovation (IKI)	Frederico Cesar Mafra Pereira	2022

UFSC/PGCIn	Núcleo de Gestão para Sustentabilidade	Paulo Mauricio Selig e Gregório Jean Varvakis Rados	1996
UFSCar/PPGCI	Núcleo de Informação em Ciência, Tecnologia, Inovação e Sociedade	Wanda Aparecida Machado Hoffmann	2009
UFC/PPGCI	Gestão da Informação e do Conhecimento em Ambientes Educacionais (GICAE)	Maria Aurea Montenegro Albuquerque Guerra	2021
UNIRIO/PPGB	Comunidades de Prática, Organização do Conhecimento e Inovação	Miriam Gontijo de Moraes e Maria Simone de Menezes Alencar	2014
	Estudos em Organização e Gestão Estratégica de Bibliotecas, da Informação e do Conhecimento (GEORGEA)	Jaqueline Santos Barradas e Stefanie Cavalcanti Freire	2020
UFPA/PPGCI	Gestão da Informação e do Conhecimento na Amazônia (GICA)	Célia Regina Simonetti Barbalho e Danielly Oliveira Inomata	2000
UFRJ/IBICT/PPGCI	Centro de Referência em Inteligência Empresarial (CRIE)	Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti e Valéria Macedo	1998
UFRRN/PPGIC	Tecnologia e Gestão da Informação e do Conhecimento	Fernando Luiz Vechiato e Andréa Vasconcelos Carvalho	2018
UFF/PPGCI	Gestão e uso da informação e do conhecimento	Regina de Barros Cianconi	2009
FUMEC/PPGSIGC	Grupo de Pesquisa Gestão do Conhecimento, Inovação e Competitividade (GEIC)	Fabricio Ziviani e Jorge Tadeu de Ramos Neves	2011
	Grupo de estudos Gestão da inovação, Inteligência Competitiva e Empreendedorismo (GEICE)	Cristiana Fernandes de Muijder e Emilio Jose Montero Arruda Filho	2011
	Nível de Maturidade em Gestão do Conhecimento	Fábio Corrêa	2021

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Como dito anteriormente e, tomando como um dos indicadores que fortalecem de área, esta investigação tomou para análise os Grupos de Pesquisa que além de suas denominações, pudessem contemplar linhas de pesquisa com escopo temático com foco em GC. Entre os 27 Programas na área de Ciência da Informação, 18 PPG possuem ao menos

um membro pesquisador ou líder de Grupos de Pesquisa no contexto da Gestão do Conhecimento.

Além disso, existem alguns Programas que possuem mais de dois Grupos em GC, são eles: o PPGCI-GIC UFS; o PPGCI da UFPB; o PPGCI da UFMG; o PPGB da UNIRIO; e o PPGSIGC da FUMEC. Verificamos também que existem Grupos de Pesquisa nos PPG denominados de GIC ou GC, conforme representamos na Figura 5 e em concordância com os objetivos e Linhas de Pesquisa de cada um.

Tomando como base Whitley (1974), Martins (2014, p. 122) ao refletir sobre as origens e vínculos dos Grupos de Pesquisa, explica que um indicativo importante da institucionalização social “[...] é apontado na concepção dos grupos e em suas origens, tendo em vista que as principais entidades responsáveis pelas suas formações são as Instituições de Ensino Superior, através dos Programas de Pós-graduação.”

Todos as Regiões do Brasil possuem Grupos de Pesquisas que realizam estudos e investigações sobre a GC no âmbito na Ciência da Informação. Essa constatação também reflete um importante indicativo para uma potencial institucionalização social da área tendo em vista que tais Grupos têm se espalhados pelo Brasil, o que corrobora para o entendimento de que a disciplina em investigação se encontra presente por pesquisadores de todos os espaços regionais da Ciência da Informação e não está isolada geograficamente.

Entre os Grupos identificados notamos que o NEPSI, o GPEP, o Grupo de Pesquisa em Inovação e Competitividade, o Grupo de Núcleo de Gestão para Sustentabilidade, e o GEICE, possuem pesquisadores vinculados aos PPG da área da Ciência da Informação, mas que foram Grupos criados em outras áreas que possuem a GC como tema ou escopo de investigação. Essa aparição nos faz inferir que a Gestão do Conhecimento se predomina como uma disciplina interdisciplinar tanto do ponto de vista de suas bases teóricas e técnicas como aponta Fernandes (2019), além de ser também a partir dos microcosmos sociais da ciência.

Whitley (1974) reforça que a diversidade de técnicas não necessariamente reflete uma fragilidade na institucionalização da área, tendo em vista que a utilização, por parte dos cientistas, de várias bases teóricas e técnicas diferentes, reflete como uma forma de corroboração de resultados que parecem anômalos, mas que estabelecem um discurso entre as fronteiras cognitivas e sociais.

Consideramos que a maior parte dos Grupos de Pesquisa com foco em GC e criados no contexto da Ciência da Informação no Brasil são específicos para o contexto da própria Gestão, da informação e/ou do Conhecimento, com técnicas e análises construídas a partir do próprio campo informacional e de outras áreas afins, o que ajudam no processo de uma forte institucionalização cognitiva da GC neste campo.

Sendo assim, esses resultados evidenciam que predomina, atualmente, um forte nível de institucionalização social da GC por apresentarem grupos de estudos específicos e participarem do núcleo de estudos de outras áreas de pesquisa em Ciência da Informação, como é o exemplo do EPIC, do CRIE, os dos grupos pertencentes à FUMEC.

Entre os 25 Grupos de Pesquisa identificados e que representam pesquisadores de 18 PPG da área de Ciência da Informação, e cadastrados no DGP/CNPq, 12 Grupos, a maioria, existem há mais de 15 anos. São eles: NEPSI, GPEP, Inteligência Organizacional e Competitiva, ICIO, GEPICC, GIACO, GICTEC, Inovação e Competitividade, Estudos Cognitivos em Ciência da Informação, Núcleo de Gestão para Sustentabilidade, GICA e CRIE.

Outra constatação é que outros Grupos de Pesquisa foram criados ao longo da última década, fase em que a GC vem se consolidando consideravelmente no campo da Ciência da Informação, conforme os números de produção científica no ENANCIB. Os que foram cadastrados no DGP nos últimos anos foram: NEMAGI, Gestão do Conhecimento, Informação e Memória; EPIC; *Information, Knowledge & Innovation (IKI)*; GICAE; Comunidades de Prática, Organização do Conhecimento e Inovação; GEORGEA; Tecnologia e Gestão da Informação e do

Conhecimento; Gestão e uso da informação e do conhecimento; GECIC; GEICE; e Nível de Maturidade em Gestão do Conhecimento.

Enquanto resultado de rede de cooperação em GC na Ciência da Informação brasileira, destacamos a Rede de Gestão da Informação e do Conhecimento (Rede GIC) que, de acordo com o seu Plano de Trabalho⁸ disponível em seu portal⁹, tem como objeto geral fomentar e fortalecer a inovação na Ciência da Informação com atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão”.

O surgimento da Rede GIC foi ocasionado pela idealização e desejo de pesquisadores das instituições UFSC e UFPR, durante o I Congresso de Gestão Estratégica da Informação, Empreendedorismo e Inovação, em Florianópolis, Santa Catarina, no ano de 2017. Essas instituições, a priori, desejavam criar a Rede Sul de GI que foi formalizada por meio de um documento assinado, denominado de Carta de Florianópolis.

A Rede passou a ser uma Rede Nacional, Rede GIC, no mesmo ano, em novembro de 2017, durante o I Seminário Nacional de Gestão da Informação e do Conhecimento (SNGIC) que foi organizado e sediado pelo PPGCI da UFRN, na cidade de Natal. De acordo com Melo, Gallotti e Carvalho (2021, p. 6, grifo nosso), o evento contou com a participação e engajamento “[...] dos idealizadores da Rede Sul e com pesquisadores da UFRN, da UnB, da UFMG e da UFPB, os quais manifestaram interesse em integrar a Rede, **ampliando tanto sua abrangência geográfica quanto seu escopo, por incluir também a gestão do conhecimento.**”

Para viabilizar a Rede Nacional de GIC, conforme o seu portal e o Processo UFSC Nº 23080.074486/2018-11¹⁰, não bastava apenas a Carta de Florianópolis, foi necessária a formalização de uma proposta de relacionamento e cooperação técnica entre as instituições UFSC e UFPR em agosto de 2022, na busca de fomentar e fortalecer a inovação na Ciência da Informação, com a integração dos pilares universitários: ensino, pesquisa e extensão.

A possibilidade de IES das cinco regiões, 26 estados e o Distrito Federal de integrar a Rede GIC é garantida pela cláusula de número quatro

mediante formalização que se dá através de documentos e/ou termos regulamentados. Nesse sentido, a Rede, coordenada pelo Professor Doutor William Barbosa Vianna do DCI/PGCIn/UFSC, foi ampliada e existem, até o momento, no âmbito da Rede GIC, 15 universidades brasileiras com Programas e Cursos vinculados à Ciência da Informação e, devido a sua interdisciplinaridade, conta com a participação de áreas parceiras e adjacentes.

Além disso, a Rede conta com uma instituição de ensino de nível internacional, a Universidade de Coimbra, em Portugal. Isso se torna importante para visibilidade e colaborações científicas, técnicas e tecnológicas entre o Brasil e Portugal, no que cerne a GI e a GC e seus pesquisadores e instituições envolvidos.

Em nível nacional, hoje fazem parte da Rede GIC as seguintes IES: a UDESC; a UEL; a UNESP; a Universidade Federal de Goiás (UFG); a UFMG; a UFPR; a UFRGS; a UFRN; a UFSC; a UFPB; a UnB; a UFPE; a Universidade Federal do Amazonas (UFAM); a UNIRIO e a UFS. Sendo assim, as cinco regiões do Brasil são contempladas com instituições integradas à Rede e que potencializa e fortalece cooperações, pesquisas, ações e a própria GI e a GC.

As parcerias e adesão de IES, PPG e Departamentos favorecem a realização de Congressos, Seminários e Reuniões que visam fomentar discussões qualificadas e ligações entre instituições, fortalecimento da própria Rede (Melo; Gallotti; Carvalho, 2021).

Contudo, alinhando os componentes Grupos de Pesquisa e a Rede GIC enquanto Rede de Cooperação na perspectiva da estrutura social da GC no campo da Ciência da Informação, percebemos que há uma considerável tendência e emergência da GC na formação da sua sociedade científica e identidade social interna, mantendo-se seus pesquisadores alocados em instituições que fomentem a formação e qualificação da disciplina GC. Whitley (1974) entende que tais componentes viabilizam um maior estágio de institucionalização social quando bem definidas e aceitas pelo campo.

Whitley (1974) entende que quando uma área está socialmente institucionalizada passa a servir de base para a sua identidade social, conseguindo visualizar os periódicos científicos que podem avaliar, publicar e disseminar suas pesquisas. Nesse contexto, realizamos uma pesquisa nos portais de periódicos da área de Ciência da Informação e áreas afins do país, no intuito de identificar aqueles que são especializados no contexto da GC ou que possuem essa disciplina enquanto eixo temático em seus foco e escopo.

Entre os 52 títulos de periódicos que pertencem ao campo da Ciência da Informação no Brasil, quatro possuem como foco, escopo ou linha temática de interesse em Gestão do Conhecimento. Considerando que a Ciência da Informação é uma área interdisciplinar que possui diversas especialidades e áreas de pesquisas reveladas pelos próprios GT da ANCIB e do ENANCIB, bem como nas pesquisas de Araújo (2014a, 2017, 2018), a incidência da GC enquanto tema de especialidade dos periódicos identificados pode ser considerada como satisfatória.

Os quatro periódicos identificados como especializados ou com foco/escopo em GC são: *Perspectiva em Gestão & Conhecimento (PG&C)*¹¹; *AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento*¹²; *Revista Informação na Sociedade Contemporânea (RISC)*¹³ e *a Ciência da Informação em Revista*¹⁴.

Uma questão importante a ser pontuada é que o fato de se ter periódicos especializados ou com foco em GC, não significa que os pesquisadores não publiquem nos demais. Os periódicos da Ciência da Informação são receptivos a receber submissões de trabalhos com essa temática e realizam o processo de avaliação entre os pares e, caso os trabalhos submetidos sejam aprovados, publicam nos respectivos números.

O periódico PG&C foi criado a partir de uma cooperação técnica entre a UFPB e o IBICT com o objetivo de publicar trabalhos inéditos e originais relacionados com as temáticas que são abordagens da GC

a partir de diálogos interdisciplinar, pluridisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar.

Na última avaliação quadrienal (2013-2016) do Qualis-Periódicos da CAPES (WebQualis), o “PG&C” obteve estrato A4 na área de Comunicação e Informação da CAPES, onde se assenta a Ciência da Informação e suas especialidades e áreas de pesquisa.

O periódico “AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento” que teve seu primeiro volume e sua primeira edição no ano de 2011, Qualis A4, com a colaboração da Professora Doutora Helana de Fátima Nunes Silva, coordenadora, à época, do Curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Tal periódico nasceu como proposta possibilitar aos jovens pesquisadores a divulgação dos seus estudos (especialmente aqueles derivados de trabalhos de conclusão de curso e dissertações), cujas metodologias ou abordagens fossem inéditas (Silva, 2011).

O periódico “RISC”, Qualis B3, é um canal de publicação científica vinculada ao Departamento de Ciência da Informação e do PPGIC da UFRN. A sua idealização se deu no âmbito do Grupo de Pesquisa em Informação na Sociedade Contemporânea e passou a ampliar seu escopo para a Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento quando com a implementação do PPGIC.

Gerenciado pelo Portal de Periódicos da UFRN, o periódico “RISC” desde sua criação e tem como Editora Chefe Professora Doutora Nancy Sánchez Tarragó. Entre as linhas temáticas que envolvem o escopo do periódico destacam-se: Gestão da Informação, Gestão do Conhecimento e Inteligência Informação; Informação, Tecnologia e Mediação; Informação, Memória e Sociedade; Estudos Métricos da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação; e Organização e Tratamento da Informação.

O periódico “Ciência da Informação em Revista” que, mesmo não sendo especializado em GC, possui escopo voltado para a área de Administração e Qualis B1. Isso nos faz inferir que o referido canal de comunicação científica aceita submissões de trabalhos no contexto

da Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento e suas derivadas abordagens.

O periódico “Ciência da Informação em Revista” é vinculado ao PPGCI da UFAL tem como Editor Chefe o Professor Doutor Edivanio Duarte de Souza e Editor Adjunto Professor Doutor Ronaldo Ferreira de Araújo. Tal periódico teve seu primeiro volume e sua primeira edição em 2014, inclusive com um artigo no contexto de Gestão da Informação e do Conhecimento.

Além desse levantamento, optamos por realizar a análise dos periódicos mais citados nos 89 trabalhos publicados pelos representantes do núcleo, perfazendo um total de 2.133 referências. Nesse contexto, foram levadas em consideração, para esta constatação, as obras oriundas dos periódicos científicos brasileiros da área de Ciência da Informação citadas nesses trabalhos, o que ocasionou a incidência de 110 citações.

Outro ponto a ser destacado é que os periódicos citados, considerados nesta análise, foram os das referências que tratam especificamente sobre a Gestão do Conhecimento, tendo como critério de exclusão àquelas que, mesmo sendo um trabalho publicado em periódico da Ciência da Informação no Brasil, versavam sobre outras temáticas.

A Tabela 5 apresenta os periódicos presentes nas referências dos trabalhos publicados pelos pesquisadores Duarte, E. N.; Valentim, M. L. P.; Barbosa, R. R.; Corrêa, F.; Paula, C. P. A.; Ziviani, F.; Damian, I. P. M.; e Silva, A. K. A. Buscando a otimização da visualização e caracterização de tais periódicos, também apresenta informações sobre o ISSN de cada um, a instituição de vínculo de cada periódico, a classificação no Qualis Periódicos Quadriênio 2013-2016 na área Comunicação e Informação e, por fim, a incidência de citação.

Tabela 5 – Periódicos científicos brasileiros da área da Ciência da Informação citados nas publicações de GC dos representantes do núcleo dos ENANCIB

Periódico	ISSN	Incidência de citação
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	2236-417X	22
Informação & Informação	1981-8920	21
Informação & Sociedade: Estudos	1809-4783	18
DataGramaZero ¹⁵	-	10
Ciência da Informação	1518-8353	8
Perspectiva em Ciência da Informação	1981-5344	8
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	1983-5116	8
Brazilian Journal of Information Science	1981-1640	2
Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	1414-0594	2
Revista Digital de Biblioteconomia de Ciência da Informação	1678-765X	2
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	1983-5213	2
Atoz: Novas Práticas em Informação e Conhecimento	2237-826X	1
BIBLOS: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação	0102-4388	1
Em Questão	1808-5245	1
Encontros Bibli	1518-2924	1
InCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação	2178-2075	1
P2P e Inovação	2358-7814	1
Transinformação	2318-0889	1
TOTAL		110

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Os três periódicos que se configuram como os mais citados nos itens veiculados, são: o periódico Perspectiva em Gestão & Conhecimento;

o periódico *Informação & Informação*; e o periódico *Informação & Sociedade: Estudos*.

Quanto à incidência de citação ao periódico “*Perspectiva em Gestão & Conhecimento*”, acreditamos que isso pode ser reflexo de seu foco e escopo voltados para a Gestão do Conhecimento da Ciência da Informação no Brasil, tornando um dos canais com maior visibilidade e de importância para essa disciplina no campo. Esse canal de comunicação científica também tem publicado números especiais no que tange aos melhores trabalhos do grupo que versa sobre GC no ENANCIB, o GT 4.

No que se refere ao periódico “*Informação & Informação*”, constatamos que, mesmo com foco amplo para os estudos de todas as áreas de pesquisa e especialidades da Ciência da Informação, existem obras nesse periódico que viabilizam a fundamentação teórica sobre GC nos trabalhos dos pesquisadores especialistas.

O periódico “*Informação & Sociedade: Estudos*” é um dos mais reconhecidos no campo da Ciência da Informação e que possui um escopo voltado para todas as áreas de pesquisa e especialidades do campo. Quanto à GC, percebemos que se configura como um canal importante para os estudos do tema e introduz como espaço para alcance e visibilidades das obras de pesquisadores que desenvolvem as pesquisas teóricas e pragmáticas do fenômeno em análise.

Dentre os 18 periódicos científicos da Ciência da Informação brasileira citados nos trabalhos sobre GC dos representantes do núcleo, destacam-se, também, os periódicos “*Ciência da Informação*”, “*Perspectiva em Ciência da Informação*”, e “*Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*” com incidência de oito citações cada um. A presença da GC enquanto tema de obras publicizadas por esses periódicos é de suma importância para o processo de sua institucionalização social neste campo informacional.

Destacamos o periódico “*Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*” que é vinculado à ANCIB e se caracteriza como um canal que publica pesquisas de autores pesquisadores associados,

além de lançar números com os trabalhos premiados em cada GT nas edições do ENANCIB. Nesse contexto, esse é mais um indicativo que demonstra os trabalhos de GC indexados no referido periódico estão reconhecidamente citados entre a sua comunidade científica, seus pesquisadores representantes.

Os demais títulos de periódicos que aparecem nas publicações de GC, a partir dos pesquisadores tomados para esta análise, apresentam pelo menos uma ou duas citações. Sendo assim, entre os 52 canais de comunicação em formato de periódico científico da “Ciência da Informação”, 18 registram ocorrência no *corpus* selecionado. Entre eles, o “AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento”, o “Em Questão”, o “Encontros Bibli”, e o periódico “Transinformação”.

Portanto, consideramos que a GC vem ganhando espaço não só em periódicos especializados da Ciência da Informação, como também possui registros de pesquisas em periódicos citados nos trabalhos do maior evento científico deste campo informacional no Brasil, contribuindo para o seu estabelecimento e processo de institucionalização social e, conseqüentemente, cognitiva.

Os eventos científicos são espaços que promovem o diálogo, as interações, as colaborações e as apresentações e publicações de pesquisas em andamento e/ou concluídas por uma comunidade científica. Nesse contexto, para Whitley (1974) a realização de eventos, enquanto canal informal de comunicação científica, proporciona importantes contatos para o compartilhamento de informações e legitimação das pesquisas entre os pares, permitindo a validação confiável.

O maior evento deste campo no Brasil, como dito anteriormente, é o ENANCIB que apresenta em sua estrutura diversos GT. Nesse sentido, além dos periódicos serem um dos principais canais para divulgação científica sobre a GC, esse evento, enquanto canal informal e científico, se configura como um dos principais meios de contribuições não só para o processo de institucionalização cognitiva, como também para a estrutura social da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação.

Os trabalhos de GC no ENANCIB eram, inicialmente, publicados em GT com foco nos negócios, em gestão, em planejamento e inteligência competitiva, hoje concentradas no GT de GIC e que, ao longo da trajetória do evento, as pesquisas em Gestão do Conhecimento foram se concentrando no âmbito do GT 4, desde quando se denominava Gestão de Unidades de Informação. Além disso, evidenciamos que desde o ano de 2000, primeira edição a publicar trabalho sobre o tema, as pesquisas sobre GC passaram por oito GT diferentes, se sobressaindo com a maioria no GT 4.

O crescimento de publicações da GC no ENANCIB quando o GT 4 passou a tê-la em seu escopo/ementa, além de estar na denominação de forma integrada “Gestão da Informação e do Conhecimento”. Sendo assim, consideramos que esse referido GT é o responsável pela sua presença no evento e, conseqüentemente, como um dos mais importantes espaços de canal informal de comunicação científica.

Como dito anteriormente, a GC tem perfil interdisciplinar e dialoga consideravelmente com outros campos científicos. Essa disciplina é emergente não só na Ciência da Informação, mas por grupos de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento como: Administração, Engenharia de Produção, Psicologia, Computação, entre outros.

Isso contribuiu para que grupos de interesse fossem se preocupando com essa evolução no país, o que resultou na criação da Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento (SBGC) que se caracteriza como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), fundada no ano de 2001, e é vista como uma representação para os brasileiros pela Comunidade Internacional de Gestão do Conhecimento e Inovação que, inclusive, promove anualmente a *International Conference on Knowledge Management* (ICKM).

Essa sociedade, formada por empresários, pesquisadores e parceiros, é responsável por criar e manter o Congresso Brasileiro de Gestão do Conhecimento (KM Brasil) que, a priori, acontecia anualmente, passou a ser a cada dois anos em 2012 e, desde 2020, voltou a ocorrer



anualmente. Esse evento é de suma importância para a área de Gestão do Conhecimento enquanto disciplina científica e, também, por promover a troca de experiências entre gestores e pesquisadores sobre temáticas relacionadas a essa gestão com vistas ao avanço da área no Brasil.




Em suma, os eventos científicos, como esses que foram apresentados, são “[...] um meio de promover a alteração do quadro de isolamento entre os pesquisadores brasileiros, permitindo interlocução, oportunidade de debate e de estímulo à reflexão” (Marteleto; Lara, 2008, p. 10).




Nesse sentido, o ENANCIB e o KM Brasil, cada uma com seus objetivos e especificidades e enquanto canais informais de comunicação científica e tecnológica, tendem a contribuir com a formação de sociedades e comunidades científicas, juntamente com os canais formais (os periódicos científicos), buscando estabelecer a identidade social externa da GC na Ciência da Informação no Brasil, de forma evolutiva, emergencial e com destaques entre a maioria de seus componentes que formam sua estrutura social neste campo informacional.


Após apresentação dos Programas de Pós-Graduação da área de Ciência da Informação e das respectivas Linhas de Pesquisa, e os Grupos de Pesquisados vinculados a pesquisadores e aos PPG, cadastrados no DGP/CNPq e os canais de comunicação científica, apresentamos no Quadro 6 o perfil acadêmico e os vínculos existentes dos pesquisadores que constituem o núcleo da GC, definidos na estrutura cognitiva desta pesquisa.

Quadro 6 – Perfil acadêmico e afiliações dos Representantes do Núcleo da GC na Ciência da Informação

	<p>Nome: Emeide Nóbrega Duarte PPG: Ciência da Informação/UFPB Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Políticas da Informação Grupo de Pesquisa: GIACO - Líder Formação: Biblioteconomia e Documentação Títulos: Mestra em Biblioteconomia e Doutora em Administração Pós-Doutorado: Ciência da Informação Áreas de pesquisa em GC: Conhecimento Organizacional, Criação do Conhecimento, Aprendizagem Organizacional, Compartilhamento do Conhecimento, Processos de GC, Memória Organizacional e Redes Sociais.</p>
	<p>Nome: Marta Lígia Pomim Valentim PPG: Ciência da Informação/UNESP Linha de Pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação Grupo de Pesquisa: ICIO - Líder Formação: Biblioteconomia e Documentação Títulos: Mestra em Ciência da Informação e Doutora em Ciências da Comunicação Pós-Doutorado: Ciência da Informação Áreas de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Conhecimento Organizacional, Inteligência Competitiva, Memória Organizacional, Compartilhamento da Informação e do Conhecimento e Processos de GC.</p>

	<p>Nome: Ricardo Rodrigues Barbosa</p> <p>PPG: Gestão & Organização do Conhecimento/UFMG</p> <p>Linha de Pesquisa: Gestão & Tecnologia da Informação e Comunicação</p> <p>Grupo de Pesquisa: GICA – Membro Pesquisador</p> <p>Formação: Psicologia</p> <p>Títulos: Mestre em Business Administration e Doutor em Administração de Empresas</p> <p>Pós-Doutorado: Ciência ou Estudos da Informação</p> <p>Áreas de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Conhecimento Organizacional, Processos de GC e Redes Sociais.</p>
	<p>Nome: Júlio Afonso Sá de Pinho Neto</p> <p>PPG: Ciência da Informação/UFPB</p> <p>Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação</p> <p>Grupo de Pesquisa: GICTEC – Líder</p> <p>Formação: Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas</p> <p>Títulos: Mestre e Doutor em Comunicação</p> <p>Pós-Doutorado: Ciência da Informação</p> <p>Área de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Conhecimento Organizacional e Processos de GC.</p>
	<p>Nome: Fábio Corrêa</p> <p>PPG: Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento/FUMEC</p> <p>Linha de Pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento</p> <p>Grupo de Pesquisa: Nível de maturidade em Gestão do Conhecimento – Líder</p> <p>Formação: Sistemas de Informação</p> <p>Títulos: Mestre e Doutor em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento</p> <p>Pós-Doutorado: Ciência da Informação</p> <p>Áreas de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Conhecimento Organizacional, Criação do Conhecimento e Compartilhamento da Informação e do Conhecimento.</p>

	<p>Nome: Cláudio Paixão Anastácio de Paula</p> <p>PPG: Ciência da Informação/FUMEC</p> <p>Linha de Pesquisa: Usuários, Gestão do Conhecimento, e Práticas Informacionais</p> <p>Grupo de Pesquisa: Estudos Cognitivos em Ciência da Informação - Membro pesquisador</p> <p>Formação: Psicologia</p> <p>Títulos: Mestre em Ciências da Informação e Doutor em Psicologia Social</p> <p>Pós-Doutorado: Ciência da Informação</p> <p>Áreas de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Criação do Conhecimento e Aprendizagem Organizacional.</p>
	<p>Nome: Fabrício Ziviani</p> <p>PPG: Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento/FUMEC</p> <p>Linha de Pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento</p> <p>Grupo de Pesquisa: GECIC – Líder</p> <p>Formação: Administração – Habilitação Análise de Sistemas</p> <p>Títulos: Mestre em Administração Pública - Gestão da Informação e Doutor em Ciência da Informação</p> <p>Pós-Doutorado: –</p> <p>Áreas de pesquisa em GC: Gestão da Informação e suas Tecnologias, Conhecimento Organizacional, Criação do Conhecimento e Compartilhamento da Informação e do Conhecimento.</p>
	<p>Nome: Ieda Pelógia Martins Damian</p> <p>PPG: Ciência da Informação/UNESP</p> <p>Linha de Pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação</p> <p>Grupo de Pesquisa: ICIO – Membro Pesquisador</p> <p>Formação: Análise de Sistemas</p> <p>Títulos: Mestra e Doutora em Administração de Organizações</p> <p>Pós-Doutorado: Ciência da Informação</p> <p>Áreas de pesquisa em GC: Memória Organizacional e Processos de GC.</p>

	<p>Nome: Alzira Karla Araújo da Silva</p> <p>PPG: Ciência da Informação/UFPB</p> <p>Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação</p> <p>Grupo de Pesquisa: Líder</p> <p>Formação: Biblioteconomia</p> <p>Títulos: Mestra e Doutora em Ciência da Informação</p> <p>Pós-Doutorado: –</p> <p>Áreas de pesquisa em GC: Compartilhamento da Informação e do Conhecimento e Redes Sociais.</p>
---	---

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa (2022).

Os responsáveis pela estruturação e desenvolvimento da Ciência da Informação, na perspectiva do ENANCIB, se caracterizam quatro pesquisa-doras e cinco pesquisadores. Quanto aos PPG, três são afiliados ao PPGCI/UFPB (Emeide Nóbrega Duarte, Júlio Afonso Sá de Pinho Neto e Alzira Karla Araújo da Silva); duas são afiliadas ao PPGCI/UNESP (Marta Lígia Pomim Valentim e Ieda Pelógia Martins Damian); dois são ou foram afiliados ao PPGSIGC/FUMEC (Fábio Corrêa e Fabrício Ziviani); um é afiliado ao PPGCI/UFMG (Cláudio Paixão Anastácio de Paula) e, por fim, outro é afiliado ao PPGGOC/UFMG (Ricardo Rodrigues Barbosa).

Desse modo, os PPG que dão visibilidade a GC a partir dos representantes de seu núcleo são: PPGCI/UFPB; PPGCI/UNESP; PPGSIGC/FUMEC; PPGCI/UFMG; e PPGGOC/UFMG.

Instituições como UFPB, UNESP, UFMG e FUMEC são as responsáveis por dar visibilidade à produção científica, a formação de pesquisadores e viabilidade de cunho científico-pragmático no contexto da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil.

Quanto aos Grupos de Pesquisas apresentados anteriormente e que delimitam a formação da sociedade e identidade científica (Whitley, 1974) da GC, destacamos o GIACO, o ICIO, o GICA; o GICTEC; o de Nível de Maturidade em Gestão do Conhecimento; o de Estudos Cognitivos em

Ciência da Informação, e o GECIC. Esses são os responsáveis por alocar os pesquisadores representativos do núcleo e por desenvolverem pesquisas e produtos científicos (livros, artigos, trabalhos em eventos, entre outros) no escopo da Gestão do Conhecimento neste campo informacional.

Outro ponto importante a ser destacado é a formação, os títulos e estágio de pós-doutorado desses pesquisadores e docentes representantes. Predomina formação em Biblioteconomia na formação de três pesquisadoras (Emeide Nóbrega Duarte, Marta Lígia Pomim Valentim e Alzira Karla Araújo da Silva). Há dois pesquisadores com formação em Psicologia (Ricardo Rodrigues Barbosa e Cláudio Paixão Anastácio de Paula).

Com formação em Administração ou Administração com habilitação em Análise de Sistemas existem dois pesquisadores (Fabrício Ziviani e Ieda Pelógia Martins Damian), enquanto um pesquisador tem formação em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas (Júlio Afonso Sá de Pinho Neto) e outro tem formação em Sistemas de Informação (Fábio Corrêa).

As áreas de formação desses pesquisadores refletem o perfil interdisciplinar da GC a partir de pessoal especializado das áreas da Biblioteconomia, Administração com habilitação em Análise de Sistemas, Psicologia, Comunicação Social e Sistemas de Informação.

Tais intelectuais, a partir de suas contribuições advindas das bases teóricas formativas, coadunam com os paradigmas da Gestão do Conhecimento apresentadas por Alvares *et al.* (2020) ao analisarem as ciências cognitivas, representando o paradigma humanista; a estatística, representando o paradigma sociotécnico; a administração e economia, representando o paradigma organizacional e a segurança da informação digital, representando o paradigma tecnológico, propostos por Sagsan (2009).

Quando partimos para análise dos títulos acadêmicos e de estágio pós-doutoral, observamos que todos os representantes possuem vínculo formativo com o campo da Ciência da Informação.

Entre os nove pesquisadores, cinco possuem mestrado ou doutorado em Biblioteconomia ou Ciência da Informação, enquanto três em Administração, um na área de Comunicação e outro em Sistemas de Informação e GC.

Quanto ao estágio pós-doutoral, sete dos nove pesquisadores realizaram pesquisas de pós-doutorado em Ciência da Informação, em instituições do Brasil e do exterior.

Percebemos que existe uma certa “via de mão dupla” na formação e atuação de pesquisas dos representantes do núcleo da GC no campo da Ciência da Informação no Brasil que, mesmo sendo interdisciplinar, seus pesquisadores tendem a utilizar aportes teóricos e metodológicos cunhados pelas suas formações, mas também aqueles produzidos e validados neste próprio campo informacional, como foi constatado em seu processo de institucionalização cognitiva.

Existem também as áreas de pesquisa da GC predominantes na produção científica desses pesquisadores durante as edições do ENANCIB. Em consonância com as abordagens evidenciadas na estrutura cognitiva da GC, constatamos que existem representantes que abordam quase todas as áreas como Duarte, E. N. e Valentim, M. L. P. e as que especificam seus estudos como Damian, I. P. M. e Silva, A. K. A. em duas ou três áreas.

Sendo assim, não diferente das concepções de Whitley (1974), apesar de possuírem avaliações autônomas, as estruturas cognitiva e social de uma área são complementares e/ou combinatórias. Enquanto se cria tais produções científicas de GC na Ciência da Informação, seus pesquisadores estão alocados em instituições e em comunidades que viabilizam esse processo, construindo e caracterizando os recursos humanos nesta comunidade científica.

Em síntese, ao constatar os componentes da GC, foi possível inferir que, a partir da análise dessas estruturas separadas, **a institucionalização científica cognitiva da GC no campo científico da Ciência da Informação no Brasil possui um alto nível e em avanço constante**

e, do ponto de vista social, **existe uma maturidade e um alto nível de institucionalização científica da GC na Ciência da Informação no Brasil**. Realizando uma análise combinatória das estruturas cognitiva e social, inferimos que, **o atual estágio de institucionalização científica da Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil encontra-se em processo de evolução e maturação, sendo considerado de nível elevado**.

POSICIONAMENTO CIENTÍFICO DA GC NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Nesta última parte do capítulo, evidenciamos a posição científica que a GC ocupa neste campo informacional, caracterizando-a em uma das duas características: especialidade ou área de pesquisa. Nesse contexto, tomamos como base a análise e discussão dos dados, bem como as principais inferências realizadas anteriormente.

Entendemos, nesta obra, que a Ciência da Informação no Brasil é um campo informacional interdisciplinar e que se relaciona com várias áreas do conhecimento tanto na perspectiva de seu corpo teórico-metodológico, como também na sua constituição política e institucional das estruturas organizativas do saber científico. Nesse contexto, a Ciência da Informação é uma ciência que, pelo seu próprio movimento, abarca conjunto de especialidades e respectivas áreas de pesquisa quando é o caso.

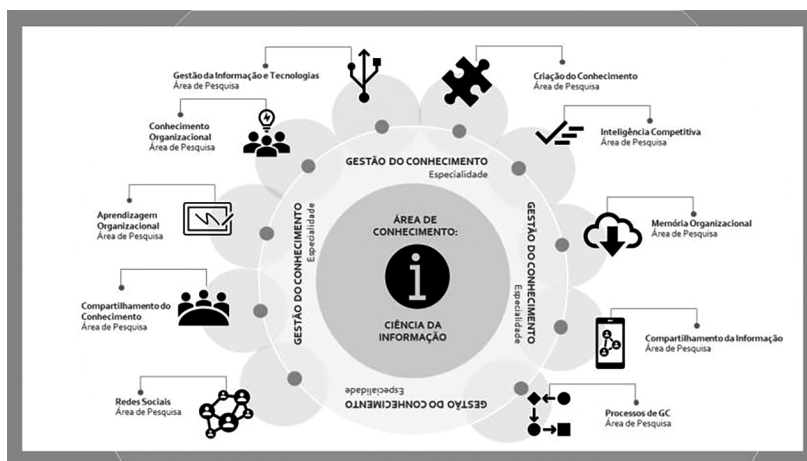
Retomando a Whitley (1974), uma especialidade é formada por um conjunto aglomerado de áreas de pesquisa que, também, podem ser consideradas como situações-problemas. A Ciência da Informação, tendo como objeto de estudo a informação, possui especialidades voltado para o contexto informacional e suas situações-problemas a partir de problemas informacionais.

A partir da análise dos dados e as inferências tomadas nesta investigação, compreendemos que a Gestão do Conhecimento vem ocupando as estruturas cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil enquanto disciplina que, no seu conjunto teórico, metodológico e epistemológico, se apresenta como passível de diversas abordagens que podem ser entendidas como situações-problemas ou áreas de pesquisa.

Os estudos de Pinheiro (1997, 2006, 2018), Martins (2014) e Araújo (2014a, 2017, 2018) entendem que a estrutura da Ciência da Informação pode ser compreendida pelas áreas de formação que dialogam com este campo, bem como com as tendências temáticas, e a formação dos próprios GT da ANCIB e ENANCIB. Nesse sentido, compreendemos que este campo informacional tem um conjunto de especialidades e/ou áreas a partir desses indicadores.

Sendo assim, destacamos como a Gestão do Conhecimento, atualmente e partir dos resultados alcançados, se posiciona no campo da Ciência da Informação brasileira, conforme a Figura 6, a seguir.

Figura 6 – Posicionamento científico da Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação no Brasil¹⁶



Fonte: Elaboração própria.

A Gestão do Conhecimento, atualmente, pode ser compreendida como uma especialidade por possuir um conjunto de situações-problemas (temas que podem ser problematizados em pesquisas futuras) que formam as áreas de pesquisa dessa disciplina. Sendo assim, a Ciência da Informação abarca a GC enquanto tema que pode ser visualizada como uma especialidade, incluindo a Gestão da Informação e suas Tecnologias, a Criação do Conhecimento, a Inteligência Competitiva, o Conhecimento Organizacional, a Aprendizagem Organizacional, a Memória Organizacional, o Compartilhamento do Conhecimento, o Compartilhamento da Informação, os Processos de Gestão do Conhecimento e as Redes Sociais como áreas de pesquisa.

Nesse sentido, a Figura 6 representa o centro/núcleo que se configura como a área de conhecimento ou campo científico “Ciência da Informação”, em sua aresta, intrinsecamente, emerge a GC enquanto especialidade representada pelo círculo ao seu redor e, ligadas a essa especialidade, os círculos menores representam cada área de pesquisa. Tais áreas foram as que incidiram em nossa análise, mas isso não implica que outras possam emergir durante a ampliação do escopo da GC neste campo informacional, como a cultura organizacional e informacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS?

Ao chegar neste último momento da obra tecemos as principais conclusões, a partir dos dados revelados. Uma primeira constatação é de que a identidade epistemológica da Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação no Brasil se assenta pelas terminologias/conceitos e fundamentos teóricos direcionados para a interação dos sujeitos sociocognitivos que compartilham seus conhecimentos tácitos em um contexto capacitante (Ba) e, ao explicitá-los, tornam-se em informações estratégicas para os usuários de múltiplos ambientes.

A segunda constatação é que a Gestão do Conhecimento no campo da Ciência da Informação no Brasil encontra-se em processo evolutivo, com elevado nível de institucionalização científica, a partir da análise combinatória de suas estruturas cognitiva e social.

Nesse sentido, a Gestão do Conhecimento se posiciona como uma especialidade no campo da Ciência da Informação, com abordagens que se relacionam ao seu termo e que refletem como objetos de análise e situações-problemas de um conjunto de áreas de pesquisa no campo, a partir de suas estruturas cognitiva e social.

Importante destacar que a representação do núcleo da GC e os aspectos teóricos apresentados nesta obra refletem os achados relacionados a produção científica no âmbito do maior evento da Ciência da Informação, o ENANCIB.

Além disso, é preciso estar atentos às mudanças e evoluções nos componentes da estrutura social da GC, tendo em vista que são instituições, grupos, linhas de pesquisa, redes, canais de comunicação, perfil de formadores/pesquisadores que também estão em constantes transformações.

Dessa forma, registramos a importância da continuidade desta pesquisa, focando não só no ENANCIB, mas também na produção científica referente aos artigos de periódicos, de livros e capítulos de

livros, de teses e de dissertações e no monitoramento de componentes que formam sua estrutura social.

O processo de institucionalização científica de uma área não é estático. Uma vez identificada o atual estágio da GC, não podemos enquadrá-la permanentemente no nível mencionado, mas é necessária a constante atualização e acompanhamento dos níveis cognitivo e social, a partir dos indicadores estabelecidos nesta obra à luz da teoria whitleyana.

Sugerimos, portanto, que futuras pesquisas possam ser desenvolvidas a partir desta pesquisa, a saber:

- Realização de entrevistas com pesquisadores que representam o núcleo da GC a partir da produção científica do ENANCIB, com vistas às suas percepções sobre o desenvolvimento e maturidade da GC na Ciência da Informação no Brasil;
- Identificação e mensuração da estrutura cognitiva da GC em outras fontes de produção científica deste campo informacional;
- Efetivação de pesquisas continuadas com foco em IES, Programas e Linhas de Pesquisa da Ciência da Informação, partindo do pressuposto de novos componentes e atualização dos já existentes;
- Estudos que verifiquem a presença das áreas de pesquisa da especialidade GC no campo da Ciência da Informação no Brasil;
- Estudos com foco na presença da GC enquanto disciplina emergente nas estruturas dos cursos de graduação vinculados a Ciência da Informação no Brasil, como Arquivologia, Biblioteconomia, Gestão da Informação e Museologia;
- Pesquisas que analisem o processo de institucionalização da GC na Ciência da Informação no contexto internacional.

Esperamos que esta obra possa contribuir com o protagonismo da GC na Ciência da Informação, mais especificamente no contexto acadêmico, científico, e profissional daqueles que se interessam pelo tema.

Almejamos, portanto, que os escritos deste estudo alcancem o entendimento de que este tema se encontra em emergência e, apesar de suas limitações como qualquer outro campo científico, possui um sólido corpo teórico-metodológico e importantes espaços institucionais neste campo informacional.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA NETO, R. C. D. **Gestão do conhecimento em organizações**: proposta de mapeamento conceitual integrativo. São Paulo: Saraiva, 2008. 236 p.

ALVARES, L. M. A. R. *et al.* Interfaces disciplinares selecionadas da gestão do conhecimento: características, contribuições e reflexões. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 132–160, 2020.

ALVARES, L.; BAPTISTA, S. G.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. Gestão do Conhecimento: categorização conceitual. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 235-252, jul./dez., 2010.

ALVES, C. A.; DUARTE, E. N. A relação entre a Ciência da Informação e a Ciência da Administração. **Transinformação**, Campinas, v.27, n.1, p.37-46, 2015.

ANGELONI, M. T. **Organizações do conhecimento**: infraestrutura, pessoas e tecnologias. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ARAÚJO, C. A. Á. **O que é ciência da informação?**. Belo Horizonte: KMA, 2018. 126 p.

ARAÚJO, C. A. Á. Teorias e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 9-34, jul./dez., 2017.

ARAÚJO, C. A. Á. **Fundamentos da Ciência da Informação**: correntes teóricas e o conceito de informação. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57-79, jan./jun., 2014a.

ARAÚJO, C. A. Á. O que é Ciência da Informação?. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 01 – 30, jan./abr., 2014b.

ARAÚJO, C. A. Á. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v.12, n.1, jan./jun., 2006.

ARAÚJO, C. A. Á.; VALENTIM, M. L. P. A ciência da informação no Brasil: mapeamento da pesquisa e cenário institucional. *Bibliotecas*. **Anales de Investigación**, Cuba, v. 15, n. 2, p. 232-259, 2019.

ARBOIT, A. E. **O processo de institucionalização sociocognitiva do domínio de Organização do Conhecimento a partir dos trabalhos científicos dos congressos da ISKO**. 2014. 285 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ANCIB. **Apresentação dos anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2008.

BARBOSA, R. R. Gestão da informação e gestão do conhecimento: evolução e conexões. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, número especial, p. 168-186, fev. 2020.

BARBOSA, R. R. Gestão da informação e do conhecimento: origens, polêmicas e perspectivas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 13, n. esp., p. 1-25, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, A. A. Olhar sobre os 20 anos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 3-28, jan./dez. 2009.

BATISTA, F. F. **Proposta de um modelo de gestão do conhecimento com foco na qualidade**. 2003. 287 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

BAZI, R. E. R.; SILVEIRA, M. A. A. Constituição e institucionalização da ciência: apontamentos para uma discussão. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n.2, p. 129-137, maio/ago., 2007.

BETTENCOURT, M. P. L.; CIANCONI, R. B. Gestão do conhecimento: um olhar sob a perspectiva da Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, n. 1, 2012.

BERGERON, B. P. **Essentials of knowledge management**. Chischester: John Wiley & Sons, 2003.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004. 85 p.

BRITO, R. C. **Análise do processo de gestão da informação e do conhecimento em uma biblioteca virtual no *Second Life***. 2021, 236 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, 2021.

BUKOWITZ, W. R.; WILLIAMS, R. L. **Manual de gestão do conhecimento:** ferramentas e técnicas que criam valor para a empresa. Porto Alegre: Bookman, 2002.

BUFREM, L. S.; PRATES, Y. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago. 2005.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento:** como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003.

CIANCONI, R. B. **Gestão do conhecimento:** visão de indivíduos e organizações no Brasil. 2003. 297 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2003.

CORRÊA, F. **A gestão do conhecimento holística:** conformação de seus fatores, análise do presente e direcionamento para estudos futuros. 2018, 300 f. Tese (Doutorado em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento) – Fundação Mineira de Educação e Cultura, 2018.

CORRÊA, F.; ZIVIANE, F.; FRANÇA, R. S. Produções científicas sobre gestão do conhecimento: uma análise bidirecional de autores versus referências literárias. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., Salvador, 2016. **Anais...** Salvador: UFBA, 2016.

CUNHA, M. B. IBICT: 51 anos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 7- 8, 2005.

DALKIR, K. **Knowledge Management in Theory and Practice**. Cambridge: MIT Press, 2005.

DAMIAN, I. P. M.; MORO CABERO, M. M. Proposição de um modelo de gestão do conhecimento voltado às características da memória organizacional. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 25, p. 01-21, 2020.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. 2. ed., Rio de Janeiro: Campus, 1998. 237 p.

DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1997, 186 p.

DUARTE, E. N. **Análise da produção científica em gestão do conhecimento**: estratégias metodológicas e estratégias organizacionais. 2003. Tese (Doutorado em Administração). Pós-Graduação em Administração – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2003.

DUARTE, E. N. *et al.* (org.). **Componentes curriculares do eixo temático gestão na pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, Espanha e Portugal**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. 272 p.

DUARTE, E. N.; FEITOZA, R. A. B.; MONTEIRO, M. F.; LIMA, A. R. P. Conteúdos emergentes da gestão da informação e do conhecimento nos cursos de pós-graduação em ciência da informação no Brasil. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 10, n. especial, p. 176–200, 2020.

DUARTE, E. N. *et al.* (org.). **Enfoques multidisciplinares da Gestão do Conhecimento**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. 207 p.

DUARTE, E. N. Tendências temáticas do GT4 no Enancib 2011: rumo à gestão da inovação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 2, p. 4–11, 2012.

DUARTE, E. N.; LIRA, S. L.; LIRA, W. S. Gestão do Conhecimento: origem, evolução, conceitos e ações. *In*: DUARTE, E. N.; LLARENA, R. A. S.; LIRA, S. L. (Org.). **Da informação à auditoria do conhecimento**: a base para a Inteligência Organizacional. João Pessoa: UFPB, 2014. 394 p.

DUTRA, F. G. C.; BARBOSA, R. R. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 106-131, maio/ago. 2020.

ELIEL, R. A. Institucionalização da Ciência da Informação no Brasil: estudo da convergência entre a produção científica e os marcos regulatórios da área. **Transinformação**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 207-224, set./dez., 2008.

FEITOZA, R. A. B. **Gestão do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil**: estruturas cognitiva e social no seu processo de institucionalização científica. 2022. 313 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

FEITOZA, R. A. B. **Memória organizacional no contexto dos processos de gestão do conhecimento associados às práticas arquivísticas**. 2019, 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade da Federal da Paraíba, 2019.

FEITOZA, R. A. B.; MONTEIRO, M. F.; DUARTE, E. N. A gestão da informação e do conhecimento na pós-graduação em ciência da informação no Brasil. *In*: PAULA, S. L.; PRESSER, N. H. Gestão da Informação, estratégia e inovação. ENCONTRO SOBRE CIÊNCIA,

TECNOLOGIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO (ENEGI), 9., 2019. Recife, **Anais...** Recife: UFPE, 2019. p. 259-271.

FERNANDES, J. A. C. **Bases conceituais da gestão do conhecimento.** 2019. 187 fls. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

FORESTI, N. Contribuição das Revistas Brasileiras de Biblioteconomia e Ciência da Informação Enquanto Fonte de Referência para a Pesquisa. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). **Ciência da Informação**, Brasília, v.19, n. 1, p. 53-71, jan./jun. 1990.

FREITAS, L.; ALBUQUERQUE, A. C. As abordagens da análise de domínio como aporte metodológico para a classificação arquivística. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.10, n.2, ago./dez. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. – 5 reimpr. São Paulo: ed. Atlas, 2012. 200 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HJØRLAND, B. Domain analysis in Information Science: Eleven approaches – traditional well as innovative. **Journal of Documentation**, v.58, n.4, p.422-462, 2002.

JASHAPARA, A. The emerging discourse of knowledge management: a new dawn for information science research?. **Journal of Information Science**, v. 31, p.136-148, fev. 2005.

KAJIMOTO, N.; VALENTIM, M. L. P. Aplicação do método Storytelling da gestão do conhecimento para constituição da memória organizacional

do movimento Shindo Renmei. **RICI: Revista Ibero-americana em Ciência da Informação**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 364-387, jul./dez.2017.

KOBASHI, N. Y.; SMIT, J. W.; TÁLAMO, M. F. G. M. A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, abr. 2001.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos da metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KROGH, G. V.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Facilitando a criação de conhecimento**: reinventando a empresa com o poder da criação contínua. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

LARA, M. L. G.; SMIT, J. W. Os ENANCIBs e a Ciência da Informação brasileira: introdução. *In*: LARA, M. L. G.; SMIT, J. W. **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/USP, 2010. p. 11-21.

LLARENA, R. A. S. **Gestão do Conhecimento na rede do ProJovem Urbano**: modelo baseado nas políticas públicas. João Pessoa, 2015. 327 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, 2015.

LEITE, E. S. **Gestão do conhecimento nas empresas brasileiras**: relações entre estratégia empresarial, gestão de competências e de resultado e impactos no desempenho do negócio. 2004. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

LIBERATORE, G.; HERRERO-SOLANA, V. Caracterización temática de la investigación en Ciencia de la Información en Brasil en el período 2000-2009. **Transinformação**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 225-235, 2013.

LIRA, S. L. **Modelo de comunidade de prática com foco em gestão do conhecimento no ambiente contábil público de universidades federais brasileiras.** 2019, 256 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, 2019.

LOUREIRO-ALVES, M. F. **Conhecendo um campo de estudo:** aspectos da institucionalização cognitiva e social da ciência da informação. 2010. 243 f. Tese (Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTELETO, R. M. A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: marcos institucionais, cenários e perspectivas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. especial, p. 19-40, 2009.

MARTELETO, R. M. Lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos. *In:* LARA, M. L. G.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Org.). **Informação e Contemporaneidade:** perspectivas. São Paulo: Néctar; ECA/USP, 2007. p. 13-26.

MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. Os Grupos de Trabalho – GTs da ANCIB e a promoção da pesquisa em Ciência da Informação. *In:* FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. (org.). **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação.** São Paulo: Cultura Acadêmica Editora; Marília: Fundepe. 2008. p.3-15.

MARTINS, G. K. **Institucionalização cognitiva e social da organização e representação do conhecimento na Ciência da Informação no Brasil.** 2014. 182 f. Tese (Doutorado em Ciência da

Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

MACHLUP, F. **The production and distribution of knowledge in the United States.** Princeton, NJ: Princeton University Press, 1962.

MALONE, D. Knowledge management: a model for organizational learning. **International Journal of Accounting Information Systems**, v.3, p. 111-123, 2002.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica.** Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999. 268p.

MELO, H. F.; GALLOTTI, M. M. C.; CARVALHO, A. V. A rede de gestão da informação e do conhecimento enquanto rede de conhecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 21., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: ANCIB, 2021.

NONAKA, I.; KONNO, N. The Concept of “Ba”: building a foundation for knowledge creation. **California Management Review**, Berkeley, v. 40, n. 3, p. 40-54, 1998.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa:** como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

OLIVEIRA, L. P. **Gestão do conhecimento na Universidade Corporativa Banco do Brasil.** 2014. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PADILHA NETO, J. D. **A gestão na composição curricular dos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil:** a contribuição do diálogo interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Ciência da Administração. 2020. 138f. Dissertação (Curso de Mestrado em

Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, 2020.

PALERMITI, R.; POLITY, Y. Dynamiques de l'institutionnalisation sociale et cognitive des sciences de l'information. *In*: BOURE, R. **Les origines des sciences de l'information et de la communication: regards croisés**. Paris: PUS, 2002. p. 95-123.

PINHEIRO, L. V. R. Mutações na ciência da informação e reflexos nas mandalas interdisciplinares. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 28, n. 3, 2018.

PINHEIRO, L. V. R. Cenário da pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, influências e tendências. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador, UFBA, 2007.

PINHEIRO, L. V. R. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. *In*: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; ORICO, E. G. D. (org.). **Políticas de memória e informação**. Natal: EDUFRN, 2006. p.111-142.

PINHEIRO, L. V. R. **A Ciência da Informação entre sobra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar**. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, 1997. 280f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

PROBST, G.; RAUB, S.; ROMHARDT, K. **Gestão do conhecimento: os elementos constitutivos do sucesso**. Tradução: Maria Adelaide Carpigiani. Porto Alegre: Bookman, 2002.

ROSSATTO, M. A. **Gestão do conhecimento: a busca da humanização, transparência, socialização e valorização do intangível.** Rio de Janeiro: Interciência, 2003.

SAGSAN, M. Knowledge management discipline: test for an undergraduate program in Turkey. **Electronic Journal of Knowledge Management**, Sonning Common, v. 7, n. 5, p. 627-636, 2009.

SANTOS, R. N. M.; KOBASHI, N. Y. Análise da constituição e institucionalização da bibliometria, da cientometria e da infometria. **Tendências de Pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n.1, p.155-172, jan./dez. 2009.

SANTOS, R. R.; LLARENA, R. A. S.; LIRA, S. L. Conhecimento: conceito, reflexões e aproximações. *In*: DUARTE, E. N.; LIRA, S. L.; LLARENA, R. A. S. (org). **Da informação à auditoria do conhecimento: a base para inteligência organizacional.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. p. 45-78.

SEAGER, M. M. M. T. **Análise do processo de Gestão da Informação e do Conhecimento no Orçamento Participativo do município de João Pessoa/PB.** 2018, 296 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, 2018.

SENGE, P. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende.** Rio de Janeiro: Best-Seller, 1998.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, H. F. N. Editorial. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento.** Curitiba, v. 1, n. 1, p. 1-3, jan./jun. 2011.

SILVA, J. K. B. **A produção brasileira de teses e dissertações em Ciência da Informação**: um panorama temático e quantitativo dos anos 2012 a 2016. João Pessoa, 2017. 66f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, 2017.

SILVA, R. C. **Institucionalização científica da economia política da informação**: contributos sociais e cognitivos na produção científica do campo da Ciência da Informação no Brasil. 2020. 129 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SOUSA, L. L. C.; DÁVILA, G. A.; VARVAKIS, G. A Gestão do Processo e do Conhecimento na Terceirização. *In*: SIMPOI, XI Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais: fevereiro de 2009. **Anais...** FGV São Paulo, 2009.

SOUZA, E. D. A institucionalização da Ciência da Informação no Brasil: elementos disciplinadores do campo científico. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 22, n. esp. p. 49-64, 2012.

SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W.; NASSIF, M. E. A gestão da informação e do conhecimento na ciência da informação: perspectivas teóricas e práticas organizacionais. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 55-70, 2011.

SOUZA, R. F.; STUMPF, I. R. C. Ciência da Informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da Pós-graduação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, número especial, p. 41-58, 2009.

STANKOSKY, M.; BALDANZA, C. A system approach to engineering a knowledge management system. *In*: BARQUIN, R. C. et al. (orgs.). **Knowledge management: the catalyst for electronic government**. Vienna: Management Concepts, 2001.

STOLLENWERK, M. F. L. Gestão do Conhecimento: conceitos e modelos. In: TARAPANOFF, Kira (org.). **Inteligência organizacional e competitiva**. Brasília: UNB, 2001. p. 143- 163.

SVEIBY, K. E.; MARTINS, J. R. **Gestão do Conhecimento**: as lições dos pioneiros. GlobalBrands. 2005.

TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. **Gestão do Conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

TEIXEIRA FILHO, J. **Gerenciando conhecimento**: como a empresa pode usar a memória organizacional e a inteligência competitiva no desenvolvimento dos negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2001.

TERRA, J. C. C. **Gestão do Conhecimento**: o grande desafio empresarial: uma abordagem baseada no aprendizado e na criatividade. São Paulo: Negócio Editora, 2000.

TREVISOL NETO, O. **A institucionalização científica do campo da Moda no Brasil**: estudo baseado nas instituições, produtores e produtos científicos. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VALENTIM, M. L. P. Conceitos sobre Gestão do Conhecimento: uma revisão sistemática da literatura brasileira. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-34, 2021.

VALENTIM, M. L. P. Gestão da informação e gestão do conhecimento em ambientes organizacionais: conceitos e compreensões. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 2008.

VALENTIM, M. L. P. **Gestão da informação e Gestão do conhecimento: especificidades e convergências.** 2004.

VALENTIM, M. L. P. Inteligência competitiva em organizações: dado, informação e conhecimento. **DataGramaZero**, v.3, n.4, p.1-13, ago. 2002.

WHITLEY, R. Cognitive and social institutionalization of scientific specialities and research areas. *In*: WHITLEY, Richard. **Social processes of scientific development.** London: Routledge and Kegan, 1974. p. 69-95.

WIIG, K. M. **Knowledge management foundations: thinking about thinking:** how people and organizations create, represent and use knowledge. Arlington: Schema Press, 1993.

WILSON, T. D. The nonsense of knowledge management. **Information Research**, v. 8, n. 1, p. 144, 2002.

ZAHER, C. R. Entrevista: Célia Ribeiro Zaher. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995.

ZINS, C. Redefining information science: from "information science" to "knowledge science". **Journal of Documentation**, v. 62, n. 4, p. 447-461, Apr. 2006.

NOTAS DE FIM

1 Ressaltamos que no ano de 2023 houve novos cursos de mestrado e doutorado aprovados no âmbito da Ciência da Informação, na área de Comunicação e Informação da CAPES. No entanto, esta pesquisa levou em consideração os PPG que estavam em curso naquele ano de 2022.

2 Portal disponível em: <https://abecin.org.br/>

3 Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br>

4 Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>

5 Sistema de livre acesso disponível em: <https://wordart.com/>

6 Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>

7 Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf

8 Documento disponível em:

<https://gesinf.paginas.ufsc.br/files/2020/11/ACORDO-INST.-COOP.-TEC.-ASSINADO.pdf>

9 Disponível em: <https://gic.ufsc.br/>

10 Dispõe o Acordo Institucional de Cooperação Técnica que entre si celebram a UFSC e a UFPR.

11 Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc>

12 Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz>

13 Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao>

14 Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/>

15 A revista anunciou, em 2015, que o periódico não circularia mais por meio de seu último editorial.

16 Elaborada a partir do *Microsoft office*, recurso *power point*, com o auxílio da inteligência artificial do aplicativo. Nesse sentido, os ícones/ figuras são da própria ferramenta.

SOBRE O AUTOR E A AUTORA

Rayan Aramís de Brito Feitoza

Professor Adjunto do Departamento de Ciência da Informação (DCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutor em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), na Linha de pesquisa Ética, Gestão e Política de Informação - (2022). Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), na Linha de pesquisa Ética, Gestão e Política de Informação - Bolsista CAPES (2017-2019). Bacharel em Arquivologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - (2016). Pesquisador no Grupo de Pesquisa Informação, Aprendizagem e Conhecimento (GIACO) da UFPB, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e na UFPB. Atuou como Professor Adjunto do Departamento de Fundamentos e Processos Informacionais (DFPI) do Instituto de Ciência da Informação (ICI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (2021-2023). Áreas de interesse em estudos e pesquisa: Gestão de Unidades de Informação, Gestão do Conhecimento, Gestão da Informação, Gestão de Documentos e suas Funções Arquivísticas, Estudo de Usuários nos Arquivos e na Arquivologia.

Emeide Nóbrega Duarte

Professora de nível titular, aposentada, da Universidade Federal da Paraíba, no Departamento de Ciência da Informação e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Realizou Pós-doutorado em Ciência da Informação na UNESP - Marília. Doutorado em Administração e Mestrado em Biblioteconomia realizados na UFPB. Possui curso de graduação em Biblioteconomia pela UFPB. Curso de Especialização em Documentação Científica realizado na UFRJ/IBBD. Curso de especialização

em Organização e Administração de Arquivos realizado na UFPB. Membro do comitê interno de pesquisa (PIBIC/PIVIC/PRPG) da UFPB, durante o período de 2014 a 2016. Coordenadora do GT4 do ENANCIB - 2013 e 2014. Vice-coordenadora do GT4 do ENANCIB - 2017/2018. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq "Informação, Aprendizagem e Conhecimento" (GIACO). Atua nos seguintes eixos temáticos: produção científica, gestão da informação e do conhecimento, aprendizagem organizacional, cultura informacional, competências e inteligência organizacional. Nos cursos de graduação em Biblioteconomia e Graduação em Arquivologia ensina a disciplina "Gestão da Informação e do conhecimento".

NOTA À EDIÇÃO

Esta obra que você, leitor, tem em mãos foi contemplada pelo Edital PRPG/UFPB N° 01/2024, financiado pelo Programa de Apoio à Produção Científica - PRÓ-PUBLICAÇÃO DE LIVROS da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, uma parceria entre a Editora UFPB e a PRPG. Ela representa o esforço de diversos pesquisadores e pesquisadoras, docentes, servidores técnico-administrativos, alunos e alunas desta instituição para divulgar o conhecimento científico produzido pela Universidade Federal da Paraíba.

O edital possibilitou a publicação de 13 livros em formato eletrônico sobre as mais variadas temáticas, reunindo pesquisadores ligados a dez departamentos, vinculados a sete diferentes centros de ensino e a dois campi da UFPB.

Das ciências das religiões às ciências da saúde, passando pelos estudos literários e sociais, apresentando reflexões sobre o fazer científico e os desafios educacionais, os títulos contemplados este ano apresentam um retrato - parcial e incompleto, visto que não contempla toda a pesquisa realizada na UFPB, mas ainda assim bastante significativo - da contribuição que nossa Instituição oferece à sociedade brasileira no intuito de avançar o fazer científico e ajudar no desenvolvimento do País.

Evandro Leite de Souza
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento
Diretora Geral da Editora UFPB



Título GESTÃO DO CONHECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO
BRASIL: INSTITUCIONALIZAÇÃO E POSICIONAMENTO CIENTÍFICO

Autores Rayan Aramis de Brito Feitoza
Emeide Nóbrega Duarte

Projeto gráfico e Capa Jerfson Oliveira

Formato e-book (PDF – 16x22 cm)

Tipografia Myriad Pro

Número de páginas 141



EU